

SAUDADE DO FUTURO

Diário de um Peregrino pelo Caminho da Fé



VALDIR LEITE QUEIROZ

"Uma vida
não basta apenas ser vivida:
também precisa ser sonhada".
(Mario Quintana)

"Eu não tenho paredes.
Só tenho horizontes."
(Mario Quintana)

Saudade do Futuro

Diário de um Peregrino pelo Caminho da Fé

Valdir Leite Queiroz

Queiroz, Valdir L.

Saudade do Futuro: Caminho da Fé / Valdir L. Queiroz. – São Paulo : Clube de Autores, 2016.

199p.

ISBN 978-85-907094-2-8

1.Literatura brasileira. 2. Autobiografia. 3.Caminho da Fé – peregrinação. 4. Descrição de viagem. 1. Título

CDU: 821.134.3(81)-94

Todos os direitos reservados. Proibida reprodução, armazenamento ou transmissão, sem prévia autorização.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-907094-2-8

Pedidos somente pela Internet:

Clube de Autores

www.clubedeautores.com.br

Contato com Autor: valdir@avbbrasil.org.br

Peregrino é aquele que busca algo mais do que a paisagem do Caminho

DEDICATÓRIA I

Dedico este livro a meu amigo Beto (In Memoriam)! O Senhor Destino tem o poder de escrever o nosso livro da vida. Mas, às vezes, Ele, o "Senhor Destino", parece mais um escritor maluco, e nos prega "peças" incompreensíveis. Não era hora de o meu amigo Beto ter partido!

Quantos sonhos, quantas trilhas, quantos encontros ainda por viver! Aí vem o senhor maluco, digo, o "Senhor Destino", e retira o meu amigo Beto do palco da vida. Incompreensível, imperdoável!

Porém, para atenuar um pouco a dor que sentimos, temos o alento das lembranças, dos momentos compartilhados, dos lugares vividos, e principalmente, das histórias convividas.

E foram tantas. Desde a infância, passando pela adolescência, percorrendo a juventude e chegando a idade adulta.

Compartilhamos as alegrias da infância, as "espinhas" da adolescência, as loucuras da juventude e, na idade adulta, as trilhas dos peregrinos!

Apesar da dor, o "Senhor Destino" nos traz boas notícias: O Beto vai ser Avô de um menino. Seja bem-vindo garoto! Pois quando chegares, verás que o teu Avô semeou no teu caminho, as mais importantes sementes da vida: A semente do Caráter, da Lealdade, da Ternura, do Amor e da Amizade. Seja bem-vindo Lui!

DEDICATÓRIA II

Dedico este livro, também, aos meus netos de sangue: Théo e Lisa, e aos meus netos de coração: Lui, neto do Beto e Arlete, e ao Lucas, neto da Adriana, minha ficante preferida.

Sejam bem-vindos Théo, Lisa, Lui e Lucas! Que a inocência de vocês nos contagie por longos anos. Que a ternura de vocês, nos torne mais crianças e menos adultos. Que a sinceridade, de criança, de vocês, molde um pouco mais o nosso caráter. Que a alegria, de criança, de vocês invada cada vez mais estes nossos olhos às vezes cansados por tanta maturidade!

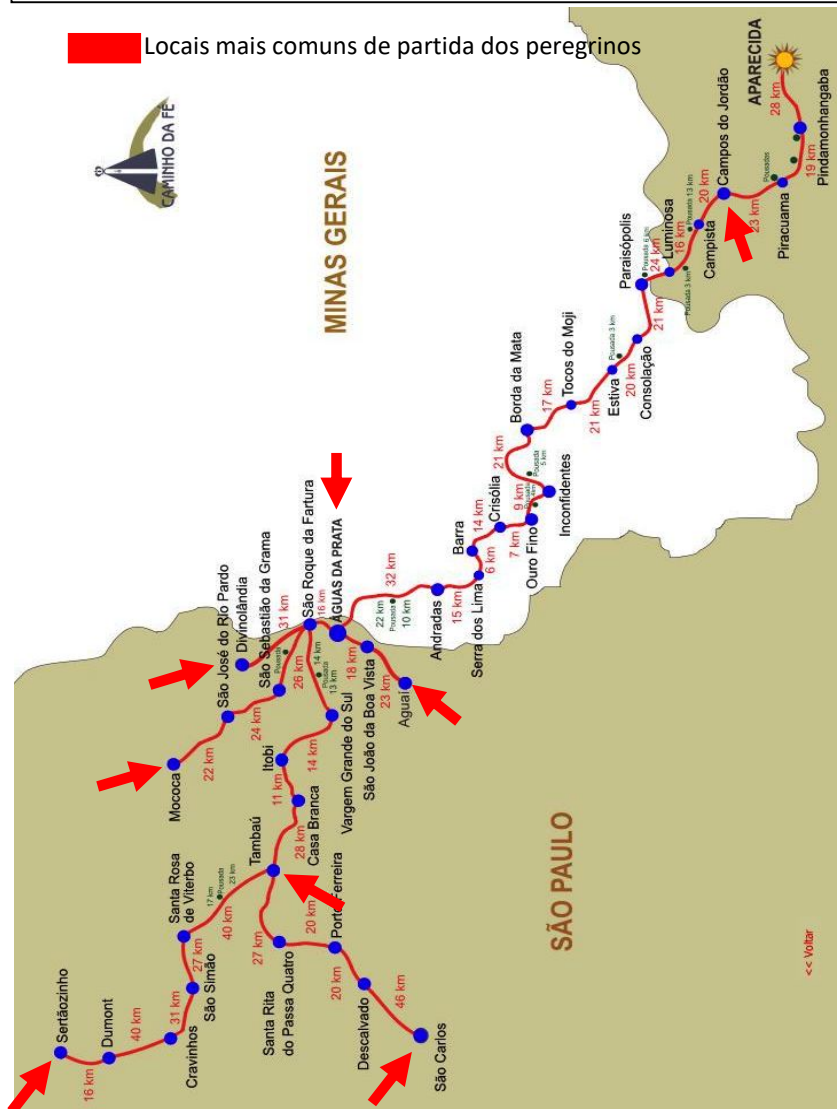
Sejam bem-vindos Théo, Lisa, Lui e Lucas! Que a ausência de conceitos pré-fabricados em vocês, nos contamine e nos faça enxergar as pessoas pelo que transmitem as suas almas e não os seus títulos e posses.

Sejam bem-vindos Théo, Lisa, Lui e Lucas! Que a pureza, de criança, de vocês continue irrigando as nossas almas adultas, já tão poluídas de sentimentos que não existem na pureza das crianças. Que a paz, de criança, de vocês acalente também os nossos corações de adultos, já tão contaminados por vaidades, modismos e até desesperança.

Sejam bem-vindos Théo, Lisa, Lui e Lucas! Que a capacidade infinita de sonhar, como criança, de vocês nos sirva de norte para que nos bebamos cada vez mais desta fonte e percebamos que esta é a arma mais poderosa do mundo estando à mesma disponível no interior de cada um de nós.

Sejam bem-vindos Théo, Lisa, Lui e Lucas! Que o amor, de criança, de vocês seja eterno, não apenas enquanto dure, mas enquanto houver sonhos. Ouso plagiar aqui um grande poeta e ousando discordar dos seus versos eu diria: eu poderia até suportar a perda dos meus amores, a perda dos meus amigos, mas morreria se me privassem da ternura de uma criança. Sejam bem-vindos Théo, Lisa, Lui e Lucas!

Mapa do Caminho da Fé com cinco locais de partidas distintos. Todos se encontram em Águas da Prata. O local de partida mais distante é Sertãozinho que fica a 602 Km de Aparecida.



Não é o Peregrino que faz o Caminho, é o Caminho que faz o Peregrino!

Credencial do Caminho da Fé

Nº SE 203

CAMINHO DA FÉ

A ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO CAMINHO DA FÉ através de seu colaborador na Cidade de Sertãozinho No dia 13 / 08 / 15 Emite a presente credencial para o (a) portador (a): Valdir Leite Queiroz

Cidade Sertãozinho
 Estado G.O.
 País Brasil
 R.G. nº 27.299

Para peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

A pé de bicicleta

"Que Nossa Senhora interceda junto ao Todo Poderoso para que o peregrino tenha um caminho pleno de luz".

[Assinatura]
 Assinatura do Peregrino

Peregrinação Cumprida.

Aparecida-SP 14 / 08 / 2015

[Assinatura]

Peregrino é aquele que busca algo mais do que a paisagem do Caminho

Sumário

Os registros.....	11
A desova das tartarugas marinhas.....	14
O que é o Caminho da Fé	17
O Senhor Destino	23
Vitor	29
O primeiro passo	31
O Padre e o cachorro.....	36
O tablet.....	39
A proposta de namoro.....	46
Os Ciclistas.....	49
Areia e areia.....	52
Pouso na fazenda.....	55
O uso político do Caminho.....	59
O canivete e a onça.....	63
A bandeira e os dois garotos.....	73
Reunião com Thiaguim, Fatinha e Cidinha.....	79
O pedido da freira.....	84
Os excomungados.....	88
Os precursores da cultura do desapego.....	105
O amanhecer e os cinco sentidos.....	116
As árvores vestidas de crochê.....	120
Zal e eu.....	125
O peregrino moribundo.....	130
Os primeiros peregrinos.....	135
O trecho de 30 passos.....	137
Os amores do Caminho.....	141
Paraisópolis e seus boulevards.....	151

O motoqueiro apaixonado.....	154
Beto, o beliche e eu.....	159
O Corredor do sufoco.....	172
Pipoca com queijo crocante.....	183
Seguir o rebanho.....	186
Os donos da Fé.....	189

Os registros

Estudos científicos comprovam que as nossas decisões, desde as mais simples até as mais complexas e importantes não são tomadas por nós e sim pelo nosso cérebro. Não somos nós que comandamos o nosso cérebro, e sim, ele que nos comanda utilizando de todas as informações guardadas na nossa mente. O nosso cérebro compara o problema que estamos enfrentando com as dificuldades iguais ou mais parecidas que estamos vivenciando e nos aponta a decisão a ser tomada, que nem sempre é a mais correta, pois pode ser que ele não encontre registros semelhantes ali, então ele lhe mostra o registro mais próximo.

Estudos mostram, também, que a intensidade da emoção vivida, associada a um acontecimento, afetará profundamente o comportamento futuro do indivíduo devido a influencia desta experiência do passado. Sempre que situações semelhantes surgirem no futuro, o indivíduo

irá agir ou reagir em função da experiência emocional do passado, enfrentando ou fugindo da situação.

Quanto mais intensa a emoção associada ao acontecimento, mais intenso o registro, ou memória emocional associada, podendo gerar trunfos valiosos para decisões futuras ou trauma se o registro associado ao acontecimento foi gravado sobre uma forte emoção negativa. Esses registros podem influenciar na identidade de uma pessoa, em seus valores e suas crenças.

No processo de gravação de informações no cérebro dois fatores são determinantes: O nível de intensidade emocional e as emoções (sentidos) associadas ao fato.

O nosso cérebro aprende com tentativas e erros e o exemplo mais claro disso é como uma criança aprende a andar. Antes de dar os primeiros passos sozinha ela já caiu centenas de vezes e nem por isso desistiu de caminhar. É o cérebro se aprimorando e a cada tombo aperfeiçoa as informações que devem ser transmitidas a todo o corpo para que ele caminhe.

Por que nós adultos desistimos tão fácil e nos sentimos tão incapazes, muitas vezes, sem ao menos ter tentado? Provavelmente por que temos poucas boas memórias gravadas associadas a emoções, e é aí que entra a magia do Caminho, pois tudo que você vive no Caminho, você vive intensamente, tanto as dores, que são aprendizados importantes, quanto às superações que são

um estoque valioso para o cérebro mostrar caminhos e soluções para os desafios do cotidiano, lhe trazendo paz, bem estar e uma grande SAUDADE DO FUTURO.

*"Uma vida
não basta apenas ser vivida:
também precisa ser sonhada".*

(Mario Quintana)

A desova das tartarugas marinhas

Talvez o que explique melhor o que leva uma pessoa a sair do aconchego de seu lar, da sua zona de conforto e mudar radicalmente sua rotina, colocando uma mochila nas costas e partindo para uma longa caminhada de 30 a 60 dias seguidos, caminhando por trilhas, em terrenos íngremes, desconhecidos e acidentados, durante dias e dias, até chegar ao seu destino... Seja a desova das tartarugas marinhas! Sim, isso mesmo, a desova das tartarugas marinhas é o que melhor explica!

E justamente por ainda não haver nenhuma explicação convincente, do porquê das tartarugas marinhas nadarem milhares e milhares de quilômetros para fazer a sua desova, também não há uma explicação convincente para a peregrinação, mesmo porque, grande parte destes peregrinos, não tem como foco, a religião, ou seja, não

estão fazendo o caminho para o pagamento de uma promessa fundamentada em uma fé.

O fato é que grande parte dos peregrinos, como eu, não tem uma promessa a cumprir, e sim, uma necessidade quase instintiva de fazer sua "desova" fora da sua zona de conforto. Creio ser esta uma característica básica destes peregrinos.

O dia a dia, a rotina e a zona de conforto, vão, lentamente, consumindo o estoque de paz interior destes peregrinos e a saudade do Caminho torna-se latente como a batida de um coração. Quando o peregrino se encontra neste estagio, ele somente tem duas opções: Voltar ao caminho ou ao divã do analista.

Somente quem já fez o Caminho sabe, com precisão, que nem 100 anos de análise substituiria a paz duradoura que o caminho consegue impregnar em nossos sentidos, em nossos sentimentos e em nossas almas, depois da caminhada.

Sim, depois da caminhada, pois, durante a caminhada, há um exercício contínuo e constante que envolve todos os seus sentidos e sentimentos. Há um "bate boca" rotineiro entre a sua Razão, sua Emoção, sua Dor, seu Medo e sua Fé. Digo Fé, em você mesmo, pois quem não tem Fé em si mesmo, dificilmente conseguirá entender a grandeza dos sonhos.

E neste "bate boca" constante entre a Senhora Razão, a Senhora Emoção, a Senhora Dor, o Senhor Medo e a Senhora Fé, ora vence um, ora vence outro.

A dura tarefa imposta ao corpo diariamente, pelas longas caminhadas, por terrenos íngremes, onde as pernas e o fôlego teimam a faltar, faz com que a Senhora Dor, a Senhora Razão e o Senhor Medo saiam, muitas vezes, vencedores deste conflito, levando muitos peregrinos de volta para sua redoma.

Porém, existem muitos que dão mais ouvidos a Senhora Emoção ou a Senhora Fé, e com isso, são premiados com um sentimento muito forte de que são donos dos seus destinos, e de que, o impossível, é somente um sonho ainda não sonhado, pois tudo aquilo que for sonhado, com Fé e Emoção, é possível de ser realizado.

Somente depois do Caminho, com os sentidos e sentimentos mais aguçados e longe do ambiente em que cada um destes sentidos/sentimentos sagrou-se, ora vencedor, ora perdedor, é que eles, a Emoção, a Razão, o Medo e a Fé trabalham de mãos dadas e lhe proporciona aquele brilho no olhar somente encontrado nas crianças e nos sonhadores.

*"Eu não tenho paredes.
Só tenho horizontes."*

(Mario Quintana)

O que é o Caminho da Fé?

O Caminho da Fé nasce em inúmeros locais do Brasil e todos levam até o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, o maior Santuário no mundo dedicado a Maria, Mãe de Deus. Localiza-se no Vale do Paraíba, no eixo Rio – São Paulo, e entre as duas cidades mais importantes do País. Por esse vale corre um rio de nome Paraíba, que foi palco do aparecimento da devoção que une todo o Brasil.

A História da cidade de Aparecida se confunde e se mistura com a História da Santa Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Teve seu início em meados de 1717, quando chegou à notícia de que o Conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida e Portugal, Governador da Província de São Paulo e Minas Gerais iriam passar pela pequena Vila de Guaratinguetá, a caminho de Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto. Entre outras providências, era necessário que pescadores da região trouxessem do Rio Paraíba quantos peixes lhes caíssem na rede, a fim de promoverem o

banquete que deveria servir ao ilustre visitante e à sua comitiva, composta por auxiliares e muitos escravos. Grande quantidade de pescado deveria ser salgada para quando estivessem viajando pelo descampado das Minas Gerais até Vila Rica.

Pretendia-se mostrar a Dom Pedro os recursos do pequeno vilarejo. Mesmo não sendo boa época para a pesca, pescadores foram convocados; entre eles Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso. Colocaram suas canoas no Rio Paraíba e jogaram a rede várias vezes sem sucesso; pararam desanimados e abatidos pelo cansaço no Porto Itaguaçu. Numa última tentativa, João Alves jogou mais uma vez sua rede, e sentiu algo pesado ao puxar as primeiras malhas. Surpreendeu-se ao puxá-la e encontrar uma imagem sem cabeça, com anjos esculpidos ao redor dos pés. Espantado, lançou novamente a rede e o que veio à tona foi a cabeça da imagem, que se ajustava perfeitamente ao corpo anteriormente encontrado. Após encontrar, e reunir, o corpo e a cabeça da imagem de Nossa Senhora da Conceição, os peixes surgiram em abundância, para os três dedicados pescadores.

Durante quinze anos, a imagem foi protegida por Filipe Pedroso e sua família, em sua casa, onde se reuniam vizinhos e parentes para rezar e venerar a Santa, que se tornava conhecida pelos milagres que realizava. Atanásio Pedroso, filho de Filipe, construiu um oratório para a Santa,

que logo se tornou pequeno, devido ao grande número de devotos que por ali passavam.

Por volta de 1734, o Vigário de Guaratinguetá, com autorização do Bispo do Rio de Janeiro, construiu a Capela do Morro dos Coqueiros, aberta à visitação pública, inaugurada em 1745. Porém, o número de devotos aumentava, e exigia uma igreja maior, cuja construção iniciou-se em 1834 e foi concluída em 1888, sendo elevada a Basílica Menor, 1908.

O Distrito de Aparecida foi criado em março de 1842, recebendo foros de Vila. Vinte anos depois, em dezembro de 1928, a Vila que se formou ao redor da Capela do Morro dos Coqueiros tornou-se município, emancipando-se de Guaratinguetá. Em 1929, Nossa Senhora foi proclamada Rainha do Brasil e sua Padroeira Oficial, por determinação do Papa Pio XI.

O crescente aumento do número de romeiros e de devotos a Nossa Senhora da Conceição Aparecida fez com que surgisse a necessidade de construir-se um templo bem maior. Por iniciativa dos Missionários Redentoristas e dos Senhores Bispos, teve início 1955, a construção do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, o maior Santuário Mariano do mundo.

A pedra fundamental da Basílica Nova foi lançada em 1946, mas o início efetivo da construção ocorreu em

1955. A primeira missa no local aconteceu em 1946 e o primeiro atendimento aos romeiros em 1959.

As atividades religiosas no Santuário, em definitivo, passaram a ser realizadas a partir de 1982, quando aconteceu a transladação da Imagem Milagrosa da Antiga Basílica para a Basílica Nova.

Em 1980, a Basílica Nova, maior Santuário mariano do mundo, foi consagrada pelo Papa João Paulo II, que lhe outorgou o título de Basílica Menor. Em 1983, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – declarou, oficialmente, a Basílica de Aparecida como Santuário Nacional.

Hoje, o Santuário é um grande centro evangelizador, confiado ao zelo apostólico dos Missionários Redentoristas desde 1894, responsáveis pela pastoral e pela administração, no atendimento aos romeiros e peregrinos que chegam de todas as partes do País e do exterior.

Três Papas visitaram o Santuário Nacional: João Paulo II, no ano de 1980, Papa Bento XVI e o papa Francisco em 2013.

Durante o mês de outubro particularmente no dia 12, dia de Nossa Senhora Aparecida, pessoas de todos os recantos do Brasil visitam o Santuário Nacional, momento em que os olhos do mundo se voltam para acompanhar os festejos e a grande manifestação de fé do povo brasileiro.

O Santuário Nacional acolhe milhões de visitantes, anualmente. Em 2015 foram doze milhões e cem mil visitantes.

Como se viu, desde a retirada daquela pequena imagem do fundo do rio Paraíba, em 1717, a devoção por ela foi se ramificando pelos rincões do Brasil, ainda colônia, fazendo brotar a fé nos caminhantes que por aquelas bandas passavam e levavam consigo a história de uma santa milagrosa que saiu do fundo de um rio. Cada transeunte que por ali passava, partia com as esperanças renovadas e se encarregavam, naturalmente, de espalhar a graça recebida.

Desde aquela época caravanas se formavam, principalmente no mês de outubro, e partiam de várias localidades do Brasil com destino a Aparecida. Os locais mais tradicionais de partida até Aparecida são Tambaú/SP, distante 437 km de Aparecida e Águas da Prata/SP distante 322 km de Aparecida.

No ano de 2.003 depois do trabalho do trio composto por Almiro Grings, Clóvis Tavares de Lima e Iracema Tamashiro, que propôs implantar no Caminho da Fé o mesmo modelo do Caminho de Santiago de Compostela (Espanha), ou seja, fazer a marcação de todo o caminho usando as setas amarelas e criar albergues de apoio pelo caminho. O trio conseguiu convencer prefeitos e comunidades e foi criada a Associação dos Amigos do

Caminho da Fé, sendo inaugurado em 2003, o caminho da Fé no formato do Caminho de Santiago iniciando em Águas da Prata/SP, Até então o ponto mais distante de Aparecida (322 km).

O projeto deu tão certo que outros municípios mais distantes, como Vargem Grande do Sul, Itobi, Casa Branca, Tambaú, Santa Rosa de Viterbo, São Simão, Cravinhos, e Sertãozinho, hoje, o ponto mais distante de Aparecida (602 km) já fazem parte do Caminho da Fé, tendo toda a estrutura com as trilhas demarcadas com as setas amarelas e albergues.

“Caminhar, este é o verbo que alimenta a vida. Caminhar, este é o segredo, sempre caminhar”

(Valdir L. Queiroz)

O Senhor Destino

Eu tinha programado fazer um novo caminho em 2014 nos meses de julho e agosto. Isso depois de fazer por duas vezes o Caminho de Santiago de Compostela, um em 2006 e o outro em 2011. O caminho que eu havia programado fazer em 2014 era o chamado caminho de Vezelay, na França. Seria um percurso de 1.200 km partindo da Cidade de Vezelay e chegando a Saint Jean Pied de Port, que é onde se inicia o chamado Caminho Francês.

Como costumo dizer, eu havia programado, mas não tinha enviado uma cópia da minha programação para o Senhor Destino e o Senhor Destino tinha outros planos para mim.

Dois meses antes da data prevista para minha partida rumo ao Caminho, descobri que tinha um aneurisma na cabeça de tamanho mediano e que eu teria que submeter-me a uma cirurgia com urgência, pois caso o aneurisma se

rompesse a possibilidade de óbito seria de 70% e de seqüelas de 100%.

Segui os planos do Senhor Destino e me submeti á uma cirurgia para colocação de um "stent", sete "micro molas" e um repouso obrigatório de seis meses, iniciando justamente no mês de Agosto de 2014, que era o mês que eu deveria já estar caminhando pelo caminho de Vezelay na França.

Como tive que seguir os planos do Senhor Destino, somente depois de seis meses é que fui liberado para iniciar as atividades físicas. Porém, durante este longo período de repouso a minha saudade do Caminho era tão latente quanto à batida do meu coração e isso me fez ir "maquinando" um plano para voltar ao Caminho, depois que o médico me liberasse.

Planejei então, que iria fazer um caminho mais curto, só 600 km, ou seja, o Caminho da Fé, partindo de sertãozinho/SP até Aparecida/SP, terra da nossa Padroeira.

Decidi que seria nos meses de julho e agosto de 2015, pois aí eu estaria completando um ano de cirurgia. Por via das dúvidas, não deixei de enviar uma cópia dos meus planos, com "AR", para o Senhor Destino.

Na sua resposta o Senhor Destino, não disse que sim, nem que não, pois neste período de seis meses, entre a data em que fui liberado para iniciar as atividades físicas

e a data da Caminhada programada, ele, o Senhor Destino, ainda havia me preparado alguns percalços.

Eis o primeiro percalço do Senhor Destino: 15 dias depois de liberado pelo médico para iniciar a atividade física, pisei em um buraco, caminhando em um parque, e fraturei o calcanhar do pé direito. Foram 45 dias de bota ortopédica mais dez sessões de fisioterapia. Após está maratona, restavam somente quatro meses para preparar-me a fim de fazer o Caminho de 600 km.

Porém, veio o segundo percalço do Senhor Destino: Ao voltar, lentamente, à atividade física, tive um estiramento na panturrilha da perna esquerda. Foram receitadas 12 sessões de fisioterapia, no entanto, na minha pressa de recuperar-se, depois de cinco sessões abandonei a fisioterapia e voltei a fazer atividade física.

Porém, ainda havia o terceiro percalço do Senhor Destino: No terceiro dia de atividade física voltei a sentir a panturrilha. Voltei ao fisioterapeuta, que passou 15 sessões de fisioterapia, e não as 12 anterior, as quais fiz religiosamente, sob supervisão de Thiaguim, Fatinha e Cidinha¹.

Depois de todos estes percalços, restavam menos de dois meses para preparar-me a fim de fazer o Caminho da Fé.

¹ São Thiago, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida.

Faltando tão pouco tempo, acelerei minha preparação, que na realidade, era uma preparação mais da minha cabeça, pois eu já sabia, pelas experiências das duas vezes em que trilhei o Caminho de Santiago na Espanha, que do preparo físico, quem cuida é o próprio Caminho, basta seguir suas regras. Sim, isso mesmo, quem determina as regras não é você e sim o Caminho.

A última peregrinação que eu havia feito foi em 2011, o chamado Caminho de Santiago Português, partindo de Lisboa até Santiago de Compostela na Espanha, cruzando Portugal do Sul ao Norte em um percurso de 700 km. Portanto, já haviam se passado quatro anos e nestes quatro anos muitos percalços haviam ocorrido.

O principal percalço ocorrido nestes quatro anos, fora os já narrados, foi que há dois anos (2013), ao participar de uma "pelada" de futebol, rompi o ligamento cruzado anterior (LCA) do joelho direito, (tem a função de ajudar na estabilidade do joelho), onde já não tenho o menisco que havia sido operado há mais de dez anos.

Quando houve o rompimento do ligamento cruzado anterior (LCA), o tratamento indicado foi de cirurgia imediata, porém, ouvindo uma segunda opinião médica, optei por não operar e fazer um trabalho de fisioterapia por um longo período (um ano) para fortalecimento da musculatura do joelho.

Portanto, ao dizer que a preparação para o caminho era mais da minha cabeça, a razão era justamente, o desafio de voltar a peregrinar com uma série de desafios agregados e que não existiam quando da minha última peregrinação em 2011. Agora eu pretendia voltar a peregrinar, 600 km com os seguintes agravantes:

1. Sem menisco no joelho direito;
2. Sem o ligamento cruzado anterior(LCA) neste mesmo joelho;
3. Pós recuperado de uma fratura no calcanhar direito;
4. Pós recuperado de um estiramento na panturrilha da perna esquerda;
5. Pós recuperado de uma cirurgia na cabeça com a colocação de um "Stent" e sete micro molas implantadas.

Como se pode ver, eu tinha muitos motivos para abortar meu sonho e culpar o Senhor Destino pelas minhas “tragédias”. Porém, tenho sempre como “norte”, aquele provérbio que diz: “Deus jamais lhe dará uma carga maior do que a sua capacidade de carregá-la”. Por outro lado, minha fé pode ser entendida como aquele outro provérbio

que diz: “ Quando se sentir sem chão, dê o primeiro passo que Ele colocará o chão”.

Mesmo com estes probleminhas, minha meta era, no dia 14 de agosto de 2015, adentrar a igreja da minha Amiga²Cidinha, depois de 30 dias de caminhada e 602 km percorridos, lembrando que já enviei uma copia, com "3AR", para o senhor destino, espero que ele tenha recebido.

O Roteiro que pretendo fazer, do Caminho da Fé, é o percurso mais longo, iniciando em Sertãozinho/SP. O Roteiro mais tradicional é o que se inicia na cidade de Águas da Prata/SP. que é onde começou o Caminho da Fé, distante 322 km. de Aparecida.

“A liberdade é a possibilidade do isolamento. Se te é impossível viver só, nasceste escravo.”

(Fernando Pessoa)

² N. S^a. Aparecida.

³ Carta Registrada c/ Aviso de Recebimento.

Vitor

Talvez o principal responsável pela preparação da minha cabeça para voltar ao Caminho, tenha sido o Vitor. conheci Vitor, quando criança, ou melhor, ele existiu em sua plenitude, quando éramos crianças, pois o medo do desconhecido, ainda não existia. Éramos os donos do mundo, todos os sonhos eram possíveis, todas as possibilidades eram palpáveis. Éramos crianças, não tínhamos medo de sonhar. O impossível era aquilo que ainda não havíamos sonhado.

Foi nesta época que Vitor e eu, éramos um só. Aos poucos, o medo de sonhar, o medo do desconhecido, a saborosa e enganosa zona de conforto, foi sufocando o Vitor, até ele desaparecer por completo da minha vida.

Mas a sua lembrança ainda cintilava em mim, e vez por outra ele surgia forte, sonhador, idealista e às vezes conseguia voltar a comandar a minha vida.

O Primeiro encontro que tivemos, depois de um longo período hibernado, sufocado, se manifestando apenas, vez por outra, por lampejos de memória, foi em 2006. Eu já não o reconhecia, e o defini no meu livro "[Os Donos do Céu](#)", página 144, como: "Lunático, Libertário, Utópico, e Lúdico". Como se vê ele não gozava de grande prestígio comigo.

Pobre de mim que ainda não entendia que a vida, não pode ser um casulo, onde irracionalmente e automaticamente, nós nos moldamos, ao bel prazer da sociedade, com pensamentos iguais, gostos iguais, novelas iguais, "curtidas" iguais e um silêncio cada dia mais constrangedor frente à barbárie dos políticos deste país.

Depois desta reapresentação em 2006, Vitor e eu, voltamos a dialogar e desde então, tenho dado mais ouvidos a este amigo que nasceu comigo, mas que eu o havia esquecido, desde o dia em que minha infância, que era feita de emoção e sonhos foi sendo amordaçada pela razão, que nada mais é, do que o calabouço dos sonhos.

“As ilusões sustentam a alma como as asas sustentam o pássaro.”

(Victor Hugo)

O Primeiro passo

1ª etapa - Grau de dificuldade: MÉDIO

⁴Sertãozinho (SP) / ⁵Dumont (SP)
Distância até Aparecida: 602 km

Depois de toda esta introdução e da desistência, já esperada, de alguns supostos parceiros para esta empreitada, parti sozinho rumo ao Caminho, ou melhor, não parti sozinho, parti com meus companheiros inseparáveis: ⁶Thiaguim, Fatinha e Cidinha.

⁴ **Sertãozinho** é um município do interior do estado de São Paulo. Fundado em dezembro de 1896, Sua população estimada em 2014 era de 118.864 habitantes (IBGE). Sendo a 3ª maior cidade da região nordeste do estado de São Paulo, o 61ª município mais populoso de São Paulo e a 242ª maior cidade do país. Sua economia é baseada no comércio, prestação de serviços, indústrias diversas e agricultura, tendo um campo industrial muito forte, Sertãozinho é considerada a capital mundial do setor sucroalcooleiro.

⁵ Dumont é um município brasileiro do estado de São Paulo. Sua população estimada em 2014 era de 9.028 habitantes. Está situado a 18 km de Ribeirão Preto. O município se formou da antiga Fazenda Arindeuva, comprada por Henrique , genitor de Alberto Santos , o *Pai da Aviação*, e transformada em fazenda modelo para produção de café. O imóvel que servira de sede para a fazenda é hoje utilizada como paço municipal.

⁶ São Thiago, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida.

A distancia a percorrer neste primeiro dia é de cerca de 22 km, visto que pretendo pousar no Pesqueiro Veronezi. Todo o percurso é bem sinalizada estando a primeira seta amarela em um poste em frente ao hotel.

Estas setas são o GPS do Caminho, geralmente estão em postes, arvores, pedras, cercas, tocos etc. O site dos amigos do [Caminho da Fé](#) possui todas as informações do caminho.

A expectativa destes primeiros passos é sempre muito grande, pois é hora de por a prova todas as suas fraquezas, tanto físicas, quanto psicológicas e estar com o coração aberto para ter humildade suficiente para se deixar moldar pelo caminho.

A 15 km de Sertãozinho, antes do Pesqueiro Veronezi, está a pequena e histórica cidade de Dumont. Dumont é uma cidade muito pequena, porém de um valor histórico muito grande, pois foi onde a família de Santos Dumont viveu e comandou a economia daquela região. Henrique Dumont, pai de Santos, foi um dos maiores plantadores de café no início do século XX.

Naquela época ele já utilizava tratores a vapor para a colheita do café e transportava sua produção para Ribeirão Preto por uma pequena via férrea, cuja locomotiva esta exposta hoje na praça de cidade juntamente com um avião doado pela aeronáutica. A sede atual da prefeitura de

Dumont esta instalada onde era a sede da fazenda de Henrique Dumont. Ele era conhecido como o Rei do Café.

De Dumont até o Pesqueiro Veronezi são cerca de sete quilômetros que é onde pretendo pousar.

Chegando ao Pesqueiro, por volta das 14h, fui recebido, primeiramente, por dois cachorros enormes e com latidos ameaçadores. Fui salvo do susto pela Dona Helena Maria, proprietária do local, que me acolheu com um grande sorriso de mãe.

O albergue tem capacidade para 12 pessoas, porém eu era o único inquilino daquela noite.

Tive como companhia, montado guarda na porta do albergue, dois cachorrinhos branquinhos e peludos, que moram no albergue e pertence a Mariani, filha da Dona Helena, que depois da separação, passou a morar no albergue e quando chega peregrinos ela dorme na casa da mãe.

Depois do almoço e do jantar e de muito prostrar com dona Helena, comecei os preparativos para a caminhada do dia seguinte, não sem antes pegar o endereço de Dona Helena e prometer enviar meus dois livros sobre o Caminho para ela que tem como hobby a leitura.

Apesar dos apenas 22 km e do terreno com poucos aclives e declives, o cansaço era grande. Porém, acho isso natural, pois o meu corpo ainda desconhece a rotina a que o

mesmo será submetido nos próximos 30 dias até chegar a Aparecida.

Na etapa de amanhã, irei até Bonfim Paulista, distante 17 km. A estratégia é não ultrapassar em nenhuma destas cinco primeiras etapas, 22 km caminhados por dia.

Por que 22 km? porque este foi o limite determinado pelo Caminho no decorrer dos 1.600 km que caminhei, nas duas vezes que trilhei o caminho de Santiago.

A pele da sola do pé precisa de certo tempo para se moldar (engrossar) ao caminho sem criar bolhas, e o meu limite, nas cinco primeiras etapas são 22 km. Aprendi isso na pele, quando da minha caminhada de 2011 de Lisboa a Santiago (vide o livro: [O Libertador de Bonsai](#)).

Portanto, somente depois das cinco primeiras etapas, é que os meus pés estarão preparados para caminhar mais de 22 km por dia sem criar bolhas.

O grande receio do Peregrino que planeja uma caminhada tão longa por terras estranhas, é que a sinalização do caminho contenha falhas, pois se isso ocorrer, a possibilidade de desastre (bolhas, contusões) será a mesma de um carro sem farol trafegando à noite, ou seja, a sinalização é vital para que o peregrino consiga chegar ao local planejado.

O GPS, deste caminho para o peregrino, são as setas amarelas, siga as setas amarelas e você chegará ao seu destino e, portanto, pretendo chegar amanhã em Bonfim Paulista, seguindo estas setas amarelas.

*“É certo que não passo de um
viajante, um peregrino nesta terra!
Mas e vós, sereis mais?”*

(Johann Goethe)

O Padre e o cachorro

2ª etapa - Grau de dificuldade: MÉDIO.

Dumont (SP) / ⁷Bonfim Paulista(SP)

Distância até Aparecida: 583 km

Às sete da manhã tomei o café com o pessoal da fazenda e com D. Helena. Ela desejou sorte no caminho, deu a sua bênção e demonstrou preocupação por eu estar seguindo o caminho sozinho. Ainda advertiu-me sobre os cachorros do bar do Zé goleiro que fica a sete quilômetros e que já tinha mordido a perna de um padre. Tratei de providenciar um ⁸cajado logo depois de despedir-me.

⁷ **Bonfim Paulista** é um distrito da cidade de Ribeirão Preto, no Interior de São Paulo, Brasil. Dista 16 km do centro do distrito sede e 321 km da capital paulista. Atualmente possui pouco mais de 27 mil habitantes. Foi fundada em fevereiro de 1894, sendo oficializada sua criação em 3 de outubro de 1902, porém o povoado já existia desde o final dos anos 1850. Também em 1906, foi instalado o primeiro Centro Telefônico, na Praça Bonfim, nº 283.

⁸ Uma espécie de bengala, usada para apoiar os passos da caminhada e também para enfrentar os cachorros do caminho.

Ao chegar próximo ao bar do Zé goleiro, que fica em um descampado, no meio do nada, com uma enorme área livre em sua frente e com uma placa dizendo "Proibido manobras perigosas nesta área".

Ao aproximar-me iniciou-se uma grande, sonora e ameaçadora sinfonia de latidos em todos os tons. Eram cerca de cinco cachorros de tamanhos variados. Apesar do meu cajado, já gritei lá de longe: Ó de casa!!! Ai então apareceu o Zé Goleiro, silenciando aqueles latidos e me dando as boas vindas.

Falei sobre o incidente com o padre e ele me garantiu que foi apenas uns arranhões provocados pelo cachorro menor que vez por outra estranha alguém e, infelizmente, foi estranhar logo o padre. Contou que quando o padre chegou, com sua comitiva, ele estava lá no fundo ocupado, e a recepção foi feita pelos cachorros, sendo que o menor deles fez esse “papelão” com visita tão importante.

Ocorre que o cachorro maior, que é muito dócil e educado, ao ver o seu colega, o cachorro menor, fazer essa “feiúra” com o padre, já lhe deu um corretivo na hora, atacando o cachorro menor e acabou quebrando a perna do infeliz em dois lugares. E por isso, eu podia ficar tranqüilo, pois o infeliz cachorro menor ainda estava em recuperação e mal conseguia andar.

Pensei comigo, é mesmo um cachorrinho azarado, pois com tanta gente para morder na comitiva do padre (eram 12 pessoas), ele foi atacar logo o padre que sempre tem uma legião de anjos da guarda a protegê-lo! Mas também pensei... Por onde andava o anjo da guarda desse cachorrinho que entre 12 possibilidades de mordidas deixa ele escolher justamente a única alternativa incorreta para morder?... Coisas do Caminho.

Depois de descansar um pouco, reabastecer a minha bolsa de água, perguntei-lhe sobre o movimento de peregrinos e ele me disse que a pé, não passa quase ninguém, mas que de bicicleta, na semana anterior havia passado uns quatro. Ele me disse que o movimento no bar dele não é de peregrinos, e sim de motoqueiros de trilhas e muita gente de carro que nos domingos e feriados lota o seu estabelecimento e é festa o dia inteiro, por isso a placa tentando proibir manobras perigosos em frente o seu bar.

Chegando a Bonfim Paulista (cidade muito pequena), onde eu pretendia pousar, descobri que não existe nem albergue, nem pensão, nem hotel, nem casa das primas para pousar. Tem somente em Cravinhos que seria a próxima cidade da minha rota.

Bonfim Paulista é a cidade dos condomínios, só Alphaville, são três.

O Tablet

3ª etapa - Grau de dificuldade: FÁCIL

Bonfim Paulista(SP) / ⁹Cravinhos

Distância até Aparecida: 564 km

Como não tinha lugar de pousar em Bonfim Paulista, pensei em pegar um taxi e ir até cravinhos e no dia seguinte eu voltaria de taxi e continuaria o caminho de onde parei. Porém a cidade não tem taxi. Mas descobri que tem um ônibus que passa de hora em hora. Decidi pegar o ônibus que passaria daí uns 30 minutos.

⁹ **Cravinhos** é um município brasileiro do estado de São Paulo, esta situado a 20 km de Ribeirão Preto. Em 1876, a fazenda Cravinhos foi comprada pelos irmãos Querino por ser uma região proficua ao plantio do café. O nome Cravinhos provém do fato de que em tal fazenda havia uma plantação de cravinas, pequenos cravos. Em 27 de abril de 1893, Cravinhos foi criado como distrito do município de Ribeirão Preto. Foi desmembrado de Ribeirão Preto em 1897, sendo instalado no ano seguinte como vilarejo de café. Sua população estimada em 2014, segundo IBGE, é de 33.831 habitantes.

Ocorre que eu queria pegar o ônibus, mas o ônibus não queria me pegar. Ao avistá-lo, de longe já comecei a dar sinal com a mão, porém o mesmo passou direto. Não sei se foi pelos meus alguns cabelos brancos e barba idem, ou se foi pela minha mochila típica de andarilho e com um par de chinelos amarrados do lado de fora! O fato é que ele foi e eu fiquei.

Descobri que a cidade tinha moto taxista, e como nesta cidade parece que até o ônibus é transporte de elite, quem sabe o moto taxista aceitaria me conduzir até uma cama macia em Cravinhos. Ensinarão-me o ponto deles e lá fui eu.

Perguntei ao primeiro que encontrei se ele poderia levar-me em Cravinhos, que ficava a 16 km, e ele respondeu-me literalmente assim:

- Pra levar o Senhor até o cemitério eu cobro R\$20,00.

- Como?... eu não quero ir para o cemitério, eu quero ir para o hotel!

- Não...! - respondeu sorrindo e complementou: É que o Cemitério é o ponto de referencia da cidade, ele fica quase no centro e perto do trevo. Até lá são R\$20,00, e de lá até o hotel é mais um pouquinho. Respirei aliviado.

Coloquei o capacete, e seguimos pela BR rumo a Cravinhos. Ao Chegar ao trevo, em frente o cemitério, ele parou e falou:

- Vamos ligar para o hotel daqui que então eles me explicam como chegar. Peguei meu celular, onde eu tenho uma planilha com a relação dos hotéis/pousadas, e, como não tínhamos caneta, eu fui falando o numero e ele foi anotando no celular dele, pra depois ele ligar do meu, pois o dele não tinha crédito.

Depois dessa manobra, ele foi então falando o numero que havia gravado no celular dele e eu fui digitando no meu celular. Depois acionei o numero e quando atendeu, passei pra ele. Ele disse:

- Estamos aqui em frente o cemitério e estou levando um hospede para vocês. Como eu faço pra chegar ai? A pessoa disse que era próximo a praça e que depois que ele passasse a policia ele virasse a esquerda que o hotel ficava em frente aos Correios.

Montamos na moto e seguimos. Ao chegar a policia e virar a esquerda não encontramos nenhuma agência dos correios. Ele perguntou a um transeunte, que informou que os correios era no final da avenida contornando a praça.

Finalmente paramos em frente aos correios, mas não vimos nenhum hotel. Perguntamos sobre o hotel a uma senhora de uma loja em frente os correios e ela respondeu:

- Faz 20 anos que tenho esta loja aqui e nunca soube de nenhum hotel por aqui. - Concluiu ela. Mas como isso era possível, pois quando ligamos, quando estávamos lá em frente o cemitério, o moto taxista jurava de pé junto que

a atendente, do outro lado da linha tinha sido bem clara: O hotel ficava em frente os correios. Nisso minha barriga já roncava de fome e meu corpo já pedia um descanso há muito tempo, visto o longo caminho percorrido naquele dia. O jeito era repetir toda a operação novamente, ou seja, ligar novamente no hotel, porém agora, longe da porta do cemitério.

Sentamos na calçada e antes de ligar fomos checar o numero que havíamos ligado com o número que constava na minha planilha. Descobrimos que tínhamos ligado para o Hotel de São Simão, que é a próxima cidade do meu roteiro, cujo hotel fica realmente em frente aos correios. E vejam só, a gente já estava querendo jogar a culpa nas inocentes almas do cemitério. Desculpa aí Thiaguim, Fatinha e Cidinha!

Ligamos então, para o hotel correto, o de Cravinhos, e o mesmo ficava na BR, na saída a cidade. Depois de combinar a nova corrida e pagar mais "vintão" para o moto taxista, rumamos para o hotel.

Enfim sós: Eu, minha mochila e uma Cama macia!

Depois de tomar um banho e pedir uma quentinha, pois o hotel não tem restaurante e fica um pouco longe do centro da cidade, verifiquei na portaria se seria possível encontrar um taxi pra levar-me de volta até Bonfim, na manhã seguinte, para que eu completasse o trajeto a pé de Bonfim até Cravinhos.

Combinei com o taxista e na manhã do dia seguinte às 07:00h eu já estava em Bonfim Paulista reiniciando a caminhada até Cravinhos, agora a pé e não na garupa de um moto taxista.

A Caminhada de Bonfim Paulista até Cravinhos foi tranquila, pois além do percurso curto, 16 km, as trilhas não tinham aclives e/ou declives acentuados.

Porém, antes de fazer este trecho, o meu amigo Wilson Mora, que mora em Ribeirão Preto e é muito perto de Cravinhos, me ligou propondo buscar-me no dia seguinte depois que eu chegasse da etapa de Bonfim à Cravinhos para jantar com ele e família. Topei na hora. Principalmente porque, eu tinha feito uma grande besteira acidentalmente.

Explico: Nesta caminhada eu levava um pequeno tablet e um teclado de borracha dobrável para escrever meus textos durante o caminho. Ocorre que o "bendito" tablet, quando dava pau, e ele vivia dando pau, não salvava meus textos.

Então resolvi despachá-lo de volta pelos correios e passaria a usar o teclado de borracha no meu celular, que eu já havia testado, e funcionou direitinho.

Aproveitando a carona dos correios, para despachar o tablet "pauzeiro" de volta, pois eu não iria ficar transportando este tablet, sem serventia, por todo o

Caminho, resolvi despachar, além deste tablet, mais uns apetrechos da minha mochila que estava, ainda, muito pesada. Minha mochila tinha seis pares de meia, despachei três pares; Tinha seis camisetas, despachei três; Tinha seis shorts, despachei três.

Enquanto eu aguardava o taxi para levar-me até os correios, fui embrulhando tudo nas duas pernas da calças que tirei de uma calça/short. Quando estava quase terminando, o taxi buzinou lá fora.

Concluí tudo rapidamente, não muito atento ao que estava sendo embrulhado, e saí para os correios. Chegando lá, despachei tudo que estava embrulhado, sem conferir nada.

Depois que voltei dos correios e fui usar meu celular, cadê o teclado de borracha!? não o encontrei. Somente então, percebi a "burrada": eu o tinha despachado, sem ver, embrulhado junto com as peças de roupas e o tablet.

O convite do Wilson entra aí, pois em Ribeirão Preto eu poderia comprar outro teclado de borracha dobrável. Aliás, nem precisei comprar, pois ao contar a história para o Wilson, por telefone e ao chegar lá, ele já tinha comprado um novo teclado.

Foi uma noite prazerosa este jantar em família. Em família sim, pois trago há muito tempo no peito, além da amizade do Compadre Wilson, a ternura de minha amiga

Olinda permeada com o carinho da Bia e do Guilherme, seus filhos.

“Quem tem um amigo, mesmo que um só, não importa onde se encontre, jamais sofrerá de solidão; poderá morrer de saudades, mas não estará só.”

(Amyr Klink)

A Proposta de namoro

4ª etapa - Grau de dificuldade: MÉDIO

Cravinhos(SP) / Posto Dias (Texas)

Distância até Aparecida: 524Km

Na planilha do Caminho da Fé não consta local de Pousa no Posto Dias, Porém, pretendo pegar um taxi do Posto Dias até São Simão para pousar e, no dia seguinte, voltar para fazer mais esta etapa do Caminho a pé.

Levantei bem cedo e iniciei a caminhada de Cravinhos até Posto Dias que fica a 19 km e de lá até São Simão são cerca de 12 km.

Chegando ao posto Dias, com ajuda do Churrasqueiro do restaurante, consegui o telefone de um taxista de São Simão. O mesmo me pegou no posto e deixou-me no hotel em São Simão e já ficamos combinado de no dia seguinte às 06:30h ele me pegar de volta e levar-

me até o Posto Dias para que eu reinicie a Caminhada, a pé, até São Simão.

Foi nesta pequena etapa de apenas 19 km e de terreno sem grandes aclives e/ou declives, que a companheira de viagem de quase todos os peregrinos, com a qual eu havia flertado, levemente, nas etapas anteriores, veio propor-me namoro e já jurando amor eterno. Estou falando da Senhora Dor.

Explico: Para hidratar-me durante tão longa caminhada optei por utilizar uma bolsa de água que fica dentro da mochila sobre as costas, e da qual sai uma mangueira que passa sobre o ombro, ficando o bico desta mangueira na altura da boca, de modo que quando você sentir sede basta pressionar este bico com os dentes e sugar que a mangueira libera a água da bolsa.

A senha para a Senhora Dor aparecer foi justamente esta bolsa de água que era essencial na minha caminhada. Explico: Todas as vezes que eu ia sugar a água por esta mangueira eu era obrigado a virar muito o pescoço e com isso eu sentia, inicialmente, uma leve dor na musculatura do pescoço. Porém, nesta etapa, a Senhora Dor veio forte e como disse, já propondo namoro e jurando amor eterno.

É hora de por a cabeça pra funcionar e fugir desta proposta de namoro. O Caminho dirá como!

Aparentemente a solução para rejeitar este namoro, seria muito simples, pois, quando comprei a mochila ela

veio com esta mangueira bem grande justamente para você, se for preciso, cortá-la no tamanho que se adapte a você e eu, infelizmente, a havia cortado um pouco curta. Por sorte eu havia levado o pedaço que sobrou, no entanto, o problema era como emendá-la, porém, como já disse, isso parecia ser algo bem simples. Ledo engano!

“Todo mundo é capaz de dominar uma dor, exceto quem a sente.”

(William Shakespeare)

Os Ciclistas

5ª etapa - Grau de dificuldade: FÁCIL.

Posto Dias (Texas) (SP) / ¹⁰ São Simão
Distância até Aparecida: 511Km

No dia seguinte por volta das 07:40h eu já estava iniciando a caminhada, depois de retornar de taxi, de São Simão, onde eu havia dormido, até o Posto Dias. Foi uma caminhada tranqüila por ser um percurso pequeno e

¹⁰ **São Simão** é um município brasileiro do estado de São Paulo. Fundação: 28/10/1824. Sua população estimada em 2014 era de 14.541 habitantes. Quando em 9 de julho de 1932 estourava a **Revolução Constitucionalista de 1932**, os simonenses, assim como todos os paulistas, pegaram às armas para combater a ditadura instaurada por Getúlio Vargas, desde 1930. As mulheres formaram um batalhão, o **Batalhão Feminino**, e por causa dos discursos feitos nas praças da cidade, formou-se o **Batalhão de Voluntários de São Simão**. As mulheres desse batalhão ficaram responsáveis pela confecção das fardas, os sapateiros ficaram responsáveis pela confecção das botinas dos soldados, isso porque os voluntários simonenses tinham pressa de irem aos campos de batalha, para darem a vitória a São Paulo. Em 28 de setembro de 1932, São Paulo viu-se derrotado, sem saída, pois havia sido traído por alguns estados que antes da Revolução de 32 prometiam ajuda e apoio às tropas paulistas, mas que na hora que a revolução estourou ficaram do lado do Governo. Mas em 16 de julho de 1934, foi assinada uma nova Constituição. São Paulo saía vitorioso, afinal.

também pela falta de subidas ou descidas acentuadas.

Depois de cinco dias caminhando e indo aos poucos se condicionando ao caminho, me preparo agora para a sexta etapa e provavelmente a mais difícil até aqui, pois são 28 km daqui de São Simão a Santa Rosa de Viterbo, que é meu próximo destino.

Aqui em São Simão, visando não aceitar a proposta de namoro da Senhora Dor, procurei em todo o comércio algum adaptador e/ou engate para que eu pudesse aumentar o tamanho da mangueira da minha bolsa de água, porém, inacreditavelmente, não encontrei.

Por ser uma mochila importada, própria para caminhadas ela não é fabricada no Brasil e o padrão desta mangueira é diferente de todos que encontrei. E mesmo eu tendo comprado vários pedaços de mangueiras de diversas medidas, depois de testá-las, nenhuma funcionou, pois o sistema de sugar a água tem como princípio o vácuo, e qualquer entrada de ar na emenda, por menor que seja, faz com que você engula muito ar e pouca água.

A melhor solução que encontrei, por enquanto, foi usar um pedaço de caneta Bic: retirei o tubo interno de tinta e descartei; peguei o tubo externo, cortei em duas partes, descartei uma parte, e usei a outra parte como uma emenda, conectando uma mangueira na outra, com isso, parece que meu problema estava resolvido. Ledo engano.

Encontrei aqui, em São Simão, três ciclistas que estão fazendo o caminho. Dois homens e uma mulher. Eles chegaram aqui hoje no hotel. Conversando com eles, me informaram que eles eram quatro, porém depois da primeira etapa, de sertãozinho a Bonfim Paulista, uma das mulheres resolveu desistir, pois estava achando muito difícil e disse que não conseguiria. Desistiu na segunda etapa.

Em tudo na vida, é sempre mais fácil desistir, porém, quase sempre, as marcas de nossas desistências nos perseguem vida a fora, e como um fantasma, vez por outra, aparecem e angustiam nossa alma.

Ao contrario de desistir, persistir é sempre o caminho mais difícil, porém, os objetivos alcançados com nossa persistência, nos ensinam e nos fortalecem pela vida inteira.

“Os grandes feitos são conseguidos não pela força, mas pela perseverança.”

(Samuel Johnson)

Areia e areia

6ª etapa - Grau de dificuldade: MÉDIO

São Simão (SP) / ¹¹Santa Rosa de Viterbo

Distância até Aparecida: 483 Km

Tomei café junto com os três amigos ciclistas, porém, eu sai na frente. Por volta das 07:00h eu já estava no caminho.

¹¹ **Santa Rosa de Viterbo** é um município do estado de São Paulo. Sua população estimada em 2014 era de 22.584 habitantes. História: No **Bairro Lagoa**, com o aumento da população, o Pouso não suportava mais o aumento da procura pelos terços de “**Sá**” **Chica**. Então os frequentadores do terço passaram a realizar doações e eventos comunitários para arrecadar fundos para construir uma capela, a partir de 1884. A pequena igreja ficou pronta no mesmo ano. Por desejo de “**Sá**” **Chica**, a capela erguida seria em homenagem a **Nossa Senhora**. Após o término da construção, ela encarregou-se de comprar a imagem da santa padroeira da capela. A imagem foi adquirida de um mascate que visitara o povoado. Foi então que ocorreu uma grande confusão. Depois de adquirida, a senhora e outros fiéis levaram a imagem para ser benzida pelo padre de **Cajuru**, que revelou que “**Sá**” **Chica** foi enganada pelo mascate, pois a imagem se tratava da italiana **Santa Rosa de Viterbo** e não de **Nossa Senhora**. Os devotos ficaram chocados, mas o padre apressou-se em exaltar os ânimos, contando a história de vida e os milagres da santa. Os fiéis foram convencidos e aceitaram a nova padroeira.

Depois de duas horas de caminhada, com um início muito difícil, pois foram seis quilômetros na rodovia e apenas quatro nas trilhas de terra, parei para descansar e lanchar. As rotinas das paradas eu programei para a cada duas horas de caminhada, parar por uns vinte minutos, fazer um breve lanche, comendo uma banana ou uma maçã e pé na estrada novamente. Está é a rotina diária nas trilhas.

Enquanto estava parado, fazendo este breve lanche, apareceram meus amigos ciclistas. Eu já estava sem entender, pois, o ciclista faz em média 15 km/h, enquanto o caminhante, como eu, faz a média de 4 a 5 km/h. Ao parar um deles me perguntou se eu tinha vindo correndo. Eu expliquei que tinha saído logo depois do café e que faço entre quatro a cinco quilômetros por hora. Ele conferiu no hodômetro da Bicicleta e constatou que até ali já tínhamos caminhado 10,2 km.

O maior problema para o ciclista são as trilhas com muitas pedras e com muita areia, pois eles não conseguem pedalar e mesmo empurrando a bicicleta o caminhar é muito lento. Eles se despediram e continuaram o caminho enquanto eu ainda descansava um pouco, saindo uns dez minutos depois.

Uma hora depois eu avisto, ao longe, a silhueta de três ciclistas e imaginei que eles estivessem com problemas. Porém logo entendi: havia começado um longo trecho de muita areia onde eles tiveram de descer das

bicicletas e empurrá-las. Como todos os três levavam enormes bagagens na garupa das bicicletas, o caminhar dos mesmos era bastante lento. Tanto é, que eu os ultrapassei, mais ou menos no meio deste trajeto que era pura areia.

Dai uns dez minutos, depois que acabou o areal, eles me ultrapassaram e não os encontrei mais.

Cheguei a santa Rosa de Viterbo por volta das 14:00h, bastante cansado, não somente por este ter sido o percurso mais longo, mas sim, e principalmente, por ter enfrentado longos trechos de muitas pedras e grandes areais.

Para contribuir com o cansaço, suguei mais ar do que bebi água neste trecho, pois a “gambiarra” na mangueira da bolsa de água, feita com o tubo da caneta Bic, não funcionou a contento. Porém, a Senhora Dor não apareceu.

“O homem não teria alcançado o possível se, repetidas vezes, não tivesse tentado o impossível.”

(Max Weber)

Pouso na fazenda

7ª etapa - Grau de dificuldade: FÁCIL

Santa Rosa de Viterbo (SP) / ¹²Estalagem Sobreira (SP)

Distância até Aparecida: 461Km

¹² O ciclo do café no Estado de São Paulo foi fortíssimo nos anos de 1870 até meados de 1960. Abriu ferrovias, estradas, gerou riquezas no meio rural, dando à quem vivia naquela época nas fazendas produtivas, condição digna de vida, escolas localizadas nas comunidades, as "vendas" - que desenhavam os atuais supermercados - caracterizando um comércio para satisfazer as necessidades básicas dos moradores do meio rural, muita diversão, muita história e muita estória contadas aos pés dos fornos e fogões a lenha, mornos e aconchegantes onde todos se juntavam para ouvi-las. A Fazenda São José, no município de Tambaú, Estado de São Paulo, viveu momentos de grande atividade em função do plantio e comercialização do café. Iniciada por imigrantes espanhóis, originários de Goyan, na Galícia, norte da Espanha, o Sr.Castor Sobreira, na época com 18 anos, saiu da Espanha para o Brasil, para evitar sua ida para as Filipinas, onde o seu País procurava manter o domínio colonial nas ilhas e, poucos voltavam à sua terra. Seu caminho imigratório passou pelos municípios de Santos, São Carlos, onde trabalhou como pedreiro, Santa Cruz da Estrela - hoje distrito de Santa Rita do Passa Quatro e finalmente Tambaú, todos no Estado de São Paulo. Casado duas vezes, teve 12 filhos e com eles, iniciou a fazenda adquirindo um pequeno pedaço de terra, que foi sendo ampliada com novas aquisições. Toda a história vivida pelas pessoas, nesta pequena comunidade, é representativa da história vivida pela maioria das pessoas deste estado e do nosso País naquela época e não pode ser perdida no tempo, devendo ser resgatada, registrada e preservada, com o objetivo de não perdermos a memória cultural da nossa sociedade e a origem da nossa própria existência.

Não é o Peregrino que faz o Caminho, é o Caminho que faz o Peregrino!

Em Santa Rosa de Viterbo, analisei melhor o porquê da mangueira não ter funcionado bem com a “gambiarra” da caneta Bic, que eu havia feito, e percebi que o problema era que o diâmetro interno do tubo da caneta era bem menor do que o diâmetro da mangueira e com isso, mesmo não havendo entrada de ar externo, havia formação de ar dentro da mangueira quando eu sugava a água. Portanto, só me restava desfazer essa “gambiarra” e arrumar outra solução para o problema, mas qual solução?

Depois de buscar muito, uma solução e não encontrar, enquanto olhava umas fotos dos meus dois netos, Théo e Lisa, em uma delas o Théo estava com uma chupeta na boca... “pimba!” me veio uma idéia!

Fui até uma farmácia e comprei uma chupeta. O rapaz da farmácia me olhou meio esquisito, tentando imaginar para que eu queria chupeta, pois mais cedo eu já tinha ido até aquela farmácia e comprado um protetor solar, e naquele momento nós tínhamos conversado e eu havia lhe falado que estava caminhando sozinho para Aparecida.

Portanto, o seu espanto tinha certa razão, pois para que um peregrino precisa de uma chupeta? Infelizmente ele jamais saberá, a menos que algum dia leia este livro.

Peguei a chupeta, desmontei-a todinha e aproveitei somente o bico de borracha. Peguei esta parte da borracha e cortei aquela ponta que a criança leva a boca. Vesti esta borracha em cada uma das pontas da mangueira de água

que eu queria emendar, e pronto. Como a borracha da chupeta é muito maleável e bastante flexível, ela se moldou perfeitamente, unindo os dois pedaços da mangueira de água. Mal pude acreditar como tinha ficado perfeito.

Pensei comigo: Vejam só como são as coisas, o Théo tem somente três anos, está a mais de 1.000 km daqui e eu já lhe devo mais essa! E foi com estes pensamentos que eu imaginava ter dado um Adeus definitivo à proposta de namoro da Senhora Dor.

Depois de tudo ajeitado, no dia seguinte parti bem cedo para o meu destino. Cheguei à Estalagem Sobreira, meu local de pouso, e fui recebido, de modo esfuziante, por uma multidão de cachorros. Depois de cumprimentá-los, conheci a Sra. Maria José, a Sra. Maria Rita, que são proprietárias da estalagem, alguns de seus funcionários e vários primos(as) que estavam ali reunidos para comemorar o aniversário de uma prima, portanto, era pura festa.

Para complementar o ambiente de muita paz e comunhão de familiares, contei por alto, uns dez adolescentes e crianças, filhos destas primas. Foi uma ótima estadia com almoço, jantar e café da manhã.

Tive notícias dos três ciclistas. Dona Maria José me informou que eles tinham dormido na fazenda e, portanto não tinham ido até Tambaú, como haviam planejado e ao amanhecer, a ciclista disse que não conseguiria pedalar até Tambaú, pois ainda estava exausta e então os dois ciclistas

seguiram e ela pegou uma carona, com bicicleta e tudo, até Tambaú, com a prima da D. Maria José.

Quanto à chupeta, ela funcionou perfeitamente e durante toda a caminhada suguei a água naturalmente da bolsa de água.

No dia seguinte levantei bem cedo e parti rumo a Tambaú. Como sempre, na partida, quem me acompanhou até a porteira, foram meus amigos cachorros, entre eles, Aris, um cão enorme com cara de lobo e alma de criança que tinha como brinquedo predileto um pedaço de câmara de ar de moto, que ele buscava o dia inteiro e jogava aos seus pés implorando para que você a jogasse, de novo, para ele buscar e novamente jogar aos teus pés. Em seus gestos e em seus olhos estava a eterna frase das crianças: Faz de novo! Faz de novo!

Ultrapassei a porteira e segui caminhando pela fina estrada que seguia rumo a uma enorme montanha, lá ao fundo no horizonte. Olhei para trás e lá estava, o Aris, sentado, me seguindo com o olhar. Segui com o coração cheio de paz, a alma mais leve e a vontade cada vez maior de “cheirar” o mundo.

*"Um cão abana a cauda
com o coração."*

(Martin Buxbaum)

O uso político do Caminho

8ª etapa - Grau de dificuldade: MÉDIO

Estalagem Sobreira (SP) / ¹³Tambaú (SP)

Distância até Aparecida: 437 Km

Cheguei bem em Tambaú, apesar de ter encontrado um touro no meio de uma trilha, quando cruzava uma

¹³ **Tambaú** é um município do estado de São Paulo. Sua população estimada em 2014 era de 23.490 habitantes. Fundada em 27 de julho de 1886, foi elevada à condição de município em 20 de agosto de 1898. É conhecido como a **CIDADE DA CERÂMICA**, devido a enorme quantidade de fabricas atraídas pelo barro de ótima qualidade. Na década de 1950, o município foi cenário de um fenômeno sócio-religioso importante, o **Padre Donizetti Tavares de Lima**, pois os milagres que realizava extrapolaram os limites do pequeno município da região de Ribeirão Preto. Aproximadamente 40 mil visitantes chegavam todos os dias à cidade. Amigo das crianças, patrono dos pobres, o **padre mineiro** natural de Santa Rita de Cássia, nasceu a 03 de janeiro de 1882. Passou os últimos 35 anos de sua vida em Tambaú, aonde veio a falecer a 16 de junho de 1961. Comenta-se que o **padre** ganhou fama quando curou as pernas cheias de feridas de um vendedor ambulante de vinho. O homem tratou de contar o milagre que o padre realizou para os comerciantes das cidades vizinhas, e em poucos dias os romeiros começavam a chegar a Tambaú para receber as bênçãos do **padre** taumaturgo. No dia 16 de março de 1997 foi aberto o **PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO** do **Padre Donizetti**. Os habitantes do município e os devotos esperam que ele seja beatificado, se tornando assim o primeiro santo brasileiro.

fazenda, e o mesmo insistia em não me deixar prosseguir na sua trilha. Porém, depois de um longo diálogo, olhos nos olhos, ou melhor, olhos nos chifres, ele resolveu liberar minha passagem pela sua trilha.

Existem três dados fundamentais, dentre vários outros, para o peregrino que programa uma caminhada tão longa como esta. Estes três dados vitais são: A quilometragem, a ¹⁴altimetria e os locais de pouso, pois é com base nestes dados que o peregrino programa toda a sua longa peregrinação e monta uma espécie de guia para levá-lo até seu destino final.

Se qualquer um destes dados estiver incorreto, o problema para o peregrino será enorme, podendo até mesmo, forçá-lo a interromper a caminhada.

Nesta etapa o Guia informava que até Tambaú, seriam 23 km, no entanto, foram 27 km, isso causa um desgaste muito grande e somente não é mais grave por os pés já estarem adaptados ao caminho com a pele da sola já mais grossa e não tão frágil quanto no início da caminhada.

Estes dados, de distância, altimetria e pousadas, nós peregrinos, buscamos os mesmo na internet e depois de uma filtragem minuciosa acabamos tendo como maior fonte de informações o portal oficial do [Caminho da Fé](#), onde se pressupõe que as informações ali são as mais

¹⁴ Representa as altitudes do terreno.

confiáveis, porém começo a perceber que isso não é verdade.

Ao chegar a Tambaú hospedei-me em um hotel indicado no portal da associação. Pelas informações que eu tinha retirado do portal da associação, a distancia até meu próximo destino seria 25 km, porem fui alertado pelo dono do hotel que o percurso era maior pois o caminho havia sido alterado.

Achei estranho se alterar um caminho fundamentado na fé do peregrino para um percurso maior que prejudica diretamente o próprio peregrino que é a razão do caminho existir.

Depois de conversar com algumas pessoas percebi que no caminho há muitos interesses políticos e financeiros e que, na realidade, a última coisa com que eles estão preocupados, é com o peregrino.

Para confirmar minhas suspeitas, ao amanhecer, por volta das 06:30h, eu já preparava para iniciar o caminho e solicitei ao proprietário do hotel, que está na relação oficial do guia do peregrino, criado pela associação, que ¹⁵carimbasse a minha credencial. O mesmo me informou que ele não tinha mais carimbo, pois somente a casa do padre Donizete e ou a secretaria de turismo da cidade tem autorização para bater carimbo na credencial do Peregrino.

¹⁵ Faz parte da tradição do caminho você carimbar sua credencial em todas as cidades que você passar, justamente para provar sua peregrinação.

E pasmem, tanto a casa do Padre quanto a secretaria de turismo somente abrem as 08:00h. É obvio que isso não favorece o peregrino em nada e se é um caminho de peregrinação, como realmente é, qualquer alteração e/ou controle que se for fazer no caminho, uma pergunta deveria ser feita: Esta alteração e/ou exigência vai ser melhor para o peregrino? se a resposta for não, a alteração e ou exigência não deveria ser implantada.

É obvio que não esperei a casa do padre abrir e nem a secretaria de turismo, parti para o caminho, um pouco mais triste, é verdade, pois a cada dia, minha fé nos homens é corroída um pouco mais, porém, lembro do meu Amigo lá de cima que disse: "**Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.**" Portanto, só me resta repudiar a mercantilização de algo tão nobre que é a fé das pessoas.

Voltando a novela da chupeta... na vistoria que fiz de manhã, na emenda que eu havia feito na mangueira da minha bolsa de água, com a borracha da chupeta do "Théo", percebi que havia um pequeno desgaste, talvez provocado pelo sol durante a caminhada. Porém, por enquanto, continuava funcionando normal.

O canivete e a onça

9ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL.

Tambaú (SP) / ¹⁶Casa Branca (SP)

Distância até Aparecida: 403 Km

Chegando a casa Branca, depois de 32 km e já dentro da cidade, dava para perceber que toda a cidade fica do lado esquerda, com a torre da igreja bem próxima, porém, as setas do caminho indicavam uma rota para a direita.

Indaguei em um pequeno comercio que encontrei se na cidade tinha alguma pousada e/ou hotel e o cidadão me informou que tinha hotel sim, porém o único lugar que carimbava a credencial e acolhia os peregrinos, era o

¹⁶ **Casa Branca** é um município do estado de São Paulo. Sua população estimada em 2009 era de 28.189 habitantes. O vilarejo se originou ao redor de uma casa branca que era utilizada pelos bandeirantes como pousada, no século XVII. Foi elevada a Freguesia de Nossa Senhora das Dores de Casa Branca em 1814, pertencendo ainda ao território de Mogi Mirim, sendo elevada à categoria de Vila em 1841. Foi elevada à categoria de cidade em 1872.

Convento de Nossa Senhora do Desterro, que fica a cerca de um quilometro, à direita, morro acima. Resolvi caminhar até lá.

Chegando lá, encontrei uma estrutura enorme com igreja, escola, rádio, restaurante e pousada, porém não encontrei ninguém para me atender. Depois de especular muito aos transeuntes que eu encontrava no interior deste enorme convento, consegui encontrar a pessoa responsável.

Perguntei se dava para arrumar um pouso, ela disse que sim. Perguntei o preço, ela me disse o preço e pediu que eu a seguisse. Perguntei se havia comida ela me respondeu que não, pois a comida era somente até as 14:00h e já eram 14:15h. Depois de acomodar-me em um quarto, com três camas, ela desapareceu pelos corredores.

Ao preparar-me para o banho percebi que nesta pousada não tinha os pequenos tabletes de sabonetes que geralmente têm nas pousadas e também não tinha nenhum resto de sabão no banheiro. Explico: Eu não carregava sabonete, nem xampu, nem condicionador, nem creme. É a cultura do desapego levada a risca aliada ao fato de que, quanto menos peso na mochila, menos difícil será a sua caminhada.

Perguntei à senhora que havia me atendido se ela podia me arrumar um pedaço de sabão. Ela respondeu que sabonete não tinha, mas na pia da cozinha eu encontraria sabão em barra. Morto de fome e extremamente cansado,

me preparei para um banho. Fui até a pia da cozinha, peguei um pedaço de sabão em barra e abasteci o banheiro. Depois do banho percebi que meu cabelo gostou do sabão em barra, parecia mais sedoso que antes.

Depois do banho, voltei a vistoriar a emenda da mangueira da minha bolsa de água e percebi que o desgaste provocado pelo sol, estava quase rompendo a emenda. Portanto, eu precisava resolver este problema, porque se não, logo a Senhora Dor voltaria a propor-me namoro e até jurar amor eterno. Depois disso a prioridade era arrumar um lugar para comer.

Consegui que o pessoal da radio chamasse um taxi para me levar até a cidade que ficava lá embaixo, pra eu comer alguma coisa e já ir matutando como resolver o problema da mangueira da minha bolsa de água, já que a borracha da “chupeta do Théo”, estava prestes a romper-se.

O taxi chegou e perguntei ao taxista se ele conhecia algum restaurante que ainda estivesse aberto àquela hora. Ele respondeu que era difícil, mas iríamos tentar. Descemos até a cidade e ele parou em frente um restaurante chamado "Sabor Mineiro" e disse:

- Vou aguardar aqui. Veja se está aberto, caso não esteja vamos tentar outro! Ao caminhar para a porta do restaurante, percebi que a porta de entrada estava sendo fechada naquele momento. Então gritei:

- Um momento, por favor! Apressei o passo e ao perceber uma jovem senhora segurando a porta entreaberta lhe disse sorrindo:

- A senhora não vai deixar um Peregrino do Caminho da Fé passar fome, vai!? Um enorme sorriso brotou do seu rosto e ela respondeu:

- Claro que não! Entre!!

Apesar do horário, o restaurante era self service e ainda havia inúmeras variedades para se servir.

Como eu fui o último cliente do restaurante, conversamos bastante sobre o caminho e a surpresa das pessoas geralmente era muito grande quando descobriam que eu havia iniciado o caminho em Sertãozinho e não em Tambaú que fica a apenas 36 km dali, enquanto Sertãozinho fica a 200 km. Outra coisa que trazia surpresa a todos era o fato de eu estar fazendo o caminho sozinho.

Demonstrando a sua preocupação ela disse:

- Mas se você se machucar, passar mal, algum animal peçonhento de picar ou for atacado por uma onça!? É muito perigoso. Concluiu ela com um ar de preocupação.

- Não, não tem perigo... E onça não existe mais. Respondi sorrindo.

- Nesta região, daqui pra frente, tem onça sim. Semana passada uma onça passou em frente ao carro do meu pai quando ele ia para a fazenda. Disse ela, ainda com preocupação.

- É mesmo? Eu não sabia! Mas de qualquer modo tenho meu cajado e mais três companhias - disse eu.

- Mas você não disse que caminhava sozinho?

- Ah sim! Eu caminho sozinho, mas tenho três companhias muito especiais: Thiaguim, Fatinha e Cidinha!

- Quem são eles? Ela indagou, já com um sorriso.

- São Thiago, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida! São meus anjos da guarda! Respondi sorrindo.

- Você está muito bem acompanhado! Disse ela sorrindo muito.

Depois do almoço e da cordial conversa, sai já com dois problemas na cabeça: o problema antigo, que era a emenda da mangueira na minha bolsa de água e o problema novo, que era a tal onça naquela região.

Ao sair do restaurante, virei à esquerda e logo à frente vi uma praça. Pensei comigo, nada melhor do que um banco de praça para deixar as idéias vagarem e encontrarem o caminho do mar.

Depois de muito matutar, para o caso da onça, a melhor solução que encontrei era procurar um canivete para comprar. Pois pensando bem, eu tenho três anjos da guarda: Thiaguim, Fatinha e Cidinha. O canivete seria só pra eu dar uma ajudinha, pois não seria justo eu ficar de braços cruzados enquanto meus anjos da guarda se atrasassem com a onça!

Para o caso da Chupeta do Théo, a solução era simples, se a borracha da chupeta durou três etapas de caminhada e ainda faltavam 19 etapas de caminhada, bastava eu comprar sete chupetas e ir trocando as borrachas a cada três etapas de caminhada.

Depois das soluções na cabeça, passei em uma farmácia e em um *Xing Ling*, ali mesmo ao lado da praça, e fiz a feira. Voltei para o Convento já armado com um canivete e com 8 chupetas, uma de reserva!

Chegando ao convento, desmontei todas as chupetas aproveitando somente as borrachas das mesmas. Com as borrachas das chupetas nas mãos, já com a ponta cortada, testei todas, esticando-as para um lado e para outro. Percebi que estas borrachas não eram tão maleáveis quanto à borracha da chupeta que eu vinha usando. De qualquer modo, o jeito era testar, e o que eu mais tinha era borracha de chupeta para testar.

Retirei então a velha borracha de chupeta que eu vinha usando na emenda da bolsa de água e coloquei uma nova, destas que eu havia terminado de comprar. Vamos ver o que o Caminho dirá.

Depois da troca, coloquei ali sobre uma das três camas que havia no meu quarto, para depois jogar no lixo, um monte de “carcaças” das oito chupetas que eu havia desmontado para retirar a borracha.

No dia seguinte, levantei-me bem cedo para mais um dia de caminhada e sai pelos corredores procurando uma pessoa para carimbar minha credencial e também para tomar café da manhã. Somente aí, é que pude perceber, em detalhes, quão grande é este convento.

Depois de passar por vários corredores e portas, dei de cara com um grupo de noviças. Elas se assustaram, eu mais ainda. Depois do susto, perguntei onde encontraria o café e alguém para carimbar a minha credencial e receber o pouso. Depois da explicação, finalmente encontrei o local.

Era um salão muito grande à direita, e era lá que eu poderia carimbar a credencial, fazer o pagamento do pouso e tomar o café da manhã. Entrei naquele enorme salão e o cruzei todinho. Estava completamente vazio. Eu era o único “hospede” daquele enorme convento, que conforme tomei conhecimento, o mesmo era utilizado para grandes encontros e congressos de seminaristas e, eventualmente, recebia peregrinos do Caminho da Fé.

Havia mais de 200 mesas neste enorme salão e lá no fundo, eu avistei uma mesa com uma garrafa de café e uns pães em cima. Caminhei até lá. Chegando lá, logo em seguida, apareceu uma senhora.

Carimbei, então, minha credencial e paguei o pouso para aquela senhora que deve ter voltado para os seus afazeres, pois me deixou ali, tomando café sozinho naquele

enorme salão e não mais voltou. Terminei meu café, pus a mochila nas costas e parti sem saudades daquele lugar.

É estranho como um local dito sagrado, um Convento e uma igreja seja justamente o local do caminho onde encontrei mais frieza e falta de calor humano.

Lembrei-me do caminho de Santiago que fiz em 2011 quando pedi um pouso em um quartel do corpo de bombeiros (lá os bombeiros são civis e não militares), na cidade de Lourosa, em Portugal, e eles me arrumaram o pouso. Porém, mesmo com o pé ferido, entre minha entrada e minha saída do Quartel, o silêncio foi meu único companheiro. Tenho certeza que isso não representa a hospitalidade do povo Português, pois naquele próprio Caminho encontrei a Família Pintassilgo que me acolheu com grande ternura durante as cinco etapas que caminhamos lado a lado.

Talvez caiba aqui uma observação que sempre faço: O ser humano se adapta a tudo. Pode ser que estas pessoas que convivem com tantas dores, já não tenham mais palavras de ternura, pois a dor se tornou algo corriqueiro na vida delas, o que é lamentável, pois nada define melhor um ser humano do que a sua capacidade de sempre indignar-se com o errado e de sempre, em qualquer momento, ser capaz de um ato de ternura.

Mas o que é um ato de ternura? Quase sempre é aquilo que não nos custa absolutamente nada, mas que é de

uma grande valia pra quem recebe. Dou como exemplo o ato de um cidadão desconhecido que deixou um monte de laranjas, recém colhidas, no pé de uma árvore, que fica em um trecho do Caminho da Fé, entre Santa Rosa de Viterbo e Tambaú onde passa uma meia dúzia de peregrinos por mês.

Quando ele deixou aquelas laranja ali, no pé daquela árvore, ele não sabia se naquele dia algum peregrino passaria por ali, mas mesmo assim ele praticou o seu ato de bondade e para mim, que encontrei aquela meia dúzia de laranjas frescas, foi um ato de bondade que jamais esquecerei, pois eu vinha andando há quase duas horas e procurando um local para dar uma parada e descansar e lá estava, não só o local com uma enorme sombra, mas também, uma bendita ceia. Obrigado desconhecido, orarei por ti em Aparecida. Voltemos ao Caminho!

Depois de jogar a mochila nas costas, deixar aquele convento para trás e voltar a sentir vontade de “cheirar” o mundo, foi que me lembrei que eu havia esquecido de jogar no lixo aquele monte de “carcaças” de chupeta que deixei em cima de uma das camas.

Então minha imaginação começou a viajar, imaginando o espanto da zeladora do convento quando fosse arrumar aquele quarto e encontrasse aquele monte de “carcaça” de chupetas sobre aquela cama. O que ela faria? Talvez até chamasse a Madre Superiora, para dar

conhecimento de fato tão inusitado; talvez até pensasse que aquele peregrino que ali pernoitou, no caso eu, fosse um louco que andava pelo Caminho da Fé tomando as chupetas das criancinhas e depois as destruía!... talvez...

Não importa o que pensassem, a verdade elas jamais saberão, a menos que um dia leiam este livro!

“Os ideais que iluminaram o meu caminho são a bondade, a beleza e a verdade.”

(Albert Einstein)

A bandeira e os dois garotos

10ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

Casa Branca (SP) / ¹⁷Vargem Grande do Sul (SP)

Distância até Aparecida: 388Km

Depois de percorrer 32,2 km e não 25 km como constava na planilha da associação, cheguei a Vargem Grande do Sul com o corpo bastante estropiado e com alma um pouco menos alegre do que antes. Porém, ao

¹⁷ Vargem Grande do Sul é um município do estado de São Paulo. Sua população estimada em 2010 era de 39.266 habitantes. A maior parte da população de Vargem Grande do Sul é composta por descendentes de imigrantes, principalmente vindos da Itália. No começo do século XX, algumas dessas famílias, dentre outras, fundaram a "Società de Mutuo Soccorso", onde os imigrantes e seus descendentes ajudavam-se mutuamente e, dentre outras coisas, ofereciam serviços médicos gratuitos e caixões funerários a associados. Os moradores de Vargem Grande do Sul ainda hoje se encontram em jantares e bailes no clube, atualmente sob o nome de "Sociedade Beneficente Brasileira", forçosamente adotado durante a Segunda Guerra Mundial a mando do governo de Getúlio Vargas, que proibiu o uso do italiano e de outras línguas, como o alemão.

caminhar pela cidade em busca de um local para dormir, ao cruzar com dois garotos na faixa de uns oito anos, aparentemente muito carentes de cuidados, um garoto me perguntou todo admirado:

- Você vem de onde?

- Venho de Goiânia! - respondi, apenas diminuindo o passo.

- É de muito longe, não é? - perguntou o outro garoto.

- Muito longe mesmo! Olha bandeira dele! - disse o Garoto apontando para um pequeno banner de tecido que trago fixado atrás na mochila, medindo 20x30 cm, com os dizeres: “Corrupção, não basta ser contra!” Como o banner tinha o formato de uma bandeira, ele imaginou que aquilo fosse uma bandeira de um lugar muito distante, pois, dado o espanto deles, imagino que eles nunca tinham visto uma “bandeira” daquela. Por isso eles imaginavam que aquela “bandeira” devia ser de muito longe.

Segui meus passos rumo a um pouso meditando sobre a observação dos garotos. Realmente a “bandeira” era de muito longe, mas os seus dizeres, tinha tudo a ver com a carente situação daqueles dois garotos e também com a situação endêmica de quase miséria de milhões de brasileiros vítimas da corrupção e vítimas, principalmente, do nosso ensurdecido silêncio.

Devido os 12,3 km que tive que andar a mais nestes últimos dias, alterei meu dia de descanso que seria na próxima etapa, para esta etapa.

A estratégia de antecipar meu dia de descanso, devido o cansaço pelo longo percurso das duas ultimas etapas, se encaixaram perfeitamente nos planos do Senhor Destino, visto que amanheceu chovendo e o tempo se manteve instável por todo dia, além de um frio de cerca de dez graus. Caso eu não tivesse parado neste dia, a etapa que eu teria que fazer é uma etapa difícil do caminho, pois começamos adentrar a serra da Mantiqueira e no percurso, de 29 km, 27 km são somente subidas bastante íngremes.

Desconfiado da qualidade da borracha da chupeta que comprei na etapa anterior, fiz uma vistoria na mangueira da minha bolsa de água, emendada com esta borracha de chupeta, e percebi que a borracha estava quase se rompendo depois de apenas uma etapa de caminhada, sendo que a mesma deveria durar três etapas de caminhada.

Não tive escolha, já substitui a mesma e refiz as minhas contas. Matutei comigo: a borracha durando somente uma etapa, eu ia ter que comprar “um caminhão de chupeta” para dar conta de chegar a Aparecida, e deste modo, voltei a matutar... eu vou acabar inflacionando o preço da chupeta em todo o Caminho da Fé!

Como eu iria tirar meu dia de descanso nesta etapa, pensei comigo: eu tenho muito tempo para encontrar outra

solução, caso contrário, o jeito era comprar o “caminhão de chupeta” e inflacionar o preço da chupeta em toda a região, pois eu jamais aceitaria correr o risco de ter que reatar um romance com a Senhora Dor.

No meu dia de folga, que por coincidência era um domingo, fui até um restaurante tradicional da cidade, escolhi meu prato, pedi ao garçom, e enquanto aguardava a chegada do mesmo, fiquei ali ainda tentando encontrar uma solução para substituir a borracha da chupeta da mangueira da minha bolsa de água, porém, a solução não aparecia na minha cabeça.

Eu já tinha até saído mais cedo com um pedaço da mangueira e procurado no comercio local algum adaptador, porém, não encontrei nada e acabei dando uma olhada em uma farmácia nos modelos de chupetas que existiam, visando, em último caso, selecionar e comprar algum modelo de melhor qualidade.

Quando o garçom trouxe o prato que eu havia lhe pedido, pedi que ele trouxesse o azeite, pois sou “viciado” em azeite. Ele trouxe o azeite em uma garrafa redonda com aquele tradicional bico dosador, não aquele bico que vem na própria garrafa, mas aquele outro de material inox com um adaptador para enroscar na boca da garrafa, com um pequeno tubo de exatos 6 cm de comprimento, e que é encontrado em alguns supermercados e nessas lojas de utilidades domesticas.

Ao temperar a comida, despejando um fino filete de azeite sobre parte do prato.... Pimba! pimba! pimba! Fixei meu olhar naquele tubo inox e ele me pareceu perfeito para ser usado como emenda na mangueira da minha bolsa de água, e eu, ainda, poderia resolver de uma só vez três graves problemas: o primeiro era que eu não teria que desembolsar quase todas minhas economias para comprar um “caminhão de chupetas”; o segundo era que eu não iria inflacionar o mercado de chupetas da região do Caminho da Fé, e o terceiro, e mais importante, era que eu iria conseguir o divórcio definitivo da Senhora Dor.

Porém, para que todos estes sonhos se realizassem, eu tinha que, antes, resolver um grande problema: conseguir um bico dosador daquele modelo, pois aquele não me pertencia. O problema é que hoje é domingo e não há nenhum comércio aberto, exceto bares e restaurantes.

- Ora bolas! arranque este bico dosador desta garrafa e esconda logo ele neste enorme bolso da sua blusa de frio!
- era minha Loucura me instigando.

- Nada disso! Isso não se faz - era minha Razão se manifestando.

- Isso mesmo! não faça isso! Você é um estranho nesta cidade... e ainda todo estropiado, com esta barba e este cabelo de quase mendigo, você pode até ser acusado de furto! - Era meu Medo se aliando a minha Razão.

- Ora, ora, ora! que falta irá fazer em um restaurante tão grande uma peçinha dessa? além do mais, é por um motivo justo! - Era minha Emoção se manifestando.

Enquanto “eles” discutiam, peguei um guardanapo, limpei a superfície daquele bico de azeite e testei minha mangueira. Caracas! o encaixe do bico na mangueira foi perfeito!

- Está vendo? ficou perfeito! pegue logo este bico e esconda no bolso. - Era minha Loucura voltando a se manifestar. Olhei para aquela garrafa de azeite e percebi que o nível do azeite estava abaixo da metade. Indiferente a discussão ainda travada entre minha Loucura, minha Razão, minha Emoção e meu Medo, pensei comigo, se eu furtar somente este bico fica muito fácil de perceber, pois restará uma garrafa de azeite sobre a mesa sem tampa e sem bico, melhor eu furtar a garrafa inteira. Apesar dos protestos da minha Razão e do meu Medo, foi isso que eu fiz.

“Nunca existiu uma grande inteligência sem uma veia de loucura”.
(Aristóteles)

Reunião com Thiaguim, Fatinha e Cidinha

11ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

¹⁸Vargem Grande do Sul (SP) / São Roque da Fartura (SP)

Distância até Aparecida: 371Km

A ¹⁹altimetria deste percurso nos deixa de cabelo em pé, pois começa indicando subidas íngremes logo na saída de Vargem Grande do Sul e termina em São Roque da Fartura, também indicando subidas íngremes.

¹⁸ **São Roque da Fartura** é um Distrito de Águas da Prata, a população formou-se margeando o Rio por nome Fartura, em uma terra doada pela Família Urias da Silva. Tinha uma população de 1.900 habitantes em 2010. É um local bastante pacato, sua fonte de renda é agricultura (batata, cebola, cenoura etc), tendo como atrativos turísticos o Pico do Mirante da Lajinha, Cachoeiras e, o clima é agradável, sendo um pouco rigoroso nas estações frias, por fazer parte da Serra da Mantiqueira, situa-se a aproximadamente 1400 metros de altitude ao nível do mar. Tem uma importante missão, passa por São Roque os Peregrinos que participam do Caminho da Fé, saindo de Tambaú, e indo até a Aparecida.

¹⁹ Mostra a altura do terreno que você vai percorrer.

Frente a este desafio, preparei bem o corpo e a cabeça e parti bem cedo, já com o bico do azeite substituindo a chupeta na emenda da minha bolsa de água.

Na primeira grande subida íngreme, ainda descansado, eu conseguia caminhar trechos de até 200 passos sem parar, quando então, parava, respirava fundo e continuava mais uns 200 passos. Depois destas grandes subidas, eu pegava pequenos trechos sem subidas, porém, logo aparecia outra subida e assim eu ia percorrendo o caminho. Consegui manter este ritmo por cerca de uns 10 km.

Depois de cerca de três horas de caminhada, e as subidas cada vez mais íngremes, eu somente conseguia dar 100 passos sem ter que parar. Ao encontrar mais uma subida eu já começava a contar, colocando como meta os 100 passos. Aí eu parava por cerca de um minuto, dobrava a cintura e apoiava todo o peso do meu corpo sobre as duas pernas, apoiando as mãos sobre os joelhos, naquela postura típica de jogador de futebol quando está cansado. Então respirava fundo umas cinco vezes e estava pronto para contar mais 100 passos.

Depois de umas cinco horas de caminhada, e as subidas cada vez mais íngremes, meu limite de passos tinha caído para 50 passos e depois para 30 passos. Então, eu caminhava 30 passos, parava, apoiava o peso sobre os joelhos, respirava e dava mais 30 passos.

Fiquei tão "craque" na classificação das subidas que quando eu as avistava, eu já calculava o nível de dificuldade e as classificava em subidas de 100 passos, 50 passos ou 30 passos. Dependendo do meu cansaço, eu já não ousava classificar nenhuma subida de 100 ou 200 passos, pois eu tinha certeza que depois de todo aquele cansaço, eu não teria fôlego e nem pernas para tamanho desafio.

Eu sempre digo que o ser humano se adapta a tudo, e é exatamente isso o que ocorre no caminho, pois não é o peregrino que faz o caminho, é o caminho que faz o peregrino. Na realidade, quem classificou as subidas, não fui eu e sim o caminho.

Depois desta longa luta e de descer 2 km de descidas muito íngremes, finalmente chego a São Roque da Fartura, que é um minúsculo distrito de Águas da Prata. Pelo meu cronograma eu devia pousar na Pousada Paina que fica na entrada da cidade, porém a mesma estava fechada.

Como existia um número de telefone na planilha que relaciona as pousadas, peguei meu celular para ligar, porém o mesmo estava totalmente sem sinal. Somente me restava convocar uma reunião com meus amigos de caminhada, Thiaguim, Cidinha e Fatinha, porém, era melhor eu procurar um local para sentar e descer a mochila, pois esta reunião, imaginava eu, seria longa.

Desci mais uns 100 metros e encontrei uma beirada de calçada. Ao sentar, uma pessoa ia passando, então perguntei se existia mais alguma pousada no distrito e a pessoa respondeu que tinha outra pousada, a da Cida que ficava lá em cima, no pé de uma torre.

Levantei-me e olhei para onde ele estava apontando, e avistei, lá longe, em cima de uma montanha uma torre de celular. Agradei e quando olhei meu celular o mesmo mostrou o sinal quase em 100%. Voltei à planilha que continha a relação das pousadas e lá constava esta pousada da Cida. Liguei, fui atendido de imediato. Perguntei se dava para me arrumar um pouso e quem sabe um prato de comida mexido. A Pessoa foi simpática e disse que sim. A minha alegria foi tão grande, que me esqueci da reunião com Thiguim, Cidinha e Fatinha. Parti para a pousada.

Ao começar a subida, para chegar à pousada do pé da torre, eu já fiz minha medição, era uma subida de 30 passos, mas não importa, pensei comigo: Um prato mexido e uma cama macia me esperam!

Foi uma luta árdua para chegar até a pousada da Cida. Mas sempre que me desanimava, eu imaginava no prato mexido e na cama macia que me esperavam, e então, seguia em frente. Finalmente cheguei.

Depois do banho, e de saciado, agradei meus "amigos de Caminhada", Thiaguim, Cidinha e Fatinha pois há pouco mais de uma hora estava eu, sem sinal de celular,

sem pouso, sem comida e já de beijo grande com Eles, meus "amigos de caminhada".

Agora estava eu ali, com o problema da emenda da minha bolsa de água resolvido, de banho tomado, saciado e em uma cama macia. Por que não vivemos como a vida é proposta na sua idéia inicial? um dia depois do outro e não esquecendo que todos nos temos um Thiaguim, uma Fatinha, uma Cidinha, em nossas vidas!!

Nada como uma hora após a outra!

“Senhor, dai-me força para mudar o que pode ser mudado... Resignação para aceitar o que não pode ser mudado... E sabedoria para distinguir uma coisa da outra.”

(São Francisco de Assis)

O pedido da Freira

12ª etapa Grau de dificuldade: DIFÍCIL

São Roque da Fartura (SP) / ²⁰Águas da Prata (SP)

Distância até Aparecida: 343 Km

Este seria um percurso, relativamente fácil e curto, seriam apenas 16 km e somente descidas. Porém, já tenho conhecimento que descidas íngremes são piores do que subidas íngremes, pois forçam muito o joelho e a ponta dos

²⁰ **Águas da Prata** é um município do estado de São Paulo, localizado a 238 km da capital, na encosta da Serra da Mantiqueira. Suas atrações naturais atraem turistas de todo país. Tinha uma população de 7.600 habitantes em 2010. O município de Águas da Prata deve sua existência em razão de grande quantidade de sais minerais encontradas em suas águas. De uma primeira análise as múltiplas propriedades medicinais das águas existentes. A divulgação propagou-se e iniciou-se as margens da ferrovia a construção das primeiras casas, com a construção do primeiro hotel e pensões. Em 1876 foi instalada a primeira engarrafadora de água no então bairro de São João da Boa Vista, que passou a Distrito em 1926 com denominação de estância hidromineral, obtendo sua emancipação político administrativa em 3 de julho de 1935.

dedos dos pés (danificando as unhas), além do risco de um escorregão, que pode causar uma lesão muito grave.

Eu tinha esperança de que as descidas não fossem tão íngremes, mas eram incrivelmente íngremes.

A última descida, que dá acesso a Águas da Prata é bastante longa e uma das mais íngremes. Porém, venci todas, sem lesões e sem unhas sangrando, apenas muito doloridas.

Já dentro da cidade, em busca da pousada Casarão, acabei por perguntar a uma freira se ela podia me informar onde ficava a pousada. Apesar de ela estar vindo em sentido contrário, ela parou e me disse:

- Espere aí, vou te mostrar. Deu meia volta e saiu caminhando junto comigo.

- Você vem de onde? - indagou.

- Venho de Sertãozinho, que fica a 250 Km daqui. Respondi. Ela ficou espantada. Para ela era algo inusitado, um peregrino vir de tão longe, pois a maioria dos peregrinos parte daqui, de Águas da Prata, que é onde nasceu o Caminho da Fé.

- E Você vai até Aparecida? - perguntou ela. Aparecida fica a 350 Km daqui de Águas da Prata.

- Sim, vou. Pretendo chegar lá daqui a 18 dias.

- Então vou te pedir uma benção: Tenho uma "irmã" que esta internada há 15 dias... Ore por ela quando você chegar a Aparecida, pois a benção de um peregrino, de

tanta fé, é muito valiosa! Ela se chama Elza. Vou falar para ela que um peregrino, de muita fé, estará orando por ela no Santuário de Aparecida.

Este foi um dos momentos inesquecíveis do Caminho. Ali estava eu, sendo mensageiro de uma oração que levaria alento e esperança a uma enferma, serva de Deus. Era algo inusitado. Geralmente são elas, as freiras, que oram por nós. E ali estava eu, um ex ²¹excomungado, com a nobre missão de orar por uma delas quando chegasse ao Santuário de Aparecida.

Ao longo dos 2.100 Km, que caminhei até hoje, somando o Caminho Francês de Santiago, o Caminho Português de Santiago e o Caminho da Fé, muitas pessoas, com as quais me encontrei ao longo destes caminhos, já haviam me pedido que orassem por elas ou por algum ente querido, porém, esta foi a primeira vez que uma freira, me incumbiu de tão nobre, lúdica e humanitária tarefa.

O mais incrível destes caminhos, é que, a cada novo pedido de oração que te incumbem de levar, mais você se sente enraizado no caminho e mais força você adquire para chegar ao seu destino. Pois agora, o seu destino, não é mais somente seu, ele pertence também, a todas aquelas pessoas que fizeram de você um mensageiro da fé. Fé que ensinam sonhos, esperanças e, principalmente, humildade.

²¹ Leia: Os excomungados, fls.88

E é primordialmente esta fé, depositada em você, por pessoas que você nunca tinha encontrado antes, que vai alimentando os teus passos até você chegar ao teu destino planejado.

É por isso, que mesmo caminhando sozinho, você jamais chegará sozinho ao teu destino. Junto contigo chegarão a Elza, o José, o Antônio, o Francisco, o Valdivino, a Eva, a Tereza, a Madalena ...

“Deus, para a felicidade do homem, inventou a fé e o amor. O Diabo, invejoso, fez o homem confundir fé com religião e amor com casamento.”

(Machado de Assis)

Os excomungados

13ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

Águas da Prata (SP) / ²²Pousada Pico do Gavião (MG)

Distância até Aparecida: 322 Km

Aparentemente este seria um percurso tranqüilo, somente de 16 km. Ledo engano. Uma olhada mais detalhada na planilha do percurso e principalmente no gráfico de altimetria, o que se via era algo parecido com um exame de eletrocardiograma, cheios de picos e bicos, em um ritmo de sobe e desce como a batida de um coração.

Analisando o percurso inteiro de todo o caminho da Fé, etapa por etapa, estava lá delineado: Das 28 etapas deste Caminho da Fé, 14 etapas são de sobe e desce. Portanto, metade das 28 etapas do Caminho é difícil.

Não são etapas de sobe e desce naturais não, eram sobe e desce de muito aclave e declive, ou seja, na minha

²² A pousada está localizada entre a cidade de Andradas e a rampa de vôo denomina Pico do Gavião. Fica apenas a 11 km de Andradas e a 5 da rampa do Pico do Gavião.

classificação de subidas eram, na sua maioria subidas de 30 e 50 passos, enquanto as descidas, eram descidas do mesmo modo, pois tinham declives tão acentuados que os músculos da perna começavam a entrar em colapso e não lhe atendiam, quando então você era obrigado a parar, restabelecer-se e continuar a descer.

Portanto, tanto a subida quando a descida íngreme são bastante difícil para o caminhante.

A minha média de caminhar em um terreno normal é de 5 km/h, porém em todo estes percursos, com acentuadas descidas e subidas, minha media cai para 3 km/h.

A pousada Pico do Gavião fica numa região em que são praticados voos de asa delta e parapente e, portanto, os hóspedes desta pousada são quase todos esse pessoal que praticam este esporte.

Inicialmente a pousada fazia parte do roteiro do Caminho da Fé, mas hoje não faz mais. Por isso ao chegar à pousada, depois da reserva feita anteriormente, não me assustei com a forma totalmente formal e distante que me dispensarão durante minha estadia, afinal, eu era apenas um peregrino, praticante da fé e não um piloto praticante de asa delta e/ou parapente.

Na manhã seguinte, parti feliz e triste ao mesmo tempo. Feliz por deixar para trás, um ambiente sem calor humano e sem ternura e triste por ter que deixar ali uma

linda imagem da minha amiga Cidinha (Nossa Senhora Aparecida) sobre um canto do balcão.

Pensei seriamente em furtá-la, e assim, libertá-la e até me pus a imaginar sendo um daqueles pescadores que há quase 300 anos a retiraram do fundo do Rio Paraíba e irradiaram fé e esperança por todo um país.

Durante esta idéia de levar a Cidinha comigo minha Razão, meu Medo, minha Fé e minha Loucura travaram o seguinte dialogo:

- Ora, não há nada de errado em dar liberdade a alguém! - disse a minha Loucura e complementou de forma sarcástica - além do mais você já tem experiência!

- O ser humano não é obrigado a seguir leis tiranas e os atos de fé e coragem exigem sim um pouco de Loucura! - disse a minha Fé.

- Ora, os senhores estão delirando, não se pode fazer tudo em nome da Fé, além do mais, este ato é um furto que pode trazer conseqüências legais bastante constrangedoras! - Disse minha razão.

- Concordo cem por cento. - disse de imediato, o meu Medo.

- Ora, o que seria uma simples acusação de furto para quem já foi até excomungado na juventude? - disse a minha Loucura, lembrando águas passadas!

...

²³Jussara /GO - Fevereiro de 1976 - Os Excomungados

Éramos uma turma de jovens, com alguns ainda nem ingressos na maioridade. Naquele episódio éramos oito. Dois moravam "lá em cima" (Wilson Mora e Silvio Trivela) e os demais moravam "lá em baixo" (Denides, Beto, Roberto, Edy, Deusim e Eu). Estes eram os únicos dois bairros da cidade, alias, esta era uma divisão feita por nós e este lá em cima, e lá em baixo, era em relação a praça e a igreja da praça. Porém, era comum entre os moradores, quando eram indagados onde moravam, que a resposta sempre fosse: Moro lá em cima, ou, moro lá embaixo.

Quando marcávamos nossos encontros, quase diários, e quase sempre á noite, tínhamos sempre o seguinte dialogo:

- Que horas vocês vão subir? - perguntavam os que moravam lá em cima, para os que moravam lá em baixo.

- Que horas vocês vão descer? perguntavam os que moravam lá em baixo, para os que moravam lá em cima.

Depois desta combinação, o ponto de encontro, era sempre a praça.

Era uma quinta-feira, e não sei por qual motivo, esta foi mais uma daquelas madrugada em que

²³ Pequeno município do Estado de Goiás, naquela época, com menos de cinco mil habitantes!

agrupávamos na porta da igreja, quase sempre acompanhados por uma garrafa de cachaça e sentávamos em seus degraus, pois dali, tínhamos uma visão geral da praça. Os degraus estavam ainda sem reboco, pois a igreja estava em reforma.

Sim, a igreja estava em reforma há meses, porém os vitrais, das duas enormes portas já haviam sido instalados.

Devido à reforma, havia andaimes ainda montados e que davam acesso à parte de cima da igreja para que os pedreiros pudessem trabalhar. Ao lado do andaime havia, também, uma pilha de tijolos.

Depois de muitas conversas adocicadas e entremeadas por fartos goles de cachaça já nos sentíamos leves como as andorinhas que faziam suas moradas no peitoral mais alto da igreja. Daí, para escalar aqueles andaimes e ver a rouquidão da noite mais distante, bastava alguém dar a idéia. E alguém deu a idéia de subir naqueles andaimes!

Um ²⁴bebum subiu, meio cambaleando, e no seu encalço, subiram mais dois.

- Vejam, tem um balde com um gancho e uma carretilha aqui em cima. - gritou um bebum lá de cima.

²⁴ Ser de lealdade absoluta, alma pura, espírito altruísta e sonhos infinitos, porém, totalmente desprovido da razão, sendo incapaz de rejeitar um convite de outro ser da mesma espécie, mesmo que este convite seja para fazer algo com 0% de chance de dar certo.

- *Vamos fazer uma boa ação e subir estes tijolos para os pedreiros. - gritou um bebum, de "inteligência superior", aqui de baixo.*

- *Jogue o balde e o gancho aqui em baixo, que nos vamos encher de tijolos e vocês puxam pela carretilha, e amanhã, quando os pedreiros chegarem para trabalhar eles ficaram muito felizes!*

Um bebum jogou o balde lá de cima, que caiu sobre o gramado, em uma manobra perfeita para um bebum, pois não atingiu a cabeça de nenhum de nós que estávamos na parte de baixo.

- *Agora desce o gancho. - gritou um bebum aqui de baixo.*

- *Lá vai! - gritou um bebum lá de cima.*

Ocorre que o gancho, não era para ser jogado e sim, descido pela carretilha. Porém, como dois bebuns não se entendem nem quando conversam olhos nos olhos, imagina se iriam se entender quando estão em altitudes diferentes, um aqui em baixo e outro lá em cima!

Ao ser jogado, o gancho, despencou até a metade do percurso que teria até o chão, pois estava preso na carretilha lá em cima, e balançou para um lado e ao balançar para o outro atingiu os vitrais da enorme porta da igreja, que se quebraram e se espatifaram no chão quebrando o silêncio de toda madrugada e nos deixando em estado de espanto e mudez. Apesar do nosso estado de

bebum, todos sabiam da enorme encrenca que tínhamos acabado de se meter.

Sentamos todos, pálidos e pasmos nos degraus da outra porta, do outro lado, e nos pusemos a confabular sobre o que iríamos fazer.

Depois de longos debates, idéias geniais, e soluções dignas de tese de mestrado, decidimos ir dormir, pois afinal de contas o dia já estava amanhecendo e logo o ²⁵Marinheiro" iria chegar, iria descobrir aquele estrago, iria contar para o Padre, que iria contar para o ²⁶Capitão Delegado e era melhor a gente estar dormindo e longe desta confusão toda.

Ocorre, que dessa turma toda, apenas eu, trabalhava. De modo que naquela manhã, depois de apenas quatro horas de sono, uma ressaca alcoólica e uma ressaca moral, as 08:00h, eu já estava no batente.

Porém, o som dos estilhaços do vidro da igreja ainda ecoava na minha cabeça com uma nitidez cristalina. Associado a isso, tinha ainda o fato de que, pelo menos até lá pelas duas horas da tarde, eu estava absolutamente só, pois com certeza, todos meus amigos ainda estariam dormindo como "anjinhos".

²⁵ Marinheiro era o jardineiro que cuidava da praça

²⁶ Capitão Delegado era de fato o delegado da cidade, pois naquele tempo distante, nos pequenos municípios, o chefe da Polícia Militar era quem exercia as funções de delegado.

E o que eu mais temia aconteceu: Por volta das três horas da tarde, O Capitão Delegado estacionou o seu Jeep viatura em frente ao meu trabalho. Dezenas de olhos curiosos adentraram a minha sala junto com ele.

- Então o Senhor e sua turminha badernaram a praça inteira e até a igreja, não é? - disse ele, com aquela voz típica de autoridade. Não só autoridade terrena, mas também autoridade Divina, pois quando pronunciou a palavra igreja, a pronunciou soletrando as letras ao mesmo tempo em que fazia um gesto de devoção divina, levantando o quepe com as pontas dos dedos.

- Como badernou a praça? Nós apenas presenciamos o vento derrubar os vitrais da igreja.

- Ah, é? Então o mocinho prefere complicar as coisas colocando a culpa no vento?... - percebi que minha desculpa esfarrapada, só ia complicar as coisas, pois eu já tinha visto falar dos métodos que o Capitão Delegado utilizava para abrir a boca dos meliantes. Eram os mesmos métodos que minha mãe utilizava quando fazíamos algo errado, porém, o Capitão Delegado nunca deixava uma rota de fuga, como minha mãe sempre fazia. Melhor tirar o vento desta história.

- Não, tudo bem... como a gente estava lá, a gente vai pagar os vitrais. - respondi, já com a adrenalina fervilhando em todo o meu corpo.

- Há três bancos quebrados na praça também, não foram vocês, foi o vento?

- Não, claro que não fomos nós, a única coisa que fizemos, acidentalmente, devido o vento, foi quebrar o vitrais da igreja!

- Entre aqui na viatura, vamos lá, "conversar" com seu pai! - disse isso, apontou-me a viatura e já se movimentou rumo à mesma. Pensei comigo: "Conversar" com meu pai, junto com o Capitão Delegado, chegando lá em casa em uma viatura, depois de ²⁷atravessar toda a cidade e de ressaca física e moral, não era um fato que eu faria de bom grado. Porém, como sair desta encrenca?

- Não precisa conversar com meu pai, eu já disse, nos vamos pagar o vidro da igreja! - tentei dissuadi-lo. Foi inútil, ele não cedeu. Porém, foi camarada, e me deixou entrar no banco de trás e não no camburão.

Mal adentrei na viatura ele começou a tortura moral e já foi dizendo:

- Se não foram vocês que quebraram os três bancos da praça, é melhor vocês descobrirem quem foi, pois se não, vocês terão que pagá-los também.

Pensei um pouco e disse:

²⁷ Nesta época eu trabalhava no escritório de um posto de combustível (Posto Brasília II) que ficava na última rua da Cidade, junto a BR e meus pais moravam na primeira rua da cidade (Rua do Cemitério). Seria uma longa viagem!

- Nós vamos descobrir! - respondi até convicto, pois na minha cabeça eu já estava bolando um plano para encontrar os culpados pela quebra dos três bancos da praça.

Enquanto isso, eu seguia dentro da Viatura, que como já disse, era um "Jeep", cuja capota era de lona e plástico e que se abria nas laterais, de modo que você tinha uma ampla visão da paisagem de fora. Porém, e infelizmente, a "paisagem" de fora, também, tinha uma ampla visão de você dentro daquela viatura, ao lado do Capitão Delegado. Ocorre que na "paisagem" de fora, havia várias pessoas que me conhecia e dentre elas, estava minha namorada, que ao ver aquela cena inimaginável, tratou de acordar os meus "parceiros do crime" para avisá-los que eu estava indo preso e para saber o que estava acontecendo!

Como em cidade pequena as notícias ruins se propagam à velocidade da luz e ninguém perdia a oportunidade de identificar quem era o delinqüente da vez, todos os olhos da cidade sempre se voltavam para a viatura, principalmente se ela estivesse se dirigindo para o lado de baixo da cidade, que era onde ficava a cadeia, e então, todos deduziam, que o seu ocupante, neste caso eu, estava sendo levado para a cadeia.

E a Viatura seguia rua abaixo, em câmera lenta, e eu não sabia o que era mais torturante, se era a demora de

chegar até em casa ou se era enfrentar a "bronca" de meu pai.

Porém, de todas as ruas que a Viatura iria passar, a rua que mais me preocupa, era a parte final, da hoje, Avenida "B", no hoje, bairro Nortista, pois ali residiam, além dos amigos conterrâneos dos meus pais, as católicas mais fervorosas da cidade e também Dona Ana, a benzedeira da família.

O Capitão Delegado, por conhecer toda a dinâmica social daquela pequena cidade e também todos os métodos de "tortura", ao chegar neste trecho do caminho, ele diminuiu, propositalmente, a velocidade do Jeep Viatura, e eu quase conseguia ouvir os cochichos das beatas nas calçadas e aquela tortura se tornou uma eternidade. Eu já torcia para chegar logo em casa para enfrentar a "bronca" de meu pai.

Eu conhecia bem meu pai. Eu sabia que ele jamais "passaria a mão na minha cabeça", eu teria que assumir os meus erros. E era por isso, que eu já havia falado para o Capitão Delegado, que eu assumiria os prejuízos da quebra dos vitrais da igreja. O Capitão Delegado, também, conhecia meu pai, "Chico Felix". Ele, meu pai, era um dos moradores mais antigos da cidade e, portanto, conhecido de todos.

Quando aquele Jeep Viatura parou em frente à casa do meu pai, já havia dezenas de olhos a espreitá-lo das janelas vizinhas.

- Bom dia Sr. Francisco Felix! - disse o Capitão Delegado, já descendo do Jeep Viatura.

- Bom dia! O que aconteceu? - indagou assustado meu pai, ao me ver descendo daquela viatura. Da cozinha eu já vi surgir, ainda mais assustada, minha fiel escudeira, minha mãe.

- Sr. Francisco, o seu filho fez uma coisa errada e eu o trouxe aqui para que ele mesmo conte ao senhor o que fez - disse o Capitão Delegado.

Enquanto isso o burburinho na cidade era grande. Os bebuns da noite anterior já tinham sido acordados pelos pais com a notícia de que o Capitão Delegado já tinha capturado um dos "meliantes". Como todos os pais sabiam que os filhos eram da mesma Turma do "meliante" capturado, fizeram uma enorme pressão para saber o que estava acontecendo.

Como a lealdade na ²⁸Turma era algo inerente a todos nós, mesmo com os sacolejos sofridos por alguns,

²⁸ Além de mim, faziam parte da turma : Beto, Denide, Edi, Roberto, Wilson, Carlos, Silvio, Curica, Gilmar, Tião Paca, Tião Vieira, Vilson, Dairson, Vilmar, Deusim, Nilva, Vilma, Flora, Cleuni, Jussara, Maria Edna, Helena, Dinaedes e Cláudia.

ninguém citou o nome de quem quebrou os vitrais da igreja, dizendo sempre que fomos nós.

Voltando a minha via crucis:

- Vamos, conte ao seu pai o que você fez junto com seus amigos ontem à noite! - disse o Capitão Delegado.

- Nos não fizemos nada de errado, foi apenas um acidente que ocorreu e que quebrou o vitral da igreja!

- Ele vai preso? - perguntou minha mãe assustada.

- Não, ele vai ter que pagar os vitrais da igreja, além de três bancos quebrados na praça. - disse o Capitão Delegado.

- Nós não quebramos nenhum banco, vamos provar isso! - disse eu.

- Vou dar prazo de três dias para que vocês provem que não foram vocês que quebraram aqueles bancos. - disse o "Delegado".

- Claro, nos vamos provar que não quebramos nenhum banco. - disse eu.

Meu pai e minha mãe quiseram saber detalhes do ocorrido e contei tudo, porém sem citar culpados.

Depois de um "sermão" enorme do meu pai e das intervenções da minha mãe para me proteger, o Capitão Delegado, já satisfeito com a bronca que tomei do meu pai, disse:

- Vamos embora então, eu vou te levar de volta ao seu trabalho! - Meio no instinto, eu até pensei em

dispensar aquela carona indigesta, mas, em um raciocínio rápido, pensei comigo: Ora, agora o Jeep Viatura vai subir a cidade e aqueles pessoas que me viram descendo a cidade, dentro dele, rumo a cadeia, e deduziram que eu estava indo preso, agora vão ter que rever seus conceitos.

- Aceito a carona! - respondi e já entrei no Jeep.

Quando Jeep Viatura passava ao lado da praça, já avistei, reunidos ao lado de um dos bancos da praça, a Turma quase toda, já traçando um plano para me libertar da prisão. Pois na cabeça deles e de todos que me viram dentro daquele Jeep Viatura, descendo para o lado da cadeia, mais cedo, jamais poderiam imaginar que eu estava sendo conduzindo para a casa de meu pai, para levar um “sabão” e não para a cadeia.

Quando a Turma me avistou dentro do Jeep Viatura já voltando rumo ao meu trabalho, e eu, lá de dentro, sem que o Capitão Delegado percebesse, acenei para todos de modo esfuziante e sorridente, foi pura festa. Olhei para trás e todos seguiam, quase correndo, o Jeep Viatura rumo ao meu trabalho.

Todos estavam loucos para saber, como eu tinha conseguido sair tão rápido da cadeia e ainda conseguido uma carona no Jeep Viatura.

Enquanto o Jeep Viatura seguia rumo ao meu trabalho, e eu avistava, lá atrás, a Turma nos seguindo, eu já me sentia um meio pop star e não um quase delinquente.

De qualquer modo, me senti um pouco mais aliviado e, então, falei para o Capitão Delegado dos meus planos para descobrir quem tinha quebrado os bancos da praça:

- Nós temos um amigo que é padeiro da ²⁹Padaria Estrela e todas as noites, na madrugada, ele cruza a praça rumo a padaria, ele pode ter visto algo.

- Você tem três dias para investigar e me informar. - resumiu o Capitão Delegado.

- Poucos minutos depois do Capitão Delegado me deixar no meu trabalho, a Turma chegou, e então, contei toda a história.

Na noite deste mesmo dia, juntamos o quartel general da Turma, e depois de cada um contar os "aperreios" do dia, iniciamos nossa investigação com a pista quentíssima: O Padeiro.

O Padeiro chamava Roberto e era primo do Denides, que havia participado da desventura da noite anterior. Ficamos na praça, Denides, Beto e eu, até as três horas da manhã, esperando Roberto chegar. Foi um tiro certo, pois o Roberto falou que quando chegou para o

²⁹ A Padaria Estrela, ficava ao lado da praça e quase sempre, depois das noitadas longas, nos íamos até lá, passando pelo corredor lateral e chegando até os fundos da mesma, em busca de uns pães quentinhos para matar a fome. A visão era espetacular e inesquecível: Eles forravam o chão com um grande lençol branco, amarravam as pontas em umas pilastras e iam despejando as fornadas de pães formando uma montanha de pães quentinhos e de cheiro irresistível. Este cheiro era a senha que nos atraía da praça rumo a padaria naquelas madrugadas.

trabalho na noite anterior, nós já não estávamos mais na praça e que ele viu a turma do ³⁰Tupy, uns três, bebendo e sentados em cima dos encostos dos bancos. E que depois, quando o dia clareou, e ele já estava indo embora, viu os bancos com os encostos quebrados, sendo que um dos bancos, era o mesmo banco que a turma do Tupy estavam sentados.

Passamos esta informação para o Capitão Delegado, que fez a apuração do caso, e a turma do Tupy confessou que tinham quebrado os bancos.

Apesar da nossa pouca idade, todos com idades entre 14 e 19 anos, e da nossa paixão por rock, álcool e ³¹penosas, o nosso senso de cidadania e do que era certo e do que era errado, era aguçadíssimo, pois jamais depredamos algo, jamais nos envolvemos em brigas e tínhamos um respeito enorme pelas pessoas.

Depois dos fatos devidamente esclarecidos, pensava eu, que o problema estava resolvido. Ledo engano!

Na missa matinal de domingo, com todas as beatas da avenida "B" presentes e os vitrais da igreja ainda quebrados, pois ainda não tinha sido repostos, o assunto principal da missa foi à quebra dos vitrais por "vândalos".

Aproveitando o clima da missa, o padre fez uma longa pregação contra os "vândalos" que estavam

³⁰ Jogadores do clube de futebol da cidade.

³¹ Galinhas, galos, frangos e peru (sempre dos vizinhos).

destruindo a igreja e ao final os excomungou. Porém, o vândalo que estava na boca e cabeça de todos era aquele que passeou pela cidade inteira no Jeep viatura do Capitão Delegado: Eu.

Como eu morava "lá em baixo", todos os dias eu era obrigado a percorrer, sempre a pé, toda a avenida "B" de casa para o trabalho e do trabalho para casa e no meio deste caminho tinha as beatas, tinha as beatas no meio deste caminho. Eu não tive escolha, mudei de caminho.

Porém, o que mais me fez mudar de caminho, foi a vergonha que eu fiquei de passar em frente a casa da Dona Ana Benzedeira, que eu respeitava tanto quanto minha mãe e que já tinha me benzido até de bicho de pé.

Na minha cabeça juvenil eu imaginava: Dona Ana Benzedeira não merece ter um benzido seu excomungado! Isso me torturou por toda minha adolescência.

*“Os pecados dessa cidade
ainda gesticulam em minha
mente e dificultam o
meu pensar.*

*Os fantasmas dessa cidade
ainda perambulam pelas
minhas veias e tripudiam
no meu coração.”*

(Valdir L. Queiroz)

Os precursores da cultura do desaparego

14ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

Pousada Pico do Gavião (MG) / ³²Serra dos Lima

Distância até Aparecida: 298 Km

Esta foi uma das etapas mais difíceis do Caminho, e eu já devia ter desconfiado, pois um vilarejo com nome de Serra dos Lima, que era o meu destino de hoje, deve ter algum motivo para ter serra no nome. E o motivo era o mais lógico possível: No meio do Caminho tinha uma serra, tinha uma serra no meio do Caminho.

E a serra era tão íngreme, que o sistema de classificação que eu havia inventado para medir a dificuldades das subidas íngremes, cuja escala de dificuldade ia de 200 passos a 30 passos, e que representava a quantidade de passos que eu conseguia dar,

³² Serra dos Lima é um minúsculo bairro rural de Andradas conhecido por todos os peregrinos, pois no meio do caminho, antes de alcançá-lo, tem uma temível serra, e vencê-la, não é fácil

sem perder o fôlego e ter que parar para descansar, não serviu para medir esta serra, pois por inúmeras vezes, eu consegui dar somente dez passos sem parar para descansar. Ufa, ufa, ufa!!

Ao concluir o longo percurso da Serra dos Lima, e me sentindo semi vivo, semi morto, imaginei que a pousada e o Vilarejo estivesse logo ali a frente. Mas não estava. E assim, totalmente esgotado, caminhei mais uns três quilômetros até chegar ao Vilarejo e no albergue da Dona Natalina por volta das 15 horas.

Dona Natalina me recebeu com um grande sorriso e com o Albergue inteiro somente para mim, pois eu era o único Peregrino no Albergue.

Enquanto eu tomava um banho para retirar a poeira e aliviar a exaustão do corpo, Dona Natalina preparava o mais importante prato do cardápio de seu albergue. Pouco depois do banho fui servido pelo único prato do cardápio do albergue de Dona Natalina: Arroz, feijão, tomate, ovo frito e bife acebolado!

Apesar de ser o mais tradicional dos pratos, esta era a segunda vez na vida em que eu jamais trocaria este prato por qualquer outro prato do melhor restaurante do mundo.

A primeira vez, em que eu tive esta mesma sensação, de estar diante do melhor prato do mundo, saboreando arroz, feijão, tomate, ovo frito e bife acebolado... é outra história!

(...)

Corumbá/GO - Março de 1980 - Os Caronistas.

A decisão tinha sido tomada: Era hora de partir novamente pro mundo e buscar um trabalho. ³³*Em Jussara não dava mais.*

Preparamos as mochilas, ³⁴*Denide e eu. No dia seguinte, conforme nossos planos iríamos botar o pé na estrada, rumo a Niquelândia, pois a noticia era quente dando conta que chegando lá, o emprego era garantido, pois estava em fase final de instalação uma grande usina do Grupo Votoratim, para extração de Níquel.*

O único problema que tínhamos, para chegar a Niquelândia, era o fato de não termos, literalmente, nenhum centavo no bolso e 560 km era o que nos separava do nosso destino. Porém, dinheiro e distância, nunca havia sido problema para nós, pois, tanto por precisão, quanto por opção, éramos adeptos e praticantes fervorosos da cultura do desapego, muito antes deste termo virar moda.

Em 1980 estávamos mais preparados do que nunca para romper distancias usando apenas o polegar, pois durante o ano de 1979 estudávamos em Goiânia, que fica a

³³ Nossa cidade natal.

³⁴ Fomos amigos desde a infância até sua morte em Setembro/90. A vida para nós era um parque de diversões. Vivemos incontáveis aventuras juntos.

240 quilômetros de Jussara, e quase todos os finais de semana, botávamos a mochila nas costas e íamos para o trevo pegar carona. Como morávamos em uma república no centro da cidade, e não tínhamos dinheiro nem para pegar o ³⁵coletivo até o trevo, a gente ia para rodoviária e depois de um "lero" com o cobrador da Viação Souza, ele deixava a gente entrar no ônibus e ir até o trevo. Chegando ao trevo a gente descia, pois a partir dali só podia seguir no ônibus quem tivesse passagem. Porém, ao chegar ao trevo, a sensação de liberdade era plena.

O nosso apego a liberdade era tanto que por diversas vezes, ao chegar ao trevo, a gente desafiava um ao outro para ver quem chegaria primeiro a ³⁶Jussara. O desafio consistia em a gente se separar e cada um ir para um lado do trevo e quem tivesse mais sorte e pegasse melhores caronas chegaria primeiro.

Raramente, nestas aventuras, você conseguia pegar uma carona direta. Via de regra, você pegava várias caronas até conseguir chegar ao seu destino, e às vezes, o dia era pequeno e quando a noite chegava você era obrigado a procurar um banco de praça ou uma marquise de igreja para dormir e continuar a aventura no dia

³⁵ Ônibus urbano.

³⁶ Naquela época havia duas opções para se chegar a Jussara: 1) Passando por São Luiz de Montes Belos - hoje saída para Trindade; 2) Passando por Goiás - hoje saída para Inhumas.

seguinte. Portanto, depois de tanto treino, eu e meu amigo Denide estávamos prontos para partir rumo a Niquelândia.

Na manhã da nossa partida levantamos bem cedo e rumamos, para o Posto Brasília II, que fica na BR. Chegando ao Posto, conseguimos de imediato uma carona direta para Goiânia em um ³⁷Caminhão de transporte de combustível que ia buscar uma carga em Goiânia. Era muita sorte, pensei comigo. Ledo engano!

Chegando a Goiânia, ainda cedo, o motorista deixou a gente na BR que vai para Anápolis. Em pouco tempo pegamos uma carona para Anápolis e ficamos no trevo, próximo a Base Aérea de Anápolis, já em uma rodovia sem asfalto, que ia para Cocalzinho.

Mais uma vez, pegamos outra carona em menos de 30 minutos, porém agora em cima da carroceria de um pequeno caminhão leiteiro que iria somente até Cocalzinho.

Depois de muitos sacolejos, de quase duas horas de estrada e completamente cobertos de poeira, pois aquela era uma estrada que trafegava muitos caminhões grandes transportando cimento de uma fábrica de Cocalzinho, descemos em Cocalzinho irreconhecíveis.

Fomos até um posto de combustível, tomar um banho a seco. Pegamos a mangueira de ar e sopramos um

³⁷ O caminhão pertencia ao Sr. Elifas, ex-proprietário do Posto Brasília I.

ao outro até ficarmos zerados e limpinhos, apesar de o cabelo ter ficado meio petrificado.

Depois de devidamente limpos pelo banho de ar do posto, a fome começou a chegar, pois afinal, já eram mais de duas horas da tarde e a gente estava apenas com o café da manhã (café + tapioca) que tínhamos tomado em casa.

Porém, nossa meta era chegar a Niquelândia que estava, ainda, a mais de 200 quilômetros, e mais da metade deste percurso era estrada de terra.

O nosso ponto para pedir carona ficava bem em frente à fábrica de cimento e devido ao movimento dos funcionários, entrando e saindo da fábrica para troca de turno, havia alguns ambulantes, vendendo, principalmente, doces.

Como a fome apertava cada vez mais, ninguém parava para nos dar carona e as horas urgiam rumo ao crepúsculo, começamos a pensar no nosso plano "B", que alias, ainda não existia, era preciso criar este plano "B", que consistiria em arrumarmos algo para comer urgente!

Não foi difícil arrumarmos dois enormes doces de leite que um ambulante vendia ali na porta da fábrica, pois ele já estava há muito tempo observando nossas tentativas frustradas de parar algum carro com o "dedão" e a cada tentativa era mais um banho de poeira que tomávamos.

Foi só o Denide chegar diante dele, com aquela cara poeirada, explicar que não tínhamos nenhum centavo para comprar nada, falar que estávamos sem comer desde manhã e pedir um doce. Ele deu dois. Foi pura festa!

Depois de saciados pelos enormes doces de leite, ainda sobrou um pequeno pedaço e o Denide o jogou fora, no gramado, embaixo de um banco. Agora era hora de voltar a por o dedão na estrada.

Depois de muito tempo pedindo carona, sem sucesso, a boca da noite já apontava no horizonte, e sabíamos, por experiências vividas, que as chances de carona após a chegada da noite, eram de praticamente zero. Melhor seria começarmos a pensar em um plano "C" e "D". O Plano "C" seria como conseguir um prato de comida e o plano "D" seria onde dormir.

Onde dormir, até que não seria problema, pois o Denide tinha uma cobertura de tropeiro, dos tempos em que ele campeava gado com seu irmão Milton e eu tinha minha arma secreta: O saco de dormir. Este saco de dormir era herança das minhas andanças, como caronista, em 1978, pelo Brasil, Bolívia, Argentina e Paraguai. Ainda tínhamos a nosso favor, o tempo, que estava limpo e sem sinais de chuva. E para brindar nossa sorte já traçamos ali, o Plano "D", com a visão que tivemos de um grupo escolar, lá do outro lado, próximo a uma pequena capela, com uma

enorme área externa coberta. Era ali que a gente iria dormir.

Com o Plano "D" já traçado, a nossa urgência agora era o plano "C": Arrumar comida. Nós sabíamos que atravessar a noite apenas com aquele doce que havíamos comido e servindo de almoço e jantar, não ia ser fácil.

Em frente à fábrica de cimento, onde estávamos, tinha um posto do outro lado da estrada, onde a gente tinha tomado o banho à seco, ou seja, um banho de ar, e ao lado do posto havia uma pensão. Traçamos o plano "C".

Todo plano que se preze, tem um objetivo, tem uma estratégia e tem um custo. O nosso plano tinha tudo isso. Objetivo: Conseguir comida; Estratégia: Pedir comida. Custo: qualquer preço, desde que este pagamento não fosse com dinheiro, pois isso era algo que não tínhamos. Porém, pensávamos em propor lavar as louças, o banheiro, ou qualquer outro trabalho.

Depois do Plano "C" traçado, eu fui o escolhido, para colocá-lo em prática, pois tinha sido o Denide quem tinha conseguido os doces mais cedo. Por via das dúvidas, alertei meu companheiro, de que era melhor a gente traçar o plano "E" que consistiria em resgatar aquele nosso pedaço de doce, que havíamos jogado sobre um gramado, debaixo de um banco e que provavelmente estaria de posse de um "bando" de formigas.

Ele concordou integralmente com o plano e antes de atravessarmos a rodovia para o outro lado, já meio escuro, tateamos debaixo do banco e lá estava nosso pedaço de doce infestado de formigas. Pegamos aquele pedaço de doce, e depois de umas dez baforadas de ar sobre o mesmo, a plenos pulmões, não restou uma formiga. Agora sim, era hora de por em prática o Plano "C": Conseguir comida.

Atravessamos a rodovia e ao chegar próxima a pensão, do lado de fora, eu me pus a observar, por uma janela, todo o movimento lá dentro, que alias, tinha pouco movimento. Havia apenas cinco pessoas sentadas em três mesas separadas, todas jantando um prato feito (PF).

Mas o que eu queria mesmo, era descobrir quem era o proprietário. O que demorou um pouco, pois fui hipnotizado pela visão de um prato de refeição que uma moça acabava de trazer da cozinha e colocava para um cliente numa mesa bem próxima do meu campo de visão.

Enquanto eu apenas sonhava com um prato daquele, o meu estômago já implorava por aquele prato. Voltei a fazer minhas e observações e conclui que a proprietária, era a cozinheira.

Preparei minha cara de fome, ajeitei meus cabelos petrificados, treinei meu melhor olhar de tristeza e coloquei o plano "C" em execução.

Depois de explicar nossa situação desde aquela manhã, fazer o pedido de um prato de comida grátis, propor pagar com nosso trabalho e falar do nosso objetivo de chegar até Niquelândia em busca de trabalho, ela ouviu tudo em silêncio. Depois, séria, disse:

- Um não, vou arrumar dois fartos pratos de comida. Chame seu companheiro! E esboçou um largo sorriso, o qual eu nunca esqueci.

E os dois fartos pratos vieram. Continham arroz, feijão, tomate, ovo frio, bife acebolado e muita generosidade. Esta foi a refeição mais saborosa e completa que eu já comi até hoje, pois não apenas saciou minha fome, mas também, alimentou minha alma.

Depois de saciados e dispensados de pagar os pratos com o nosso trabalho, era hora de recolhermos aos nossos "aposentos", que no caso, era o pátio do grupo escolar, não sem antes tomarmos mais um banho de ar, à seco, na mangueira do posto.

Foi uma noite de sono profundo, pois somente acordamos, com o burburinho das crianças em nossa volta, se preparando para entrar nas salas de aula. Era hora de reiniciar nossa viagem rumo a Niquelândia, que estava a mais de 200 quilômetros à frente!

Se conseguimos chegar a Niquelândia? Ah, essa é outra história!

(...)

Voltando ao Caminho, depois de saborear o prato de Dona Natalina, conversamos amenidades e fui dormir cedo. Era preciso recuperar-se do intenso cansaço, pois o dia tinha sido de uma caminhada muito, muito difícil.

“Aqueles que abrem mão da liberdade essencial por um pouco de segurança temporária não merecem nem liberdade nem segurança.”

(Benjamin Franklin)

O amanhecer e os cinco sentidos

15ª etapa Grau de dificuldade: DIFÍCIL

Serra dos Lima (MG) / ³⁸Crisólia (MG)

Distância até Aparecida: 284Km

De manhã bem cedo, depois de saborear uns pedaços de bolo feito por D. Natalina, pus o pé na trilha novamente. Era uma linda manhã, que logo depois da primeira subida, me brindava com um sol que nascia entremeado nas nuvens do horizonte e a sua luz fazia com que as bordas das nuvens parecessem pintadas de ouro reluzindo um brilho único e especial. A sensação que eu tinha, era de puro agradecimento, pois me sentia um privilegiado de poder ver e viver aquele momento totalmente integrado àquela paisagem.

Este presente matinal somente me dava a certeza de que, cada vez mais, estou afinado com meu "Amigo lá de

³⁸ Crisólia é um pequeno bairro rural de Ouro Fino

Cima". Pois depois do dia anterior muito difícil, este era o afago que Ele me dava no dia seguinte.

Eu já tinha passado por uma situação idêntica quando fiz o Caminho de Santiago de Compostela em 2006 e não tinha conseguido dormir a noite toda porque o Albergue, onde cochilei, ficava na Casa Paroquial que era emendada com a igreja e na igreja tinha um sino que marcava as horas do vilarejo e que badalava de hora em hora, religiosamente. Portanto, eu tinha que cochilar entre uma badalada e outra, até o dia amanhecer. Porém, na manhã seguinte, fui presenteado com um lindo amanhecer, como este.

Nestes momentos, geralmente as minhas companheiras: A senhora Razão, a Senhora Emoção e a senhora Fé, costumam dialogarem entre si, cada uma puxando a brasa para sua sardinha e tentando me convencer de que uma é mais importante do que a outra.

- Não há nada de especial neste amanhecer. Ele é igual a milhares de outros - diz a senhora Razão.

- Ora - diz a senhora Fé - o que faz um amanhecer especial, não é o amanhecer em si, e sim, os olhos daquele que o observa. E é a fé, que o faz especial. Fé nas pessoas, fé na sua estrada, fé no futuro. Aquele que não tem fé, não consegue enxergar a beleza das coisas.

- Nada disso tem valor, se eu não estiver presente - diz a Senhora Emoção, e prossegue - você Fé, sem eu,

Emoção, não és nada. És como o pássaro sem voo, a árvore sem fruto, a intenção sem a ação.

Alheio a tudo isso, eu misturo Razão, Emoção e Fé e continuo minha caminhada alimentando minha visão com a paisagem deste belo amanhecer, minha audição com o canto dos pássaros, meu olfato com o perfume matinal das flores do caminho, meu tato com a leve carícia da brisa matinal sobre minha face e meu paladar com o doce e suave sabor do bolo caseiro de D. Natalina.

Como a vida é feita de momentos, aí está um momento simples, vivido em plenitude, e eternamente gravado em minha mente.

A ciência diz, e prova, que quando os seus cinco sentidos participam de um momento vivido por você, quase sempre este momento será eternamente gravado em sua memória. Portanto, o mínimo que você deve fazer, para viver momentos inesquecíveis, é libertar seus sentidos, pois para viver momentos inesquecíveis, basta isso, estar aberto, as pequenas coisas do nosso dia a dia e com a nossa antena dos cinco sentidos na posição "on".

Primeira lição: Quando for caminhar em um parque, use menos fones de ouvidos, liberte seus sentidos para o mundo que existe em sua volta. Um mundo com gargalhadas de crianças, com cheiro de piquenique, com brisa, com flores, com pássaros... com gente!

Segunda lição: observe as flores no seu caminho. Faça um simples teste. Tente encontrar, com o olhar e com o olfato, todas as flores que há entre seu trajeto de casa até o trabalho. Você vai concluir que há muito mais flores no seu caminho do que você imagina... Basta ter olhos para vê-las.

Terceira lição: liberte um bonsai.

Depois de uma longa e lúdica caminhada chego a Inconfidentes.

“Desconfie do destino e acredite em você. Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive já morreu.”

(Sarah Westphal)

As árvores vestidas de crochê

16ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

Crisólia (MG) / ³⁹Pousada Águas Livres

Distância até Aparecida: 263 Km

A Pousada Águas Livres fica a 6 Km da pequena e bela cidade de Inconfidentes, que é conhecida como a cidade do Crochê. Ao chegar à cidade, caminhando e adentrando a avenida principal, a visão que tenho, é de algo inusitado.

Vejo uma larga avenida de duas pistas, com canteiros de árvores frondosas e coloridas no centro, dividindo as duas pistas. As cores dos troncos das árvores, até a bifurcação para os primeiros galhos, são coloridas de cores diversas: Azul, vermelho, amarelo, verde e outras cores variadas. Somente quando chego muito próximo das

³⁹ Localizada a 6 km de Inconfidentes, Minas Gerais, a Pousada das Águas Livres oferece ao Peregrino conforto e hospitalidade, situado em meio a belíssima área verde e fontes de água natural.

árvores, é que percebo que as mesmas estão vestidas com bordados de crochê de variadas cores. É muito bonito e inusitado!

Como eu tinha dúvida se a pousada, que era fora da cidade, estaria aberta ou não, resolvi ligar no numero que constava na minha planilha de viagem, porém, percebi que meu celular não tinha sinal. Mas isso não era problema: Entrei em uma papelaria, fiz um resumo da minha lida naquele dia e pedi à proprietária que me deixasse fazer uma ligação. Ele autorizou na hora. Ao ligar uma voz feminina atendeu:

- Boa tarde, loja de bordados Borges as suas ordens!

- Desculpe acho que liguei errado - disse eu.

- O senhor queria falar onde?

- Eu quero falar na Pousada das Águas Livres.

- Mas é aqui também. Meu pai é o dono da pousada.

Nós moramos aqui e também temos esta loja - disse ela.

- Que bom! Sou peregrino e gostaria de hospedar na pousada. Ela está aberta?

- Aberta não está, pois não tem nenhum peregrino lá e não houve nenhuma reserva, mas vou falar com meu pai. O senhor está onde?

- Eu estou aqui em Inconfidentes no inicio desta avenida de arvores vestidas de crochê.

- Passe aqui então, nossa loja fica no final desta avenida. Segui então, a longa avenida de arvores vestidas

de crochê, até o local indicado. Chegando lá já fui recebido com um enorme sorriso pelo Sr. Osvaldo, dono da pousada.

O Sr. Osvaldo me confirmou que não havia ninguém na pousada, mas ela estava disponível e eu podia pernoitar por lá sem problemas. Ficava a 6 Km dali. Insistiu para que eu almoçasse ali com eles na cidade, pois apesar de ter mantimentos na pousada não havia ninguém por lá que pudesse fazer um "mexido" para mim. Agradei mas disse que preferia seguir minha caminhada, para chegar à pousada, tomar um banho, e depois, eu mesmo faria esse mexido.

Segui então o caminho até a pousada que realmente faz jus ao nome de "Pousada Águas Livres", pois existem pequenos lagos e pequenas cachoeiras em toda a área da pousada. Fui recebido pelo único inquilino da Pousada: Um enorme cachorro vira lata de pelo negro. Ele já veio ao meu encontro com um enorme sorriso no rabo, ou seja, abanando o rabo, o que equivale a um sorriso de mãe. Abaixei e lhe enchi de afagos e já lhe batizei de ⁴⁰Zal. Foi amor a primeira vista!

Depois de escolher um dos vários quartos da pousada, todas contendo duas camas e uma beliche, tomei um banho e depois fui para a cozinha a fim de preparar

⁴⁰ Nome do cachorro de Jesus Cristo no último volume da obra de J.J. Benítez - Operação Cavalo de Tróia lançado em 2011.

meu mexido. Porém, antes de acender o fogão ouvi barulho de carro chegando, e para minha surpresa, era o Sr. Osvaldo trazendo um banquete em várias marmitas. Agradei muito, e depois de devidamente saciado tivemos uma longa prosa para nos conhecer melhor e ele me contou que faz o Caminho da Fé todos os anos e havia chegado do Caminho na semana anterior.

Saem sempre de Inconfidentes em caravana, com carro de apoio que leva as mochilas e os mantimentos. Caminham durante o dia e a noite param e acampam. Este é o modo mais tradicional do pessoal fazer o Caminho da Fé, embora muitos façam de bicicletas, mas também em grupo.

Depois de uma longa e deliciosa prosa, fiquei sabendo que meu amigo de Pousada, o enorme vira lata que apelidei de Zal, havia chegado até aqui acompanhando um grupo de peregrinos, e que quando os peregrinos partiram, ele achou melhor ficar por aqui mesmo, onde recebeu abrigo e carinho do Sr. Osvaldo e família.

Durante a caminhada dos peregrinos uma das recomendações que recebemos escrito na própria Credencial do Peregrino, é a de não deixar os cachorros nos seguirem. Devemos forçá-los a voltar atirando-lhe pedras para que eles permaneçam nos seus lares, e não saiam, feito nós peregrinos, caminhando por aí, mundo afora, sentindo o cheiro do mundo.

O que ocorre, é que muitos desses cachorros parecem estar fastiados da monotonia de seus lares e teimam a nos seguir mundo afora em busca de novas paragens e aventuras.

Tive vários destes amigos de caminhada, por quilômetros e quilômetros, até que, de repente, eles resolvem parar e ficar em determinada guarida e te deixa seguir sozinho. E este foi o caso do meu amigo de pousada, o Zal.

Depois que meu amigo Osvaldo, foi embora, ficou o Zal e eu naquela imensa Pousada. A temperatura já tinha caído bastante, pois dava para sentir a pele, vez por outra, arrepiar. Tentei verificar a temperatura pelo meu celular, mas percebi que o mesmo não conseguia me mostrar a temperatura, pois o sinal da rede de celular não existia. Não dei muita atenção ao fato. Devia ter dado!!

“Se você encontrar alguém disposto a caminhar na chuva do seu lado, não fuja, molhe-se.”

(Contardo Calligaris)

Zal e eu

17ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁴¹Pousada Águas Livres (MG) / Borda da Mata
Distância até Aparecida: 242 Km

Assim como nos caminhos que fiz em 2006 e 2011, neste caminho eu também tinha minha rotina matinal antes de deitar e ao amanhecer e que consistia no seguinte:

- Colocar o celular para desperta as 06:00h;
- Levantar, escovar, passar protetor solar (rosto e braços);
- Vistoriar os pés e passar vaselina em todo o pé, principalmente, entre os dedos, calçar as meias e o tênis;
- Arrumar a mochila separando roupa suja e ou molhada da roupa limpa;
- Separar o mapa do dia seguinte e estudá-lo;
- Recolher cabos do celular;

⁴¹ Localizada a seis km de Inconfidentes, Minas Gerais, a Pousada das Águas Livres oferece ao Peregrino conforto e hospitalidade, situado em meio a belíssima área verde e fontes de água natural..

- Acomodar na mochila (em local fácil de retirar) o lanche da caminhada (uma banana e uma maçã);
- Abastecer a bolsa de água (meio litro);
- Jogar a mochila nas costas e fazer a checagem se os ajustes estão iguais ao padrão já definido pelos ajustes do caminho;
- Fazer vistoria visual em todo ambiente e partir.

Aproveito que estamos falando em rotinas, para descrever abaixo outras rotinas do dia a dia:

- Depois de iniciada a caminhada, paro de duas em duas horas para descansar e lanchar;
- Carimbar, em todos os locais onde pernoitei, a Credencial do Caminho da Fé. (Nota: No Caminho, tem mais valor do que qualquer outro documento);
- Lavar roupas um dia sim, outro não;
- **Seguir sempre as Setas Amarelas, elas são o seu GPS até o Santuário de Aparecida, se bem que, de vez em quando, as setas amarelas não conseguem pegar o sinal do "satélite da Mãe Aparecida" e a coisa fica complicada.**

Às seis horas em ponto, o alarme do celular tocou. Fazia um frio louco para um goiano como eu. Pela experiência de frio que eu tinha passado na etapa 12, em São Roque da Fartura, que marcou 7°C de manhã, eu creio

que por aqui estava uns 3°C, ou menos.

Levantei de debaixo de umas oito cobertas, pois como eu estava sozinho e no quarto que escolhi tinha duas camas e dois beliches, havia coberta a vontade. Frio à noite eu não passei, por enquanto.

Acendi a luz e iniciei minhas rotinas diárias, conforme já narrado. Quando abri a porta do quarto, já de mochila nas costas, achei muito estranho, pois estava tudo muito escuro. Chequei à hora no meu celular, e lá estava, eram 06:25h. A principio achei que o tempo estivesse nublado, mas logo percebi que o céu estava todo limpo e lindamente estrelado.

Uai! O que estava acontecendo? Eu estaria sonhando? O mundo teria ficado maluco, de um dia para o outro? Pois no dia anterior as 06:30h o sol já raiava no horizonte... Peguei então o meu relógio de pulso e olhei as horas... Ele marcava 04:28h... E agora quem estava certo, meu celular ou meu relógio de pulso?...

Pus-me a matutar e concluí: Como meu celular utiliza o sinal da rede para acertar as horas, e como não havia sinal de rede, por algum motivo, que desconheço, ele simplesmente me roubou duas horas de sono naquela noite de frio infernal!

Eu poderia simplesmente voltar para cama, maldizer minha sorte, ameaçar destruir o celular e coisas assim. Mas aquele céu, escandalosamente belo não merecia isso.

Aquele céu era um presente celestial.

Desci a mochila das costas, fui até a cozinha, já acompanhado pelo meu companheiro Zal. Lá na dispensa encontrei um leite de caixinha e uma latinha de Nescau. Peguei uma vasilha, liguei o fogão, coloquei todo o leite para ferver.

Enquanto esperava o leite ferver, ficamos Zal e eu, coladinhos um no outro, esperando. Ele entre minhas pernas, me aquecendo e sendo aquecido. Depois do leite fervido, peguei uma enorme caneca e um prato e fomos para o alpendre, eu e meu companheiro Zal. Sentei em uma cadeira de balanço e o Zal aninhou-se entre minhas pernas. Esfriei um pouco o leite do Zal e coloquei no seu prato, ao meu lado. Coloquei o meu leite em uma grande caneca e misturei com Nescau fazendo um delicioso chocolate quente.

Ali ficamos, Zal e eu, literalmente degustando aquele infinito Céu, todo nosso, tendo como sinfonia de fundo, o suave som das águas livres. Era um céu escandalosamente belo!

Aos poucos, a aurora foi chegando, e aquele Céu foi indo embora, de fininho, em câmera lenta, nos dando tempo de agradecer aquele momento vivido de forma única, rara e literalmente mágica!

Era hora de partir. Partir, é modo de dizer, pois tenho certeza, que muito de mim ficou com Zal e muito de

Zal, estará comigo para sempre!

Não é qualquer dia que você vive um momento único... Não é qualquer dia que você vive um momento raro... Não é qualquer dia que você vive um momento mágico!! Viver estes momentos, não é privilegio de alguns, é privilegio de qualquer um que ouse dar uma chance ao novo, ao inusitado, ao diferente!

*“Sim, minha força está na solidão.
Não tenho medo nem de chuvas
tempestivas nem das grandes ventanias
soltas, pois eu também sou o escuro da
noite.”*

(Clarice Lispector)

O peregrino moribundo

18ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁴² Borda da Mata (MG) / Tocos do Mogi

Distância até Aparecida: 227 Km

Apesar das inúmeras subidas íngremes, foi uma caminhada tranquila até Borda da Mata, que por sinal é uma linda cidade, pois tem sangue e alma de cidade do interior. Há uma praça enorme que praticamente atravessa a cidade. No meio da praça, uma linda igreja, onde à boquinha da noite a meninada se junta em sua volta e a faz pulsante como um coração.

Uns brincam de bola, outras de pular cordas, outros de esconde esconde, outras de puxa e estica, outros... É a vida latejando de paz.

⁴² **Borda da Mata** é um município do estado de Minas Gerais. Sua população segundo o censo 2010 é de 17.118 habitantes. Lugar de beleza natural e sossego, esse recanto sul-mineiro faz parte do Circuito das Malhas e do Caminho da Fé.

Nas ruas que margeiam a praça, há casas e pequenos sobrados com pessoas nas janelas e nos alpendres conversando alegremente. Isso mesmo, conversando como se não existissem televisão, novela, celular, facebook.

Fiquei pasmo de felicidade. Sentei em um daqueles bancos e fiquei ali, por um longo tempo, me inebriando daquela paz enquanto lubrificava minhas velhas asas enferrujadas para alçar voo rumo a minha infância e se misturar com aquelas crianças para brincar de “salve latinha”, bolinha de gude, finca...

Voltemos ao caminho. Ao chegar a Borda da Mata hospedei-me na pousada indicada pelo meu guia do Caminho. Depois de tomar um banho saí para almoçar. Ao retornar do almoço, por volta das 14:00h, me deparei com uma cena inusitada na recepção da pousada. Assim que entrei na pousada, do lado direito da recepção, tem um sofá e lá estava um jovem gemendo e se contorcendo de dor, emborcado sobre o sofá.

- O que está acontecendo? - perguntei ao recepcionista.

- Este rapaz chegou a pouco, de bicicleta, com outros dois ciclistas que disseram que estão fazendo o caminho da Fé, porém, como ele passou mal, com fortes dores abdominais, resolveu parar aqui para ver se melhora. Os amigos dele foram embora. Ele está aqui sozinho!

Fiquei indignado com tal atitude. Conversei com o rapaz e disse que iria levá-lo para o hospital. Ele só acenou a cabeça concordando, pois não conseguia conversar devido à dor.

Pedi para o recepcionista chamar um taxi e partimos para o hospital municipal. Aliás, quando o recepcionista falou que só tinha o hospital municipal, eu já fiquei cismado, pois o pré-conceito que eu tinha de hospital municipal era de arrepiar. Geralmente abarrotados de pacientes, sem médicos, sem medicamentos, sem ternura. Ledo engano.

Entramos no taxi e em dez minutos já estávamos na porta do hospital. Paguei o taxista e retirei meu amigo moribundo de dentro do carro, fazendo de meus ombros, suas pernas. Em dez minutos meu amigo moribundo já estava sobre uma maca sendo levado para a enfermaria para ser medicado. Na enfermaria, foi colocado em um leito. Conversei com a médica e ela diagnosticou que ele tinha comido alguma comida estragada e que iria interná-lo por umas três horas para hidratá-lo e aplicar os medicamentos via soro. Garantiu-me que era questão de minutos para que a dor passasse, e depois, era tomar muito líquido e repousar.

Eu então fiquei ali, ao lado do leito do meu amigo moribundo, que em menos de 20 minutos, depois de medicado, caiu em sono profundo. Ao terminar a primeira

garrafinha de soro a enfermeira veio, colocou outra e avisou-me que depois daquele segundo soro ele poderia ir embora, era só avisá-la para ela liberar a saída e entregar a receita.

O atendimento, as camas da enfermaria, a higiene e a limpeza deste hospital municipal público, que só atende pelo SUS, é de fazer inveja a maioria absoluta dos hospitais do Brasil. Parabéns Borda da Mata!

Depois que meu amigo moribundo, digo ex-moribundo, saiu daquele hospital ele parecia outra pessoa. Já queria até voltar a pé para a pousada, mas eu não deixei.

Exigi que ele seguisse as recomendações médicas de repouso e repouso e repouso. Depois de passar na farmácia, ali em frente o hospital, chamei o taxi e voltamos para a pousada. Enquanto isso ele foi me contando a sua história:

Se chama Guilherme, tem 28 anos e mora em São Carlos/SP. Tinham saído de São Carlos quatro dias antes, com dois "amigos" ciclistas, e na noite anterior, depois do jantar, tinha passado mal a noite inteira com vômito e diarreia, mas mesmo assim, empurrado pelos "amigos", resolveu tentar prosseguir. Porém, quando chegaram aqui, em Borda da Mata, as cólicas se agravaram e ele teve que parar, no entanto, os "amigos" continuaram.

Continuamos proseando por um longo tempo e lhe passei as recomendações médicas: Tomar os medicamentos, tomar muita água, repousar no mínimo, até

o meio dia do dia seguinte e somente depois, voltar ao caminho e muito devagar. Ele agradeceu profundamente tudo o que fiz, tiramos algumas fotos juntos e nos despedimos ali, pois no dia seguinte eu ia sair cedo com destino a Tocos de Mogi. Como eu ia a pé, e ele, embora saindo depois do meio dia, conforme recomendação médica estava de bicicleta, com certeza, em algum ponto do caminho a gente se reencontraria.

No dia seguinte, por volta da 09:40 horas, eu tinha parado para fazer meu lanche e avisto lá atrás, ao longe, um ciclista se aproximando. Eu tinha certeza que não era meu amigo Guilherme, o ex-moribundo, pois ele somente deveria pegar a estrada depois do meio dia. Mas era ele! A minha Razão já estava preparando a bronca, porém minha Emoção de vê-lo sorridente e feliz foi mais forte. Nós abraçamos demoradamente e fraternalmente, nenhum de nos dois conseguiu disfarçar "o cisco no olho" de ambos! Foi pura emoção. Coisas do Caminho!

“A gratidão é um fruto de grande cultura; não se encontra entre gente vulgar.”

(Samuel Johnson)

Os primeiros peregrinos

19ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁴³Tocos do Mogi (MG) / Estiva
Distância até Aparecida: 212Km

Foi uma caminhada prazerosa, quase toda em trilhas sobre as montanhas me preenchendo a alma de paz e os olhos de belas paisagens. Tocos do Mogi é uma minúscula cidade, praticamente de uma rua só. No entanto, é incrivelmente acolhedora. Apesar de pequeno, o município é um dos principais produtores de morangos do país.

Como até aqui, depois de andar mais de 370 km e não ter encontrado nenhum peregrino caminhando,

⁴³ **Tocos do Moji** é um município do estado de Minas Gerais, Se destaca por abrigar, no seu território de 115 quilômetros quadrados, montanhas que chegam a 1 600 metros de altitude, cachoeiras, maciços de pedras imensos e vistas panorâmicas. Integra o Circuito Turístico Serras Verdes do Sul de Minas. Total de 3. 954 moradores.

somente alguns de bicicletas, minha esperança de encontrar alguém fazendo o caminho a pé, como eu, se renovava sempre que eu chegava a uma nova cidade.

A cidade se resume a uma avenida principal que atravessa uma pequena praça e um pouco adiante está uma pequena igreja. Todo o comércio local se espalha por esta pequena avenida. A Pousada fica em cima de um pequeno mercado a poucos metros da praça.

O mais incrível nesta pequena cidade é que ela possui cobertura de wifi. O que, por outro lado, não significa muito devido justamente ao seu tamanho. Porém, foi a única cidade, de todas que eu passei, e olha que foram mais de 50, que possui wifi disponível para a população.

Pouco depois de chegar à pousada e sair do banho, tive uma grata surpresa. Encontrei os primeiros peregrinos que estava fazendo o caminho a pé, como eu. Era um casal, marido e esposa, ambos engenheiros, que residiam em Sertãozinho/SP., justamente o local de onde inicie o caminho a pé, porém eles haviam iniciado o caminho em Águas da Prata/SP., 252 Km depois de Sertãozinho, ou seja, eles tinham caminhado 122 Km até aqui e eu tinha caminhado 373 Km.

Foi uma grande alegria para todos nós, e com certeza, daqui pra frente estaremos caminhando algumas etapas juntos. Juntos, não é bem a palavra adequada, depois explico.

O trecho de 30 passos

20ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁴⁴Estiva (MG) / Consolação (MG)

Distância até Aparecida: 195Km

Na manhã seguinte, como de costume, acordei bem cedo e junto com o casal de amigos peregrinos, pusemos o pé na estrada rumo à Estiva. Este é um daqueles trechos de "30 passos", ou seja, um trecho muito difícil com muitas subidas íngremes. Apesar de sair junto com o casal de

⁴⁴ **Estiva** é um município do estado de Minas Gerais. Na primeira metade do século XVIII (por volta de 1720) havia um caminho que ligava a região das Minas Gerais ao estado de São Paulo, nas proximidades de um ribeirão, afluente do rio Três Irmãos. Tal território era considerado, no relato dos antigos, como o trecho de maior dificuldade para os viajantes devido às características pantanosas do terreno, o que causava a perda freqüente de burros de carga nos atoleiros ali existentes. Para evitar as constantes perdas materiais, autoridades e particulares se uniram na construção de um estivado de madeira roliça no local, com 210 metros de extensão. Primeiramente este trecho da estrada recebeu o nome de Brejo da Estiva, e posteriormente Estiva. Hoje, Estiva é conhecida na região também pela tradicional festa do morango, que ocorre todo ano com cantores e bandas famosas. É considerada a terra do morango pois a maior parte da agricultura é destinada ao cultivo dessa fruta.

amigos, nós não chegamos juntos à Estiva. Não, não aconteceu nada de imprevisto na caminhada! Não chegamos juntos porque cada peregrino tem seu ritmo de caminhada e caso ele queira mudar este ritmo, terá um preço muito alto a pagar.

Como costume dizer, não é o peregrino que faz o caminho, mas o caminho que faz o peregrino. Portanto, o caminho molda o teu corpo e o teu fôlego do melhor modo possível e caso você mude o seu ritmo natural para acompanhar um amigo, o seu desgaste será muito maior e o resultado será bolhas e/ou dores musculares.

Às vezes ocorre do seu ritmo de caminhada coincidir com o ritmo de caminhada de um peregrino que você fez amizade em uma Pousada, porém, dificilmente os seus horários de descanso, durante a caminhada, coincidirão.

No entanto, o encontro ao final do dia na Pousada, é quase certo. Esse reencontro, nas Pousadas, é sempre uma grande alegria, pois é hora de compartilhar a alegria de ter vencido mais uma etapa e também é hora de dividir as dores do caminho.

Quase sempre dores físicas, pois a alma está cada vez mais leve e numa "paz irritante".

Uso este termo, "paz irritante", a fim de parafrasear um amigo que tenho, que quando quer dizer que uma pessoa tem uma saúde muito boa, ele diz que a pessoa tem uma "saúde irritante", ou seja, tem a saúde tão boa que

chega a causar boa inveja a todos. Portanto, "paz irritante", significa uma paz interior tão elevada que causaria boa inveja a todos. É a esta paz de espírito que me refiro.

Cheguei bem à Estiva e logo depois, meu casal de amigos chegou. Quando você chega à cidade e/ou vila, geralmente entre 13 e 16 horas da tarde, você ainda perde certo tempo até encontrar a pousada, se alojar e tomar banho.

Aí então, você tem que procurar algum lugar para comer e comprar o lanche do dia seguinte, no meu caso, quase sempre uma banana e uma maçã. Portanto, devido a está rotina, você nunca faz duas refeições por dia, exceto no dia do seu descanso, que no meu caso, é de cinco em cinco dias, ou seja, eu caminho cinco dias seguidos e descanso um dia.

Com esta rotina pesada, quase sempre, por volta das 21 horas já estou deitando para dormir, não sem antes dar uma estudada nos mapas das trilhas do dia seguinte.

E enquanto o sono não chega vou rememorando os acontecimentos do dia e das etapas já percorridas.

E foi rememorando estas etapas que tive uma lembrança especial permeada de saudade de um dos meus seguidores até aqui.

Sim! Tive muitas seguidoras e seguidores até aqui, e com todos compartilhei amizade, ternura e principalmente gratidão...

E o sono chegou, a manhã, logo vira!

“Desenvolver força, coragem e paz interior demanda tempo. Não espere resultados rápidos e imediatos, sob o pretexto de que decidiu mudar. Cada ação que você executa permite que essa decisão se torne efetiva dentro de seu coração.”

(Dalai Lama)

Os amores do caminho

21ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁴⁵Consolação (MG) / Paraisópolis (MG)

Distância até Aparecida: 174Km

É lugar comum dizer que o cão é o melhor amigo do homem. Porém, nem todo homem é o melhor amigo do cão, pois como explicar os cães que abandonam seus donos e seguem os peregrinos?

A quantidade de cães que teimam em seguir o peregrino é impressionante. Como quase toda a caminhada é por estradas e trilhas de fazendas e pequenos vilarejos, a presença de cachorros é sempre constante. Têm aqueles que ladram muito e te ameaçam, outros silenciosos e sonolentos como se estivessem cansados da vida, e alguns, que te observam atentamente, como a avaliar se vale a pena segui-lo. Quase sempre são estes que, silenciosamente, começam a te seguir.

⁴⁵ **Consolação** é um município do estado de Minas Gerais. Sua população estimada em 2004 era de 1.694 habitantes.

Primeiramente de longe, na lateral do caminho, prontos a embrenhar-se na mata a qualquer sinal de perigo. Aos poucos, na medida em que você caminha, começam a se aproximar, balançam timidamente a cauda, e vão se aproximando, cada vez mais. É como um namoro às antigas. Primeiro um olhar, depois um sorriso, depois um afago e o sentimento se cristaliza dando lugar ao romance.

E este romance se repetiu por mais de dez vezes, para ser mais exato, foram 14 romances durante minha caminhada. Alguns longos outros curtos, alguns marcantes outros superficiais. E assim como na vida, nem sempre o mais longo foi o mais marcante e nem o mais curto o mais superficial.

Quando falei, na etapa anterior, da minha lembrança permeada de saudade, estava me referindo a um desses romances que tive no caminho, que não foi um longo romance, mas foi o mais marcante com o melhor amigo do homem: o cão.

Na etapa nove, entre Tambaú e Casa Branca, estava eu sentado, descansando à beira de uma estreita estrada vicinal sombreada em um dos lados por um bosque típico de uma APP (área de preservação ambiental), pois do outro lado era um imenso descampado de um canavial recém colhido. Tinha parado ali para tomar meu lanche e descansar.

Nem tinha começado meu lanche, quando ouvi um leve barulho as minhas costas. Virei-me e tive um grande susto. Era uma cachorra grande, porém muito magra e de um olhar tão carente que nem senti medo e meu primeiro gesto, quase instintivo, foi de acaricia-lhe a cabeça.

Depois de ser acolhido por ela e de acolhê-la, dividi minha água e meu lanche com ela. A sua fome era tanta, que ela não se importou de comer metade de minha maçã e metade da minha banana, que era a única comida que eu tinha.

Enquanto conjecturava o que poderia ter acontecido com ela, para estar naquele local, distante de tudo e dentro de uma pequena mata, cheguei à conclusão que ela deve ter sido abandonada por alguém para que morresse ali, distante. Sim, onde nós estávamos era distante cerca de 11 km da cidade anterior e 16 km da próxima cidade e não havia moradias ali por perto.

Instintivamente lhe dei o nome de Baleia. É verdade, soa meio estranho dar um nome tão "gordo" a um ser tão abundante de magreza. Mas eu explico: Baleia é o nome da cachorra de Fabiano, personagem do livro "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, publicado em 1938 e que narra a saga de uma família de retirantes nordestinos fugindo da seca. Eu enxergava ali, na minha companheira Baleia, todo o sofrimento da Baleia de Fabiano. Eu até podia interagir com seus pensamentos, cheio de dúvidas e perguntas sem

respostas assim como meus pensamentos que, também, estavam cheios de perguntas sem repostas.

A cachorra Baleia de Fabiano, teve um fim dramático...

(...)

⁴⁶Examinou o terreiro, viu Baleia coçando-se a esfregar as peladuras no pé de turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando, até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, mostrando apenas as pupilas negras. Aborrecido com esta manobra, Fabiano saltou a janela, esgueirou-se ao longo da cerca do curral, deteve-se no mourão do canto e levou de novo a arma ao rosto. Como o animal estivesse de frente e não apresentasse bom alvo, adiantou-se mais alguns passos. Ao chegar às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia, que se pôs a latir desesperadamente.

Ouvindo o tiro e os latidos, sinhá Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na cama, chorando alto. Fabiano recolheu-se.

E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e

⁴⁶ Trecho do Livro Vidas Secas de Graciliano Ramos, 1.938

ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos.

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda.

Encaminhou-se aos juazeiros. Sob a raiz de um deles havia uma barroca macia e funda. Gostava de espojar-se ali: cobria-se de poeira, evitava as moscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha folhas secas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros.

Caiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteiras, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, agarrando-se nos seixos miúdos. Afinal esmoreceu e aquietou-se junto às pedras onde os meninos jogavam cobras mortas.

Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase imperceptíveis. (...)

Abriu os olhos a custo. Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera.

Os chocalhos das cabras tilintaram para os lados do rio, o fartum do chiqueiro espalhou-se pela vizinhança.

Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.

Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinhá Vitória guardava o cachimbo. (...)

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

(...)

Eu desejava profundamente que, minha agora companheira, Baleia, tivesse melhor sorte que a Baleia de Fabiano...

Depois de dividir meu lanche e minha água com minha recém amiga Baleia, botei a mochila nas costas e parti. Minha nova companheira de viagem partiu comigo.

Parecia outra. Incrível como um pouco de carinho e ternura alimenta, até mesmo os animais, mais do que o próprio alimento. Agora eu era dono do destino da minha companheira Baleia.

Meus planos eram que quando chegasse às cercanias da cidade eu iria procurar algum lar para ela. Planejava pagar inicialmente uma ajuda de custo para a pessoa que quisesse cuidar de Baleia e mensalmente eu poderia enviar uma determinada quantia. O problema era que a cidade estava a 16 Km e eu temia que minha amiga Baleia, dado o seu estado, não conseguisse caminhar tanto.

Nos primeiros 3 Km Baleia caminhava comigo lado a lado. Porém, aos pouco ele ia ficando para trás. Eu então parava, e aguardava ela chegar. À medida que o tempo ia passando e o sol esquentando, os passos de Baleia ficavam mais curtos e lentos e a minha preocupação aumentava, pois naquele ritmo, o tempo passava e o sol estaria cada vez mais quente.

Depois de uns 10 Km percorridos, com a Baleia bastante cansada, avistei ao longe, um fusca parado em

frente a uma porteira que dava acesso a uma bifurcação para uma estreita estrada vicinal. Ao chegar mais perto, percebi que havia um Senhor negro e gordo ao lado do fusca. Na hora já pensei na Baleia. Talvez eu conseguisse um lar por ali para ela.

- Bom dia! - disse eu.

- Bom dia! - respondeu o Senhor, com um típico sotaque sertanejo.

- O Senhor mora por aqui?

- Moro sim Senhor. Tomo conta de um sitiozinho a 3 Km daqui.

Enquanto isso já observei Baleia chegando, cheirando e sorrindo (abanando o rabo) para aquele senhor. Pensei comigo, isso é bom sinal, e prossegui a prosa.

- Meu nome é Valdir, estou caminhando para Aparecida, e o senhor como se chama?

- Meu nome é "Fabo"! - quando ele disse isso, eu tomei um susto, será que ele quer dizer Fábio ou Fabiano? Se for Fabiano é melhor eu abortar o meu plano de encontrar um novo lar para Baleia, pois o Senhor Destino pode querer aprontar alguma com minha amiga repetindo a estória da Baleia de Vidas Secas! Então indaguei:

- Como é mesmo o nome do Senhor, é Fábio ou Fabiano?

- Não, não é nenhum desses não, é "Fabo" mesmo! - não entendi bem que nome era esse, mas pelo menos não era Fabiano. Então continuei minha conversa.

- Como disse para o Senhor, eu estou caminhando para Aparecida e encontrei essa Cachorra, que dei o nome de Baleia, abandonada a uns 10 Km aí pra trás, e desde lá, ele vem me seguindo. Meus planos era levá-la até a cidade e chegando lá encontrar alguém para cuidar dela. Porém ela esta muito franca e com muita fome, e talvez não consiga ir até lá comigo. Se eu der uma ajuda de R\$50,000, que é o que tenho aqui, o senhor poderia cuidar dela por uns dias, até ela ficar mais forte, e depois, se o senhor não quiser continuar com ela, o Senhor leva ela até a cidade e arruma alguém para cuidar dela. O Senhor aceitaria? - ele deu um leve sorriso, já olhando para a nota de R\$50,00 e disse:

- Aceito sim. Eu cuido dela!

Despedi-me e parti feliz por ter conseguido ajudar Baleia. Porém, na medida em que meus passos rompiam o caminho e meus pensamentos bailavam soltos na minha mente, alguns deles me inquietavam.

- E se aquele senhor realmente se chamasse Fabiano e o senhor Destino estivesse de conluio com o mesmo, prontos a repetir a estória de Fabiano e Baleia de Vidas Secas? - era a Senhora Emoção me questionando.

- E se fosse mesmo esse senhor que tinha abandonado Baleia para morrer de fome e você tenha,

trazido ela de volta para o seu carrasco? - era a Sr. Medo, também me questionando.

- Por que Baleia já foi chegando naquele Senhor, cheirando e sorrindo?... - me questionava a Senhora Razão.

E assim, com essas dúvidas, prossegui caminhando rumo ao meu destino, porém, mais uma voz surgiu nos meus pensamentos e disse:

- Todo ato que você pratica o que vale é a intenção do seu ato. A sua intenção não foi de maldade, foi de bondade, é isso o que importa. Se Baleia vai ser salva ou sacrificada pelo Sr. "Fabo", somente o Sr. Destino tem esta resposta. Siga em paz - disse-me a Senhora Fé. Eu segui.

"Os cães são o nosso elo com o Paraíso. Eles não conhecem a maldade, a inveja ou o descontentamento. Sentar-se com um cão ao pé de uma colina numa linda tarde, é voltar ao Éden onde ficar sem fazer nada não era tédio, era paz."

(Milan Kundera)

Paraisópolis e seus boulevards

22ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁴⁷Paraisópolis (MG) / Luminosa (MG)

Distância até Aparecida: 154Km

Ontem, quando estava quase chegando a Paraisópolis, faltando uns 5 km e enquanto descansava sentado à beira da estrada, o casal de peregrinos que eu tinha conhecido em Tocos de Mogi, passou por mim. Disseram que iriam pousar em Paraisópolis.

Em Paraisópolis fui surpreendido pela beleza da cidade. Possui uma linda igreja na cabeceira da praça. Em

⁴⁷ **Paraisópolis** é um município brasileiro do estado de Minas Gerais, na microrregião de Itajubá. Localizada na Serra da Mantiqueira, sua população recenseada em 2010 era de 19.392 habitantes. No relevo, Paraisópolis se encontra localizada em área muito acidentada, nos contrafortes da serra da mantiqueira. Do lado sul da cidade encontramos o Pico do Machado, com 1694 metros de altitude, onde se encontram a represa do Brejo Grande, lago artificial mais alto do Brasil(1411m alt.), e também a pedra do Machado, local este onde se situam os repetidores do sinal de TV da cidade. A altitude favorece também a visualização de outros pontos turísticos desta região da Mantiqueira, como a Pedra do Baú, em São Bento do Sapucaí, Pedra de São Domingos, Pedra do Forno, em Gonçalves, Pico dos Marins, em Delfim Moreira.

frente à igreja, estatuas dos apóstolos, de cerca de três metros de altura cada uma, estão perfiladas fazendo uma meia lua, como a proteger a igreja.

Do outro lado da rua que separa a igreja, seus apóstolos e sua praça, tem o mercado municipal com o seu item mais tradicional: o pastel. Em frente o mercado municipal tem outra enorme praça com todas suas ruas laterais somente para pedestres. Este conjunto de igreja, praças e ruas de pedestres, dá um ar de cidade européia com seus enormes *boulevards*.

Encontrei também aqui, um dos albergues mais aconchegantes do Caminho e tipicamente para peregrinos. Fica ao lado da igreja. Apesar do casal de peregrinos que conheci no caminho ter pernoitado neste albergue, a gente não se encontrou. No albergue havia um grupo de cerca de 20 ciclistas, com dois carros modelo SUV acompanhando os mesmos como carro de apoio.

Geralmente a rotina dos peregrinos que terminam a caminhada do dia e chegam ao albergue é diferente. Alguns tomam banho, se alimentam e em seguida vão tirar uma soneca. No meu caso, minha rotina depois de concluir a caminhada do dia e chegar ao albergue, consiste em se alimentar e passear pela cidade para respirar um pouco o ar da cidade e sempre aproveito para comprar o lanche do dia seguinte que, invariavelmente, se resume a uma maçã, que só serve se for Fuji, e uma banana, quase sempre prata.

Depois de “conhecer” a cidade e fazer “as compras”, retorno para albergue para escrever um pouco e curtir minha companhia. Nunca durmo de dia.

Dependendo da distancia a ser percorrida por dia e da hora que você inicia a caminhada, muitas vezes você consegue concluir seu trajeto do dia antes das 14 horas. Quando isso acontece, e apenas quando isso acontece, é que você consegue fazer duas refeições por dia, ou seja, você almoça e janta.

Por volta das 21 horas já estou indo dormir, não sem antes estudar o trajeto do dia seguinte. O trajeto de amanhã é o mais temido deste caminho da Fé. Não é tão longo, são somente 23 km, porém, o caminho inicia em uma altitude de 800 metros e ao final atinge uma altitude de 1800 metros. Não me preocupei muito, pois nas duas caminhadas que fiz anteriormente, também existia o trecho “mais temido” e consegui vencê-los. Este será apenas mais um desafio, mais um aprendizado. É hora de dormir.

“A vida é maravilhosa se não se tem medo dela.”

(Charles Chaplin)

O motoqueiro apaixonado

23ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁴⁸ Luminosa(MG) / Campista (SP)

Distância até Aparecida: 132Km

Como sempre, dormi muito bem e ao raiar do sol eu já estava no caminho... e as subidas, morros e montanhas, também estavam no caminho. Mas dando sempre um passo depois do outro e enfrentando subidas de 100 passos, 50 passos e 30 passos, depois de oito horas de caminhada, cheguei à Campista. Porém, chegando a campista, que é um pequeno vilarejo que possui pouco mais 50 casas e dois pequenos barzinhos, o único albergue, que é uma residência, estava fechado.

⁴⁸ Luminosa é um pequeno distrito do município de Brazópolis. Em 1923, tornou Vila Braz cidade com o nome de Brazópolis, em homenagem a Francisco Braz Pereira Gomes e seu filho, o presidente brasileiro Wenceslau Braz. Ao longo da década de 1930, foi criado o distrito de Candelária. Em 1943, Candelária passou a chamar-se Luminosa, em homenagem a Nossa Senhora das Candeias.

Verifiquei no meu mapa e a próxima cidade, que era Campos de Jordão, ficava a 20 Km de distancia. Era impossível caminhar até lá ainda hoje. Primeiro porque eu não tinha condições físicas depois de tão dura caminhada, e segundo porque já eram quatro horas da tarde, logo escureceria e eu levaria, no mínimo, cinco horas caminhando para chegar até lá.

Busquei informações em um dos barzinhos, e o proprietário me informou que senhora que mora na residência, e que acolhe os peregrinos que param por ali, tinha viajado, pois hoje é sábado e ela só voltaria na segunda-feira. Porém, pode ser que a chave esteja com a sua sobrinha, que mora na vila anterior, a 10 km daqui.

Depois de ouvir isso, só me restou sentar na beira da calçada e convocar Fatinha, Cidinha e Thiaguim para uma reunião de emergência. Enquanto retirava meu tênis para descansar um pouco os pés e iniciar a reunião com Fatinha, Cidinha e Thiaguim, o dono do barzinho se aproximou e disse:

- Se o senhor quiser, o rapaz que mora bem ali na esquina, é amigo desta sobrinha, que pode estar com a chave, e ele tem uma moto. Posso falar com ele para ver se ele pode ir até lá e falar com ela, quem sabe ela está com a chave.

Abri um sorriso de orelha a orelha e respondi:

- Seria ótimo! E se ele quiser, eu posso pagar a viagem dele!

- Eu vou falar com ele. O senhor vigia meu bar, que eu vou lá! - disse isso e já saiu caminhando para falar com o vizinho. Em menos de dez minutos, já ouvi o ronco de uma moto sendo acionada lá na esquina. Mal o dono do bar saiu da casa vizinha, o vizinho motoqueiro já passou em frente ao bar zunindo a sua moto a mil por hora.

- O que aconteceu, ele aceitou ir ver se a chave está lá? - perguntei, ao dono do bar, e ele respondeu sorrindo:

- Veja só, você não viu a velocidade que ele passou?!... Aceitou na hora. Vou confessar só pra você, que é peregrino: Ele tem uma paixão por está moça, e está é uma oportunidade “especial” para os dois.

Ficamos ali proseando, eu e o dono do bar, e em menos de 40 minutos o vizinho motoqueiro, sorridente e feliz chegou com sua amada, digo, com a sua “amiga” na garupa e com uma ótima notícia: Ela estava com a chave!

Tentei pagar a viagem do vizinho apaixonado, digo, do vizinho motoqueiro, porém ele não aceitou. O brilho dos seus olhos e o seu sorriso dizia que ter carregado a sua amada na garupa da sua moto, não tinha preço!

Tomei posse da chave e da casa inteirinha só pra mim. Uma casa simples, mas muito aconchegante e com cheiro de ternura. Vários retratos nas paredes contavam a

historia da família. Sim, era uma casa comum, não era um albergue, pensão ou hotel. Era uma casa de família.

Enquanto me alimentava com uma farta refeição que preparei em uma cozinha onde havia fartura de alimentos nos armários e na geladeira, pus-me ali a explorar aquela casa com cheiro de ternura.

Ao contrario da leitura de um livro onde o autor narra a historia, e sua imaginação, molda a seu modo, personagens e ambientes, eu tinha ali os personagens e o ambiente e cabia a minha mente procurar moldar a história de cada um daqueles personagens.

Era um casal e três crianças em momentos distintos de suas vidas. Uma das crianças parecia ser a jovem sorridente com beca e ⁴⁹capelo demonstrando já ter realizado muitos sonhos! Estaria formada há muito tempo? Teria casado?... E Aqueles dois garotos que estavam sempre ao seu lado nas fotos da infância? Onde andariam o que faziam?... Provavelmente jamais saberei, pois parto amanhã bem cedo e tenho instrução para deixar a chave debaixo do tapete da porta da sala.

Já à noite, deitado, recapitulando os acontecimentos do dia, foi que me lembrei da reunião que eu tinha convocado com Fatinha, Cidinha e Thiaguim. Caracas, é sempre assim, a gente pede muito e agradece pouco.

⁴⁹ Chapéu de formatura.

Agradei então, meus “Amigos” e pus-me a viajar nos acontecimentos: E se aquele encontro entre o motoqueiro e aquela moça foi determinante para a vida dos dois?... E se foi determinante, este teria sido um dos propósitos da minha caminhada?... Somente o Senhor Destino poderá responder!

“Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar, é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo.”

(Guimarães Rosa)

Beto, o beliche e eu

24ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁵⁰Campista (SP) / Campos do Jordão (SP)

Distância até Aparecida: 108Km

*Que é loucura; ser cavaleiro andante
 Ou segui-lo como escudeiro?
 De nós dois, quem o louco verdadeiro?
 O que, acordado, sonha doidamente?
 O que, mesmo vendado,
 Vê o real e segue o sonho
 De um doido pelas bruxas embruxado?
 Eis-me, talvez, o único maluco,
 E me sabendo tal, sem grão de siso,
 Sou – que doideira – um louco de juízo.
 (Carlos Drummond de Andrade)*

Na manhã seguinte, depois de deixar a chave debaixo do tapete da porta e de levar no peito, um sentimento de gratidão muito grande àquela família desconhecida, parti rumo a Campos do Jordão.

⁵⁰ Campista fica 22 km de Campos do Jordão fazendo parte deste município.

O meu mapa indica um trajeto de 22 km com trilhas de subidas e descidas que lembra um exame de eletrocardiografia e todo este caminho é no topo da serra da Mantiqueira com altitude média de 1600 m. Em todo o trajeto, é comum, a cada 3 a 4 km avistar pousadas e hotéis cravados em paisagens deslumbrantes.

Durante todo o percurso uma leve e suave brisa foi minha companheira constante além da saudade do meu amigo Beto. Ele foi meu parceiro na primeira grande caminhada que fiz a pé em 2006 no tradicional Caminho de Santiago de Compostela na Espanha.

Neste Caminho da Fé, todos os dias a gente se falava pelo Whatsapp, ele me dando uma força na minha caminhada e eu lhe dando uma força em um tratamento, aparentemente banal, que ele fazia e que o impediu de estar fazendo esta caminhada comigo.

Nem eu nem ninguém jamais imaginaríamos que nosso amigo Beto nos deixaria de forma tão abrupta, em menos de dois meses.

Ele partiu em 1º de outubro de 2015 e me deixou sozinho, neste e em outros caminhos. Porém, deixou lembranças, que são muitas:

(...)

51 Jussara / Goiânia Agosto de 1978... !

A Data se aproximava. Agosto já apontava no horizonte e era em agosto que tínhamos definido a nossa partida para Goiânia. Sim, tínhamos decidido, o Beto e eu, que iríamos estudar e trabalhar em Goiânia. O Estudo, que ia somente até o segundo grau em Jussara, já tínhamos concluído. Portanto, já era hora de abandonar o ninho e partir para o mundo.

A minha amizade com o Beto começou na pré-adolescência, aquela fase da vida em que estamos abandonando o clube do bolinha e se apaixonando pelas professoras. Desde então, fomos amigos por toda a vida.

Depois de já ter negociado o aluguel de um quarto em uma república na Rua 72, no centro, em Goiânia, só nos restava partir. E partimos. Como sempre, pegamos uma carona em um caminhão saindo de Jussara até o trevo de Goiânia (Início da Avenida Anhanguera).

Chegamos ao trevo por volta das 14 horas. Jogamos as mochilas nas costas e agradecemos a carona. Caía uma fina garoa dando um ar de tristeza absoluta naquela cidade que, de antemão, eu já detestava, pois dois anos antes eu a havia habitado por um ano e meio e tinha sido

⁵¹ Cidade onde nasci e vivi toda minha adolescência.

expulso da mesma por força da fome e de uma pneumonia. Portanto, minhas lembranças não eram boas.

Como a nossa carona era somente até o trevo onde tinha um posto de combustível e um bar, e para chegar até a rua 72 no centro que fica a 9 km, tínhamos que pegar um ônibus urbano, cujo bilhete custava, para nós, uma fortuna, o Beto sugeriu gastarmos aquele dinheiro em algo mais importante: Um copo duplo lavrado de pinga.

E como iríamos pra o nosso novo lar? Ora, iríamos a pé. Aceitei a proposta na hora, pois se existia algo que não tínhamos, era pressa. Além do mais, essa fina garoa trazia uma leve brisa fazendo o tempo esfriar, o que para nós, acostumados ao clima de Jussara, era um frio quase insuportável. Portanto, uma boa caminhada depois de um copão de pinga no peito, fazia todo sentido.

O Balconista pegou aquele copão, conhecido como copo duplo, e o encheu de pinga 5l até a borda. Pegou duas meias fatias de limão e colocou uma pitada de sal sobre um guardanapo de papel.

- Eu primeiro! - falamos eu e o Beto quase juntos.

- Vamos tirar par ou ímpar! - sugerimos quase juntos.

O Beto ganhou o par ou ímpar. Pegou aquele copão de pinga, deu três goles e quase bebe um pouco da minha parte. Pegou a fatia de limão, lambuzou de sal e usou

como tira gosto. Eu repeti todo o ritual do Beto e tomei a minha parte.

Colocamos as mochilas as costas, empinamos o olhar para a embaçada Goiânia lá ao longe e iniciamos a caminhada de 9 km até nosso destino: Rua 72, Setor Central. Talvez aquela pequena caminhada tenha sido o prenúncio da nossa paixão por caminhadas que nos levaria a fazer juntos, quase 30 anos depois, o Caminho de Santiago de Compostela.

Aquecidos pela talagada de pinga que tínhamos tomado e enquanto caminhávamos, cada um traçava os seus planos para conquistar o mundo.

Na nossa cabeça a gente arrumaria emprego rapidinho, voltaríamos a estudar, entraríamos em uma universidade e estaríamos prontos pra conquistar o mundo. Ledo engano!

Porém, para conquistar o mundo, as únicas armas que tínhamos, por enquanto, eram três meses de aluguel pagos por aquele quarto, abastecido por meio saco de arroz que tínhamos trazido antes de Jussara, uma cartela de ovo, meio quilo de cebola, um velho fogão de duas bocas, três panelas, dois pratos, dois garfos e uma faca.

Para dormir o Beto tinha um colchão de solteiro, um cobertor e um jogo de lençol. Camas não existiam nem para o Beto nem para mim. Nosso sonho era um dia puder comprar um beliche financiada.

Para dormir eu tinha um “saco de dormir”⁵² que funciona como colchão, lençol e cobertor..

Não, não tínhamos banheiro no quarto. A republica era composta por 16 quartos. Na Parte da frente ficava a área “nobre” da republica e tinha quatro quartos que eram mais caros pois tinha dois banheiros privativos apenas para estes quatro quartos. Um corredor lateral levava até uma área ao fundo onde havia 12 quartos, formando um “L”, sendo oito quartos em uma fileira e quatro quartos na outra fileira. No centro deste “L” havia dois banheiros comunitários com dois chuveiros de água fria, não existia banheiro de água quente.

Ao lado do banheiro havia uma pia com um tanque de pedra onde se lavava as roupas. Fios de arame se entrelaçavam por todos os lados e eram os varais onde se estendia as roupas para secar.

Não, não tínhamos emprego. Não, não tínhamos dinheiro para pagar um cursinho para fazer um vestibular e nem dinheiro para pagar as parcelas de uma faculdade particular, visto que, naquele tempo somente existiam duas

⁵² O Saco de dormir era o bem mais precioso que eu possuía, pois naqueles longínquos anos, isto era uma preciosidade. Eu o tinha comprado, pelos correios direto de São Paulo quando no ano de 1.978 resolvi viajar pelo Brasil, Paraguai, Bolívia e Argentina sem nenhum centavo no bolso e somente de carona. Durante os 60 dias que durou essa aventura, foi ele que sempre me aqueceu nas noites dormidas sob marquises de postos, escolas, igrejas, carrocerias de caminhão e ao luar.

Universidades em todo o estado de Goiás: a UFG que é publica e a PUC/GO que é particular.

Ao anoitecer chegamos ao nosso lar. Não, não era um “Lar Doce Lar”, era mais um refugio que pretendíamos usar como plataforma para buscar nossos sonhos. Porém, apesar da alma nutrir-se de sonhos, nas manhãs seguintes, era a realidade nua e crua que nos faziam perambular por toda a Goiânia em busca de um emprego.

Apesar da luta diária em busca de um emprego, sempre a pé, pois não tínhamos dinheiro para pagar ônibus, 30 dias já haviam se passado e nem um de nós tínhamos conseguido emprego. Apesar disso, nosso maior sonho, fora o sonho do emprego, ainda era o sonho de comprar um beliche pra gente parar de dormir no chão, principalmente porque, nas madrugadas, um frio vento soprava por debaixo da porta e nos incomodava muito.

Alias, incomodava mais o Beto pois ele dormia em um colchão no chão e eu dormia dentro do meu “saco de dormir”, que apesar de mais duro, pois tinha pouca espuma, era muito mais aquecido.

Já tínhamos olhado e apreçado em algumas lojas de móveis e até tentado comprar o tal beliche parcelado, porém, mesmo um sendo avalista do outro ninguém quis vender pra gente, pois para liberar a venda parcelada todos diziam que tinha que ter carteira assinada.

Por diversas vezes o Beto já tinha me cutucado para gente falar com meu irmão, que já morava em Goiânia há muito tempo e trabalhava em uma grande loja de moveis, para a gente tentar comprar o beliche lá, quem sabe eles aprovavam nosso cadastro com aval do meu irmão? Ocorre que eu tinha uma grande resistência a essa idéia, pois o meu orgulho falava sempre mais alto.

Mais 30 dias se passaram e nada de arrumarmos emprego para poder ter uma carteira assinada e realizar nosso sonho de comprar o beliche. Mais uma vez o Beto me cutucou, e cutucou forte. Para falar a verdade não foram as cutucadas do Beto que me convenceu, e sim, as frias lufadas de vento que nos afligia nas madrugadas.

Fomos então, até a loja que meu irmão trabalhava e conseguimos realizar nosso sonho, parcelando em 12 vezes depois que meu irmão assinou como avalista e fez questão de combinar que pagaria a primeira parcela, pois assim teríamos mais tempo para procurar emprego até vencer a segunda parcela daí a 60 dias.

Além disso, comprei um colchão junto pois meu saco de dormir não era muito indicado para dormir sobre o estrado de madeira do beliche.

Saimos de lá felizes, agora sim, estávamos mais preparados para conquistar o mundo. Já não haveria mais o frio a nos fustigar nas madrugadas e pelo menos o

amanhecer, seria menos dolorido. Quem sabe nossa sorte não estaria mudando? Ledo engano

Agora estávamos tranquilos, tínhamos 60 dias pela frente para encontrar um emprego e arrumar dinheiro para pagar a segunda parcela do beliche, porém o aluguel do nosso quarto, só faltavam 30 dias para vencer o último mês dos três meses que pagamos adiantando. Portanto, daqui 30 dias seria o dia “D” das nossas vidas.

Os dias passavam e nada de emprego. O dia “D” se aproximava, o meio saco de arroz já estava no fim e a realidade ia corroendo nossos sonhos feito cupim em madeira.

Duas semanas antes, do dia “D”, resolvi voltar para Jussara, tendo como meta ficar lá por justamente duas semanas, que era o tempo necessário para eu arrendar um barzinho de uma festa no Clube Canoão, ganhar dinheiro, voltar para Goiânia e pagar minha parte do aluguel do quarto. Meu plano era perfeito, só faltou combinar com o Senhor Destino.

O Beto tinha uma promessa de emprego na Secretária da Fazenda dali a uns três meses e tinha conseguido um bico em uma imobiliária até começar a trabalhar. A facilidade do Beto para conseguir emprego era muito maior do que a minha, pois ele tinha trabalhado por mais de um ano na Prefeitura de Jussara, enquanto

minha experiência era de autônomo promovendo bailes e arrendando os “barzinhos” dos bailes do Canoão.

Por outro lado o Beto já tinha recebido, e recusado, um convite para ocupar uma vaga em um quarto na área “nobre” da republica onde morava um colega de Jussara, cujo colega de quarto tinha mudado. Portanto, caso eu fosse expurgado, mais uma vez, de Goiânia, o Beto já teria para onde se mudar.

Parti então bem cedo para o trevo, e pus o dedão na pista buscando uma carona para Jussara. Depois de três caronas cheguei a Jussara. Como disse, eu não tinha mandado uma cópia do meu plano pra o Senhor Destino e nada deu certo. O arrendamento do Barzinho não deu lucro nenhum, e o saldo final não deu nem para pagar o ágio do arrendamento. Voltei de carona para Goiânia para discutir meu destino com o Beto.

Depois de uma reunião com o Beto, regada a cachaça, azeitonas e sonhos, que varou a madrugada de uma sexta para sábado, o Senhor Destino venceu: Voltei para Jussara onde permaneci por mais um ano e meio, de onde alcei voo para Niquelândia/GO e de lá, depois de seis meses, voltei para Goiânia, para, finalmente, usufruir do nosso beliche.

A epopéia para pagar as parcelas do beliche, em momentos tão difíceis, fez dele, o beliche, um troféu que

sempre representou o símbolo de uma amizade eterna entre o Beto e eu.

Quando voltei, o Beto já não morava mais na rua 72, havia mudado pra a rua 82, e levado o nosso troféu junto, portanto, minha vaga estava garantida. Usei durante um ano do nosso beliche, e depois de um ano, mais uma vez fui expurgado de Goiânia. Porém, não voltei para Jussara, parti para o mundo: Niquelândia/GO, Belo Horizonte/MG, Santa Barbara/MG, Barão de Cocais/MG, João Monlevade/MG e Paracatu/MG.

O Beto, três anos depois da minha partida, retornou para Jussara, levando nosso troféu, onde casou e fixou residência.

Eu, somente, 12 anos depois retornei para Goiânia onde fixei residência, já casado, com dois filhos e em uma situação bem diferente.

O nosso troféu, o beliche, o Beto o transformou em duas camas e até hoje faz parte da sua mobília da fazenda da Chibata. Durante todo esse tempo que passou, nas minhas visitas à Jussara, por diversas vezes, já dormi no nosso troféu e por inúmeras vezes, o Beto e eu, já relembramos a nossa epopéia para conseguir este troféu, que assim como uma amizade verdadeira, resistiu a muitas tempestades.

(...)

*É rude, tosca e bruta
essa falta de você.
É constante, tanto
quanto pulsante,
essa dor que não se vê
que me cobra e recobra
a presença de você."*

(Valdir L. Queiroz)

Voltemos ao Caminho... depois de subidas, descidas, trilhas, vielas e estradas tão estreitas quanto aquelas pistas de carrinhos de autorama, adentrei a cidade de Campos do Jordão por volta das 15 horas. Como o dia do meu descanso, depois de cinco dias de caminhada, seria aqui em Campos do Jordão, resolvi procurar um bom hotel, até mesmo para eu ir me readaptando ao mundo urbano depois de mais de 500 km de caminhada por trilhas, fazendas e pequenas cidades.

Almocei e jantei em alguns restaurantes e até, pela primeira vez no caminho, me dei ao luxo de degustar alguns vinhos.

Depois desta estadia atípica, era hora de voltar ao Caminho. Por volta da 06:40h da manhã, iniciei a caminhada sob um frio intenso. Os termômetros de rua indicavam 5°C, e uma brisa gelada, fazia com que a sensação térmica fosse bem mais baixa. Como eu não tinha

nenhuma calça, somente shorts, as minhas pernas reclamaram bastante deste frio intenso. Porém, acelerei o passo e em menos de meia hora meu corpo adaptou ao ambiente e prossegui rumo a Piracuama.

O corredor do sufoco

25ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁵³Campos do Jordão (SP) / Piracuama (SP)

Distância até Aparecida: 87Km

⁵³ **Campos do Jordão** é um município localizado no interior do estado de São Paulo, mais precisamente na Serra da Mantiqueira. A cidade fica à altitude de 1 628 metros, sendo portanto, o mais alto município brasileiro, considerando a altitude da sede. Sua população estimada, em 2014, era de 50 541 habitantes. Os primeiros habitantes conhecidos da região foram índios pertencentes a várias etnias: puris, caetés, guarulhos e cataguás. A partir do século XVI, a região começou a ser percorrida por desbravadores de origem portuguesa, como Martim Corrêa de Sá, Gaspar Vaz da Cunha e Inácio Caetano Vieira de Carvalho. A família deste último vendeu suas terras na região para Manuel Rodrigues do Jordão, cujo sobrenome veio a conferir à região seu nome atual. As terras de Jordão foram loteadas e vendidas na segunda metade do século XIX. A partir do final do século XIX, a região adquiriu a fama de ser um local indicado para o tratamento de doenças do pulmão, devido a seu excelente clima. Nas décadas de 1920 e 1930, começaram a ser construídos os primeiros sanatórios, dedicados ao tratamento de doenças pulmonares. A partir da década de 1950, o avanço da medicina fez com que a tuberculose deixasse de ser uma doença tão perigosa. Com isso, a cidade passou a desenvolver o turismo . Atualmente, é um dos principais destinos de inverno do Brasil.

A chegada a Piracuama, um pequeno bairro rural de Pindamonhangaba, foi um pouco dolorida. Primeiro porque existe um trecho de cerca de 6 km que você caminha sobre os trilhos de um trem e que praticamente não existe acostamento nos trilhos, o que te força a caminhar sobre os dormentes dos trilhos.

Como a distancia entre um dormente e outro é maior do que o meu passo, a caminhada se torna mais difícil ainda, pois você dá um passo sobre o dormente e outro sobre as pedras onde estão assentados os dormentes.

Isso exige uma atenção redobrada, pois como o meu joelho direito não possui o ligamento convexo anterior (LCA), a possibilidade de pisar em falso e torcer o joelho aumenta drasticamente. E para deixar você ainda mais ligado, nestes trilhos corre os trens normalmente.

Ainda bem que a velocidade destes trens, tipo bondinhos, não é alta e eles vêm sempre apitando, o que te dá prazo de se espremer em um canto até ele passar.

Lá ao longe, logo depois de uma ponte, ao avistar uma seta amarela que manda entrar a esquerda e sair dos trilhos, a minha primeira reação foi de uma grande alegria e pensei comigo: Finalmente vou sair do corredor do sufoco. Porém, logo avisto outra seta amarela que me manda continuar pelos trilhos.

Ao chegar mais perto, vejo que a seta que desvia para a esquerda, deixando a linha do trem, também mostra

uma placa lá embaixo a me indicar o rumo do caminho. Portanto, são duas setas amarelas cada uma indicando uma direção. E agora, que caminho seguir?

Talvez, pior do que a falta de setas amarelas a te indicar o Caminho, seja setas amarelas te indicando dois Caminhos diferentes, sendo que, logicamente você só poderá optar por um. O primeiro pensamento que lhe vem a cabeça é que algum “engraçadinho” tenha pintado uma daquelas setas, te mandando para um Caminho errado, justamente para te sacanear.

Nos mais de 1.500 km que caminhei, cruzando a Espanha e cruzando Portugal, em nenhum momento eu havia me deparado com duas setas amarelas te enviando para caminhos diferentes.

É verdade que no Caminho que cruza Portugal, partindo de Lisboa até Santiago de Compostela na Espanha, por diversas vezes, deparei-me com bifurcações sem nenhuma seta amarela e que você também tinha que decidir que trilha seguir. Neste caso, eu tinha excesso de setas amarelas, eram duas setas no mesmo local indicando caminhos diferentes.

Não tive como não me recordar do enorme problema que tive na minha caminhada de 2011...

(...)

“Caminho de Santiago de Compostela - 2011 - de Lisboa/POR a Santiago de Compostela/ES”

Como eram 6 km, em uma hora e meia, eu teria concluído o percurso, e na medida em que eu caminhava e ia aparecendo algumas bifurcações ia, também, aparecendo as benditas setas amarelas que me conduzia pela trilha correta. E assim, na primeira meia hora, corria tudo muito bem. Porém, logo apareceu a primeira, que não seria a última, bifurcação sem nenhuma seta amarela.

Procurei a seta amarela por tudo quanto foi canto e não encontrei e aí a ficha começou a cair: Eu estava atravessando uma floresta de pinheiros, que logicamente, eram cortados e replantados de tempos em tempos, pode ser que alguns dos pinheiros onde existiam as marcações, feitas em 2006 - conforme informação do guia do Alexandre Rato - tenham sido cortados.

As quantidades de troncos cortados encontrados em vários pontos da trilha somente confirmavam minha suspeita. Além deste fato tinha mais um agravante, havia varias pequenas trilhas que adentravam dentro da mata 100, 200, 500 metros e terminavam, pois eram trilhas que, parecem que foram feitas, para o corte e coleta da madeira dos pinheiros e que não levavam a lugar nenhum.

Resumindo o caso desta primeira bifurcação: Como a primeira errada feia que eu tinha dado foi na etapa dois, e lá numa bifurcação, eu tinha optado pela trilha da esquerda, desta vez, usando todo o rigor científico que o caso exigia, optei pela trilha da direita. Pimba!! Era a correta, pois depois de uns 15 minutos de caminhada encontrei uma seta amarela.

Ciente e preocupado que este fato podia se repetir, pelo motivo já explicado acima, redobrei minha atenção e esmiucei o mapa detalhadamente, porém, infelizmente, nada o mapa acrescentou, apenas me deu a certeza que havia muita mata pela frente. Menos de dez minutos depois de ter passado pela seta amarela que tinha me dado a certeza que eu tinha pegado a trilha correta na encrenca anterior, lá estava eu na mesma encrenca, digo, em outra encrenca: Uma bifurcação sem seta amarela.

Depois de muito avaliar, peguei a trilha da direita. Caracas!! Era a incorreta, em menos de cinco minutos a trilha passava no meio de um incêndio, que tinha ocorrido a pouco, pois ainda havia muita fumaça. Voltei toda a trilha, sentei, enxuguei o suor e me pus em reunião com Thiaguim e Fatinha pra saber que rumo tomar. E olha que eu não tava muito bom com eles não! Conversa vai, conversa vem e o consenso não chegava.

O Thiaguim votou na da esquerda e Fatinha votou na da direita, deu empate e o pior é que eu que tive de

dar o voto de minerva! Lá vou eu de novo tentar atravessar aquela trilha toda chamuscada, pois algo me dizia que depois daquele pedaço de trilha chamuscada eu encontraria uma seta amarela do outro lado e estava tudo resolvido. Ledo engano!

Atravessei aquele pedaço de trilha chamuscada o mais rápido que pude e confesso que senti saudade das minhas botas, mas de qualquer modo sai do outro lado confiante de que encontraria uma seta amarela. Andei mais uns 400, 500 metros e a trilha só foi afinando até acabar totalmente em lugar nenhum.

Voltei meio beijado com o Tiaguim e com a Fatinha, mas também pensei: Quem sabe neste momento eles não estão me carregando no colo! Atravessei de volta aquele pedaço de trilha chamuscada e peguei a outra bifurcação. Caminhei durante uns 20 minutos e encontrei uma seta amarela. Fiquei muito feliz, mais nada confiante, pois ainda havia muita mata pela frente!

Para encurtar a história, encontrei mais três bifurcações sem indicação de que rumo tomar e em todas eu tive que seguir uma das opções. A encrenca foi maior quanto encontrei uma bifurcação em que uma das “pernas” se abria em três e a outra “perna” se abria em duas.

Desta encrenca de cinco “pernas” eu demorei a sair e somente depois de cerca de uma hora de erros e

tentativas e suspiradas profundas, eu ouvi o barulho de motor e fiquei atento. O barulho foi se aproximando e na curva eu vi surgir um pequeno trator guiado por um senhor. Ao me ver, ele ficou assustado, mas logo percebeu, que eu não era nenhum ET, apenas alguém esquisito, pra não dizer desesperado.

- Esta trilha que o senhor estar seguindo, vai para Albergaria a Nova - perguntei (vilarejo que, pelo mapa, fica a menos de 1 km, depois da saída do bosque).

- Para onde tu vais?- perguntou ele, antes de responder minha pergunta.

- Vou para Santiago, Espanha! - respondi.

- Espanha!?

- Sim, Espanha! - repeti.

- Não estou a saber que por aqui se vais a Espanha! - respondeu ele.

- Ok! Peregrino, para Santiago. Pelo meu mapa (mostrei o mapa para ele) depois deste bosque, que iniciou em Albergaria a Velha, se chega a Albergaria a Nova! Estas a seguir para lá!? - perguntei.

-Sim, estou!..

- Posso segui-lo!...

- Se queres! - disse ele.

Ufa, ufa, ufa!!! Suspirei três vezes e sair a seguir o seu trator. Em menos de 20 minutos surgiu uma trilha já fora do bosque das trilhas chamuscadas!

(...)

Voltemos ao Caminho... depois de muito avaliar que seta seguir, optei por seguir a seta amarela que mandava sair dos trilhos, principalmente pelo fato da placa que havia lá embaixo a indicar o rumo do caminho. O problema é que praticamente não existe acesso até esta placa e para alcançá-la, e prosseguir a caminhada, eu preciso escorregar, de quatro, por um enorme barranco.

Depois de escalar o barranco e chegar até a placa, consegui enxergar uns 50 metros a frente. Era um quase despenhadeiro adentrando em uma densa floresta. E é para lá que a placa está te mandando. O primeiro pensamento que te vem à cabeça é que deve ter alguma coisa errada, não é possível que este quase despenhadeiro, forrado de pedras soltas de tamanhos variados (Pedras com tamanho de uma uva, tamanho de um ovo, tamanho de uma maçã, tamanho de um mamão, tamanho de uma melancia....) seja o caminho da Fé!

Dei uma parada, respirei fundo, consultei meus mapas, consultei meus companheiros de caminhada (Thiaguim, Fatinha e Cidinha) e todos foram unânimes: Este é o Caminho da Fé!

Caracas, eu já tinha caminhado até ali, mais de 500 km, tinha enfrentado subidas de 30, 20, dez passos, mas

ainda não tinha visto nada parecido com este quase despenhadeiro e esta floresta densa com leito de pedras.

O pior era que eu não conseguia identificar um único sinal de que alguém tenha passado por ali nos últimos anos. Agora fazer o que? A seta amarela mandava para aquele rumo, a placa mandava para aquele rumo, Thiaguim, Fatinha e Cidinha mandavam para aquele rumo, só me restava prosseguir, porém, pensava comigo: logo a frente este quase despenhadeiro com leito de pedra deve entrar em uma planície e tudo estará resolvido!

Disse isso para mim mesmo, mas sem muita convicção, pois a última lembrança que eu tinha de uma floresta, não era nada boa, que era justamente a floresta de pinheiros cheia de bifurcações conforme já narrado.

Como veem, eu tinha motivos de sobra para estar receoso de atravessar esta floresta, porém eu não tinha nenhuma opção, a não ser prosseguir. E prossegui.

Por vias das dúvidas, antes de adentrar aquela floresta, peguei meu canivete na mochila, abri e segui com ele em punho. Se alguma onça aparecesse, pelo menos eu teria um canivete para me defender.

Foram 4 km caminhando no seio desta floresta, que apesar de não haver tantas bifurcações, também não havia muitas setas amarelas, que é o GPS do caminho. A caminhada era quase que por instinto, pois eu sempre seguia sobre o leito de pedras e sempre descendo.

Eu continuava estranhando a falta de sinais da passagem de peregrinos por aquele caminho, pois às vezes, eu precisava abrir passagem com meu canivete e cortar e/ou quebrar galhos e cipós para abrir caminho e continuar caminhando.

Depois de quase duas horas de floresta abaixo, me deparei com uma cerca que tinha uma pequena passagem rústica de madeira ao lado por onde adentrei e pude avistar, adiante, uma planície com uma estradinha de terra e uma seta amarela pintada em um tronco de árvore. Era o GPS do caminho voltando a dar sinal!

Depois de cerca de 2 km, chegando ao meu destino, cruzei com uma linha de trem e neste momento uma dúvida ficou na minha cabeça: Seriam aqueles trilhos os mesmos que deixei lá atrás para adentrar a floresta?

Somente tive resposta para esta pergunta quando cheguei ao meu destino, e ao conversar com o dono do Albergue, ele me explicou que aquele caminho que eu tinha feito, deixando os trilhos e descendo aquele quase despenhadeiro dentro de uma floresta, não era mais usado há muito tempo e mesmo quando ele era usado, somente passavam por lá os tropeiros a cavalo, justamente para evitar os trilhos.

Portanto, quando eu vinha nos trilhos e vi aquela placa mandando descer para a floresta, eu deveria a ter

ignorado e seguido nos trilhos que teria me levado praticamente até a porta do meu albergue.

Apesar do cansaço, não me lamentei, apenas agradei meu “Amigo lá de Cima”, que mesmo eu tendo escolhido o caminho errado, ele me guiou até meu destino.

“Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito.”

(Chico Xavier)

Pipoca com queijo crocante

26ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁵⁴Piracuama (SP) / Pindamonhangaba (SP)

Distância até Aparecida: 63 Km

O Albergue que me hospedei, em Piracuama, chama-se Pousada Champêtre e é, por sinal, uma bela pousada cravada no topo da Serra da Mantiqueira. Possui vários chalés cercados de muito verde e uma vista deslumbrante da vasta Serra da Mantiqueira. Os proprietários da Pousada, Sr. Paulo e Dona Ana, com uma ternura maternal, completam este ambiente perfeito e de uma paz inesquecível.

A Visão panorâmica da Serra da Mantiqueira, o som dos pássaros ao entardecer e ao amanhecer, o aroma do campo e das flores, o sabor dos bolos caseiros e a leve brisa a acariciar minha pele, estão impregnados em todo meu

⁵⁴ Piracuama é um bairro rural de Pindamonhangaba, distante 18 Km do mesmo.

ser, e tenho certeza que enquanto vida eu tiver, esta será uma lembrança eterna.

Depois de pernoitar neste paraíso, acordei bem cedo e depois de saborear diversos sabores de bolo caseiro e de iniciar minha caminhada ao som dos pássaros despertando, tive ainda a companhia de uma leve brisa nos cinco primeiros km deste trecho.

A partir daqui, você começa a atingir a planície do pé da Serra da Mantiqueira e a caminhada se torna suave e sem terrenos íngremes.

Na planilha do Caminho, que relaciona os locais de pouso, encontro três sugestões de hotéis em Pindamonhangaba, que na realidade, nenhum morador chama a cidade por esse nome, todos a chamam de “Pinda”.

Dos três hotéis indicados, escolho o Hotel Brasil que fica bem no Centro da Cidade a uns 50 metros da praça principal. É uma pracinha pequena, com todo tipo de comércio em volta e nas ruas próximas.

Depois de tomar um banho saio para almoçar e já encontro vários restaurantes ali bem pertinho. Depois do almoço, por volta das 15:00 horas, caminho até a praça, sento em um dos bancos e fico a observar o vai e vem das pessoas e, principalmente, começo a “curtir” a “rádio” da praça.

Isso mesmo, a praça possui um serviço de som, com vários alto falantes espalhados pela praça, que funciona durante todo o dia, onde um locutor, nos intervalos, entre uma musica e outra, faz publicidade de algumas lojas que circundam a praça.

O locutor me pareceu um profissional, pois fala muito bem e vai interagindo com aquele mundo em volta da praça. Em um momento ele diz atender um pedido de um tímido apaixonado que dedica a próxima musica para a garota da loja de tecidos.

Em outro momento, depois de fazer seu comercial da liquidação da loja de calçados, ele oferece a próxima musica aos ouvintes da praça. E assim, a tarde avança e quase nem percebo que a noite se avizinha, quando então, decido voltar ao hotel, não sem antes passar no pipoqueiro do canto da praça e comprar a melhor pipoca com queijo crocante do Brasil, pelo menos é o que diz o pipoqueiro. Não conhece pipoca com queijo crocante?... Que pena!

*“A praça é do povo como
o céu é do condor.”*

(Castro Alves)

Seguir o rebanho

27ª etapa - Grau de dificuldade: DIFÍCIL

⁵⁵Pindamonhangaba (SP) / ⁵⁶Distrito de Moreira César (SP)

Distância até Aparecida: 40Km

⁵⁵ **Pindamonhangaba** é um município da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte no estado de São Paulo, no Brasil. O município está a cerca de 100 km da divisa com o estado do Rio de Janeiro e a cerca 50 km da divisa com o estado de Minas Gerais. A população aferida pelo IBGE no Censo de 2010 era de 146 995 habitantes. A cidade possui o maior polo industrial de reciclagem de latas de alumínio da América Latina. Também possui a maior comunidade ligada ao Movimento Hare Krishna da América Latina.

⁵⁶ **Moreira César** é um distrito do município de Pindamonhangaba, localizado a leste da cidade, no Vale do Paraíba. Moreira César possui quase 40 mil habitantes segundo a última pesquisa, em 2010. É considerado um dos maiores distritos do Estado de São Paulo, e detém uma economia maior que a média das cidades brasileiras apesar de não ser um município. O nome do distrito se deve ao Coronel do Exército Antônio Moreira César, morto em Canudos, BA, quando comandava tropas do Governo, em 1897. Moreira César faleceu após haver sido atingido, na madrugada de 4 de Março de 1897.

Este é o penúltimo percurso do Caminho. Mas como sempre, levanto bem cedo e parto do centro de “Pinda” até o meu próximo destino: Distrito de Moreira César que fica a apenas 17 km. Vou seguindo as setas amarelas pintadas em postes, detrás de placas e em alguns muros.

De “Pinda” até meu destino final, Cidade de Aparecida, são apenas 34 km e até daria para fazer este percurso em apenas uma etapa. Porém, resolvi fatiar em duas etapas, fazendo uma parada em Moreira César, para possibilitar que minha namorada, caminhe a última etapa, amanhã, junto comigo, ou seja, caminharemos juntos os 17 km finais, de Moreira César à Aparecida.

Portanto, esta etapa de hoje, é a última etapa em que estarei caminhando “sozinho”, e de forma quase que automática minha cabeça vai organizando e arquivando meus aprendizados dos caminhos trilhados.

Até aqui, foram mais de 570 km caminhados. O que corresponde a cerca de 1.140.000 (um milhão, cento e quarenta mil) marcas de passos pelo caminho.

Muitos sentidos e sentimentos foram postos a prova, e todos, de uma forma ou de outra trazem permeados em suas entranhas os aromas, os sabores, os sons, as brisas e as paisagens do Caminho.

Dizem os estudiosos que o ser humano utiliza entre 350 a 450 sentimentos para expressar o seu estado de espírito. Parece um número muito grande, no entanto, isto

não é nada se tomarmos como base que todo ser humano é um universo único, embora o que percebemos é que as pessoas preferem, quase sempre, seguir o “rebanho” abrindo mão do seu universo e da sua individualidade e evitando, cada vez mais, a companhia de si mesmo.

Por volta das 12h cheguei ao meu destino, Distrito de Moreira César. Foi uma caminhada tranqüila, porém toda ela as margens da rodovia, ao contrario das outras etapas que são, quase sempre, em trilhas e estradas vicinais de fazendas e sítios.

Por volta das 17h minha namorada chegou. Ela veio de Goiânia até São Paulo de avião, de São Paulo até Aparecida de ônibus e de Aparecida até aqui, Distrito de Moreira César, de Taxi.

Agora é repousar e partirmos juntos amanhã para a última etapa desta caminhada, são apenas 17 km até a Catedral de Aparecida.

“Eu gostaria de lhe agradecer pelas inúmeras vezes que você me enxergou melhor do que eu sou. Pela sua capacidade de me olhar devagar, já que nessa vida muita gente já me olhou depressa demais.”

(Padre Fábio de Melo)

Os donos da Fé

28ª etapa

Distrito de Moreira Cesar (SP) / ⁵⁷Aparecida (SP)

Distância até Aparecida: 17 Km

O dia é chegado. Pela terceira vez, estou prestes a realizar mais um sonho. A paz interior é plena e minha

⁵⁷ **Aparecida** é um município brasileiro no interior do estado de São Paulo, Região Sudeste do país com uma população em 2014 era de 36 184 habitantes. A cidade é popularmente denominada **Aparecida do Norte** em razão da construção da Estrada de Ferro do Norte (depois Estrada de Ferro Central do Brasil). As origens do município remontam à fé consolidada ao redor do encontro da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida no curso do Rio Paraíba do Sul por pescadores, em 1717. Os milagres atribuídos à representação levaram à construção de uma capela, em 1745, ao redor do qual se estabeleceram vários fiéis e os primeiros residentes. O número crescente de fiéis implicou na construção de um templo maior, a atual Basílica Velha, que foi inaugurada em 1888 e substituída pela nova Basílica de Nossa Senhora Aparecida na segunda metade do século XX. Esta configura-se como o maior centro de peregrinação religiosa da América Latina, recebendo anualmente milhões de visitantes, os quais fazem do município um dos principais núcleos turísticos do Brasil.

conversa com Deus é tão sincera, quanto o dialogo de duas crianças.

As dores no corpo, o peso da mochila, o suor que escorre do rosto, não são nada frente à paz e a quietude de minha alma. Aparecida me espera, logo ali!

Enquanto caminho, busco em minha memória os nomes, os rostos e os locais daqueles que são os verdadeiros donos da fé, e que fizeram de mim, apenas um mensageiro de suas Fé, me incumbindo de levar suas preces até minha amiga “Cidinha”.

A primeira missão que tive, como mensageiro da Fé, foi a missão dada pelo Sr. Moacir, lá do inicio da caminhada, numa fina estrada de fazenda que cruzava um enorme canavial, entre Sertãozinho/SP e Dumont/SP.

Baixinho, levemente gordo, aparentando uns 40 anos, montado em uma velha moto. Ouvi o barulho lá longe. Na medida em que ele ia se aproximando, ia também, diminuindo a velocidade da sua moto, até parar, ao meu lado.

- Bom dia! - disse ele.

- Bom dia! - respondi.

- Desculpe a intromissão, mas o senhor não é desta região, é? - indagou.

- Não, não sou. Estou iniciando uma caminhada até Aparecida. - respondi

- *Num credito* (sic), sozinho e a pé?

- Sim! - respondi.

- Eu moro num sitio ali adiante e passo por aqui todos os dias para tirar o leite de umas vacas e de vez em quando eu cruzo com um pessoal de bicicleta, dizendo que vai para Aparecida, mas sozinho e a pé eu nunca encontrei.

- Pois é, estou sozinho e pretendo chegar lá a pé.

- Meu sonho é um dia poder ir até lá. Mas eu quero ir é a pé e pra isso eu tenho que emagrecer muito, senão eu não dou conta.

- Não, não precisa nada disso. É o caminho que molda o peregrino. Basta o senhor querer. O Caminho faz o resto. - disse isso e sorri, já percebendo um brilho diferente em seu olhar.

- Ah, eu quero muito, um dia eu vou!... Mas reze por mim lá em aparecida e que Ela te acompanhe até lá!.

Esta foi à primeira missão que recebi no Caminho.

A segunda missão foi de um Senhor que eu não sei o nome, entre Inconfidentes/MG e a Borda da Mata/MG. Ele vinha montado em uma bicicleta antiga, e ao passar por mim, no mesmo sentido, enquanto seguia em sua bicicleta, falou:

- Vai para Aparecida?

- Sim! - respondi.

- Vai com Deus!... Reze por mim!

A terceira missão que recebi, foi da Freira Elza, conforme já narrei.

A quarta missão que recebi foi da D. Maria, de Crisólia/MG. Dona da Pousada que fiquei.

A quinta missão que recebi foi de uma forma inusitada. De manhã, bem cedo, por volta de 06:30h, fazia bastante frio, cerca de 12°C. Saí do Albergue de Estiva/MG. e caminhava pela rua principal, de duas pistas, rumo a trilha do Caminho quando ouvi alguém gritar do outro lado da rua:

- Peregrino! Peregrino!.. - Era uma senhora, de camisola, com uma fina blusa de frio sobre a mesma, que caminhava em minha direção, debaixo daquele enorme frio. Parei e esperei.

- Sei que vais para Aparecida... Meu nome é Rita... Levanto bem cedo para buscar o pão na padaria e tive a graça de ser um peregrino a primeira pessoa que vejo no dia de hoje! Isso traz muita sorte. Queria só te agradecer e desejar que Deus te abençoe por todo o seu Caminho!.. Reze uma Ave Maria por mim, em Aparecida! - concluiu Rita com um sorriso de mãe. Segui feliz e abençoado!

A sexta e última missão que recebi foi de um morador de rua da periferia de Paraisópolis, e não foi somente uma missão... foi uma lição.

Saí de Paraisópolis bem cedo, sol nascendo no horizonte com um frio intenso e uma fina garoa. Na medida

em que eu caminhava ia deixando a cidade para trás, adentrando nas estradas vicinais da cidade, já em uma estrada de terra. Ao longe, lá na frente, avistei do lado esquerdo da estrada, um pequeno barraco de papelão e na sua frente um grupo de duas ou três pessoas ao redor de uma pequena fogueira, tentando fugir do frio. Como havia uma fina nevoa, eu enxergava apenas os vultos, não dava ainda para distinguir se eram homens ou mulheres.

Instintivamente, e na medida em que eu me aproximava deste grupo, fui me afastando para o lado direito da estrada, pois na minha cabeça eles poderiam ser usuários de drogas e como ainda era bem cedo, na minha cabeça, eles teria amanhecido o dia ali, usando drogas.

Na medida em que fui me aproximando, pude ver que era um casal com uma criança de uns dois anos, e na pequena fogueira havia uma panela com algo sendo fervido.

Antes de eu os cumprimentar, com meu tradicional bom dia, de lá do outro lado da estrada, o homem falou:

- Bom dia Peregrino! Estamos fervendo um leite, você não aceita um copo? - por uns segundos fiquei sem ação com aquela proposta. Porém, parei e respondi:

- Agradeço muito... muito obrigado, mas eu acabei de me alimentar...

- Tá bom! Que Deus te acompanhe... Estaremos orando pela sua caminhada... Vai com Deus! - Disse isso,

abriu um leve sorriso, ergueu o braço direito e me deu adeus. Sua esposa e o pequeno filho o acompanharam no leve sorriso e no gesto de adeus.

Segui meus passos, ainda confuso, sobre o que tinha acabado de ocorrer e aos poucos fui percebendo, o quanto ainda somos imperfeitos e preconceituosos. Pois eu estava fazendo um caminho de peregrinação, um caminho da fé e mesmo assim, a minha primeira reação ao avistar aquela família de longe, foi de preconceito.

Antes mesmo de conhecê-los, eu já queria distância dos mesmos, e, no entanto, o que a realidade me mostrou foi que, apesar daquela situação difícil pela qual aquela família estava passando, eles ofereceram, a um estranho, um pouco do seu alimento - um copo de leite.

Apesar de não ter aceitado o alimento que eles me ofereceram para o corpo, pois o meu corpo já estava saciado, aceitei de coração alimento que eles me ofereceram para a alma, visto que o mesmo é uma fonte inesgotável de humildade e de Fé.

Percebi que todas as pessoas que encontrei no caminho e que me fizeram mensageiro de sua fé, todos me pediram algo, ou seja, me pediram para rezar por eles, porém nenhum agiu como este cidadão. Ele não me pediu nada, pelo contrario, disse que estaria rezando por mim. Ou seja, mesmo na sua condição de extrema dificuldade, ele certamente tem o hábito de agradecer mais e pedir menos.

Diante de tal lição, não tenho a menor dúvida, de que, os verdadeiros donos das Fé, são aqueles que agradecem mais e pedem menos.

E o último dia de caminhada, é dia de lembranças. De lembrar que lá no início da Caminhada eu tinha muitas dúvidas sobre minha capacidade de concluir este caminho, pois havia muitos desafios postos pelo Senhor Destino:

Era um joelho sem o menisco e sem o ligamento cruzado anterior (LCA), era uma fratura no calcânhar direito, era um estiramento na panturrilha esquerda e o mais desafiador, era um Stent e sete micro molas que eu tenho implantado na cabeça após uma cirurgia de aneurisma.

Com todos estes desafios eu tinha muitas desculpas, para não voltar a peregrinar. Sim, eu poderia maldizer a minha sorte e sair lamuriando para o mundo, porém, há muito, o meu mantra é esse: “o nosso Amigo lá de cima, jamais coloca uma carga maior do que nossa capacidade”.

Quando sentir que sua carga parece maior do que sua capacidade, é justamente aí que Ele estará te carregando nos braços, para que sua fé e o seu esforço atravessem mais esta tempestade.

A Catedral da Fé se aproxima. Já avisto, ao longe, a silhueta do conjunto da Basílica da Fé. E na medida em que me aproximo da Casa da minha amiga “Cidinha”, os sentimentos de emoção, fé, amor, esperança, paz, alegria,

tristeza e ternura... Todos, todos se fundem em um só sentimento, em uma só palavra: Agradecimento!

“Caminhar com bom tempo, numa terra bonita, sem pressa, e ter por fim da caminhada um objetivo agradável: eis, de todas as maneiras de viver, aquela que mais me agrada”.

(Jean-Jacques Rousseau)

“Caminhar perto de coisas e pessoas de verdade, desfrutar desse amor absolutamente sem fraudes, nunca será perda de tempo. O essencial faz a vida valer a pena.”

(Rubem Alves)

Enquanto estiver vivo, sinta-se vivo. Se sentir saudades do que fazia, volte a fazê-lo. Não viva de fotografias amareladas... Continue, quando todos esperam que desistas. Não deixe que enferruje o ferro que existe em você. Faça com que em vez de pena, tenham respeito por você. Quando não conseguir correr através dos anos, trote. Quando não conseguir trotar, caminhe. Quando não conseguir caminhar, use uma bengala. Mas nunca se detenha.

(Madre Teresa de Calcutá)

Planilha do Caminho

CAMINHO DA FE - SAÍDA: SERTÃOZINHO/SP - CHEGADA: APARECIDA/SP - 2015												
Distância: 600 km - Data Saída: 14 / Julho - Chegada: 14 / Agosto												
Etapas	Km's / ETAP.	CIDADES	Cidade	DIST. (km's)	PERNOITE	FOLGA	Albergue	Hotel	Km PERCORR	Km REST.	DATA	DIA SEMANA
1	18	SERTÃOZINHO - SP	1	0			x	x	0	602,0	14/Jul	TERÇA
2	19	DUMONT - SP (VERONESI)	2	19	X				19	583,0		
3	19	BONFIM PAULISTA	3	19					38	564,0	15	QUARTA
4	16	GRAVINHOS - SP	4	18	X				57	546,0	16	QUINTA
5	19	POSTO TEXAS - SP	5	17					75	529,0	17	SEXTA
6	13	SÃO SIMÃO - SP	6	13	X		x	x	92	516,0	18/19	SÁB/DOM.
7	17	SANTA ROSA DE VITERBO - SP	7	24	X				105	492,0	20	SEGUNDA
8	19	ESTALAGEM SOBREIRA - FAZ. S. JOS	8	22	X	X		X	129	470,0	21	TERÇA
9	20	TAMBAO - SP	9	24					151	446,0	22	QUARTA
10	29	CASA BRANCA - SP	10	32					175	414,0	23	QUINTA
11	15	ITOBÍ - SP	11	15	X				207	399,0	24/25	SEX/SÁB
12	17	VARGEM GRANDE DO SUL - SP	12	17					222	382,0	25	DOMINGO
13	28	S.R.FATURA(Águas da Prata) -	13	28	X				239	354,0	26	SEGUNDA
14	21	ÁGUAS DA PRATA - SP	14	21	X				267	333,0	27	TERÇA
15	24	POUSADA PICO DO GAVIÃO - M	15	24					288	309,0	28	QUARTA
16	10	ANDRADAS - MG	16	14	X	X			312	295,0	29/30	QUINSEX
17	21	BARRA (Mun. Ouro Fino) - MG	17	21	X				326	274,0	31	
18	15	OURO FINO - M G	18	19					347	255,0		
19	15	INCONFIDENTES - MG	19	15					366	240,0	1	SEXTA
20	15	BORDA DA MATA - MG	21	15	X			x	381	225,0		
21	17	TOCOS DO MOJI - MG	21	17	X	X			396	208,0	2	SÁBADO/DOMINGO
22	21	ESTIVA - MG	22	21					413	187,0	3	SEGUNDA
23	20	CONSOLAÇÃO - MG	23	20	X				434	167,0	04/05	TERÇA
24	22	PARAISÓPOLIS - MG	24	22					454	145,0	6	QUARTA
25	24	LUMINOSA - SP	25	24					476	121,0	7	QUINTA
26	16	CAMPISTA - SP	26	21	X	X	x	x	500	100,0	8	SEXTA - SEGUNDA
27	20	CAMPOS DO JORDÃO - SP	27	24	X		x	x	521	76,0	09/10	TERÇA
28	20	PIRACUAMA (Piadam.) - SP	28	20	X		x	x	545	56,0	11	QUARTA
29	20	PINDAMONHANGABA - SP	29	20	X				565	36,0	12	QUINTA
30	17	DISTRITO MOREIRA CESÁR - SP	30	17					585	19,0	13	SEXTA
31	17	APARECIDA - SP	31	17					602	0	14	

Não é o Peregrino que faz o Caminho, é o Caminho que faz o Peregrino!

Certificado do Caminho



VALDIR LEITE QUEIROZ
ATESTANDO SUA PARTICIPAÇÃO

COMO PEREGRINO NO

Caminho da Fé

O SANTUÁRIO NACIONAL OFERECE-LHE ESTE CERTIFICADO, COM AS
BÊNÇÃOS DA RAINHA E PADROEIRA DO BRASIL, NOSSA SENHORA
APARECIDA, PARA QUE PROSSIGA SUA PEREGRINAÇÃO NO VERDADEIRO
CAMINHO QUE É JESUS CRISTO.

APARECIDA 14 DE AGOSTO DE 2015

Dr. João Batista de Almeida

REITOR DO SANTUÁRIO NACIONAL



SANTUÁRIO
NACIONAL
APARECIDA

Nº 014992

Peregrino é aquele que busca algo mais do que a paisagem do Caminho

Valdir L. Queiroz é natural de Jussara. Peregrino e Advogado. Cinco livros publicados:

1 - Libertar Passarinhos - 1999

2 - Os Donos do Céu - 2007

3 - O Libertador de Bonsai - 2012

4 - Travessia - 2014

5 - Saudade do Futuro - 2016

Reside em Goiânia/GO. Presidente e fundador da ONG de Combate à Corrupção AVB Brasil - Agentes Voluntários do Brasil, com atuação nos 27 estados da Federação e em mais de 600 municípios.

C o n t a t o :
valdir@avbbrasil.org.br
Site: www.avbbrasil.org.br

O Caminho da Fé nasce em inúmeros locais do Brasil e todos levam até o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, o maior Santuário no mundo dedicado a Maria, Mãe de Deus. Localiza-se no Vale do Paraíba, no eixo Rio – São Paulo, e entre as duas cidades mais importantes do País. Por esse vale corre um rio de nome Paraíba, que foi palco do aparecimento da devoção que une todo o Brasil.

Hoje, o Santuário é um grande centro evangelizador, confiado ao zelo apostólico dos Missionários Redentoristas desde 1894, responsáveis pela pastoral e pela administração, no atendimento aos romeiros e peregrinos que chegam de todas as partes do País e do exterior.

Três Papas visitaram o Santuário Nacional: João Paulo II, no ano de 1980, Papa Bento XVI e o papa Francisco em 2013.

Durante o mês de outubro particularmente no dia 12, dia de Nossa Senhora Aparecida, pessoas de todos os recantos do Brasil visitam o Santuário Nacional, momento em que os olhos do mundo se voltam para acompanhar os festejos e a grande manifestação de fé do povo brasileiro.



CLUBE DE
AUTORES

